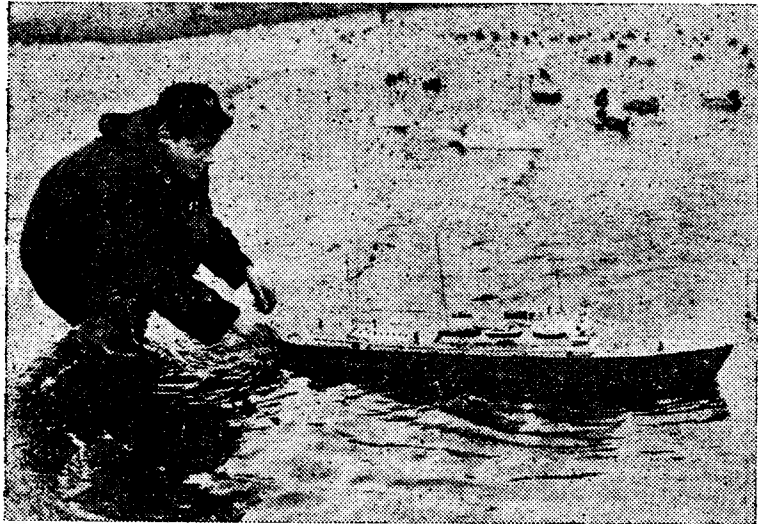


Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Os cisnes senhores dos lagos de St. James ou os patinhos vulgares que os escoltam, afastam-se porque vai a passar o iate real... Este rapazião inglês, de 14 anos, apaixonado pelas coisas do mar, construiu este precioso modelo do «Britannia» e impulsiona-o para a primeira prova de navegação em Round Pond—o canal de águas tranquilas que liga dois lagos de Hyde Park e de St. James Park. Daqui a alguns dias, nos lagos de Buckingham, o príncipe Carlos poderá experimentar igual sensação de alegria com o modelo da nossa «Sagres», que lhe vai ser oferecido pela Mocidade Portuguesa, em recordação da visita de sua mãe a Lisboa.



O grande Zavatta oferece-me um cigarro

A corte britânica em Portugal — (II)

A rainha Alexandra visitou Lisboa em 1905 e deixou uma perdurável recordação

Dois anos depois de seu marido, a rainha Alexandra visitou oficialmente Lisboa antes da Primavera de 1905: na segunda quinzena de Março. A soberana embarcou em Portsmouth, no iate real «Victoria and Albert», a 14 daquele mês. Desencandeou-se, porém, um temporal na Mancha e a partida foi sustada. Três dias enervantes de espera! Finalmente, a 17, o iate, ainda debaixo de mau tempo, fez-se ao mar. À tarde, todavia, açoitado pela tempestade, teve de arribar à base de Portland. Largou no dia seguinte.

Viagem tormentosa, através da Biscaya. Arribada a Vigo no dia 21. Saída ao entardecer. Enfim, na barra do Tejo, ao princípio da tarde de 22! A soberana fizera uma travessia fatigante, mas apareceu na ponte para receber as honras da esquadra portuguesa, ao largo de Cascais.

A subida do rio, em cortejo, foi um delírio. As 15 e 30 o «Victoria and Albert» fundeava em frente do Terreiro do Paço.

Nesse momento o bergantim real dirigia-se já para o iate. Conduzia D. Carlos, o infante D. Afonso e o príncipe D. Luís Filipe, que iam saudar a soberana a bordo. No Cais das Colunas, aguardavam-na D. Amélia e D. Maria Pia. Quando pisou terra portuguesa, a rainha Alexandra beijou D. Amélia, a qual logo lhe apresentou a sogra. No pavilhão carmeim, entre fardas, sobrecasacas, chapéus armados e chapéus altos reluzentes, Azevedo Castelo Branco, presidente do Município, leu a saudação de Lisboa. Em redor o povo aclamava. E formou-se o cortejo a caminho das Necessidades: Rua do Ouro, Rua Nova do Carmo, Chiado, Alecrim, Aterro, Santos, Janelas Verdes e Pampulha, por entre meia Lisboa em delírio de aclamações frenéticas.

A pomba branca e o cavalo espantado

Quando o coche real arrancou do Terreiro do Paço, uma pomba branca poisou, receosa, no tejadilho. Dali a pouco, esvoaçou, para voltar em

(Continua na 13.ª página)

A boa receita?...

OVIDEIO, 4 — Todos os dias bebia uma garrafa de anis e fumava seis cigarros Manuela Menendez, que faleceu agora com 107 anos, em Villamar. Alimentava-se apenas de pão e cebolas. Quando lhe perguntaram, aos 100 anos, a que atribuiu a sua longevidade, disse que seria, certamente, por se conservar solteira. — (A. N. L.)

(Continua na 3.ª pág.)

Em que razões a França fundamenta a tese da incompetência da O.N.U. para intervir na questão da Argélia

NAÇÕES UNIDAS, 4. — É a seguinte a análise da primeira parte do discurso hoje pronunciado por Christian Pineau, ministro francês dos Negócios Estrangeiros, na Comissão Política das Nações Unidas: I — POR QUE ACEITOU A FRANÇA A INSCRIÇÃO DA QUESTÃO ARGELINA.

Três razões essenciais: 1) «Responder publicamente às campanhas de difamação sistemática de que foi objecto a França, nos últimos anos, não só por parte dos rebeldes, mas também dos delegados de alguns países, muitos dos quais — disse Pineau — não têm o direito de dar lições à França».

2) «Destacar as ingerências estrangeiras na questão argelina. Com efeito, esta teria sido resolvida há muito tempo se determinas-

das potências não ateessem o conflito».

3) «Fornecer a cada um dos membros da Assembleia, depois de a França mostrar como cumpre um país democrático as recomendações da organização internacional, ocasião para demonstrar o mesmo respeito pela Carta».

Pineau destaca que é necessário lembrar que: «Nunca aceitámos; não aceitámos e nunca aceitaremos a competência das Nações Unidas, relativamente a um problema que, com base no Direito Internacional, consideramos de ordem essencialmente interna».

II — INCOMPETÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS.

O artigo 2), parágrafo 7) da Carta é formal, embora a O. N. U. tenha completamente esquecido o texto, por motivos políticos, pois exclui toda a competência das Nações Unidas nas questões relativas à soberania interna dos Estados.

O ministro enumera os argumentos legais que justificam a atitude do seu país: entre estes, o reconhecimento da Argélia, como parte integrante da França, pela totalidade das nações, e, recentemente, o facto de o tratado da N. A. T. O. considerar a Argélia um conjunto de departamentos franceses.

Pineau cita igualmente o texto de um eminente jurista internacional, Raul Fernandes, antigo ministro dos Negócios Estran-

geiros do Brasil: «A Argélia forma um grupo de departamentos. Faz parte do mesmo território, os seus habitantes têm os mesmos direitos e deveres. Os muçulmanos podem manter, em matéria de Direito Privado, o estatuto pessoal das suas leis religiosas, sem prejuízo da cidadania. Nestas condições, a inter-

(Continua na 13.ª página)

Kaganovich

dado como vítima de um atentado será o misterioso doente de Moscovo?

NOVA YORK, 4 — Kaganovich encontra-se entre a morte e a vida, em consequência de «um misterioso atentado a tiro», segundo revela hoje o «Daily News» de Nova York.

Baseando-se em informações obtidas em círculos afectos aos serviços de contra-espionagem, o correspondente do

(Continua na última página)



Ibn Saud, o monarca da Arábia do petróleo, senhor de grandes bens e de um harem que a sua religião justifica, foi acolhido nos Estados Unidos com todas as honras, bandas militares e salvas de canhão. O filho de Ibn Saud, a criança que se vê na imagem, entre o pai e Eisenhower, sofre de poliomielite e recolheu a um hospital onde Eisenhower já foi tratado. A criança carece de tratamento e a diplomacia soube aproveitar a oportunidade

Um extraordinário documento humano — (13)

Casamento e coexistência

por ELIZABETH SAROSDY

—O chefe da secção A da Exportação de Cabedais do Estado realizou o seu plano a 115 %.

Toda a sala aplaude freneticamente. O delegado do plano prossegue:

—Perante resultados tais chegámos à conclusão de que este plano é demasiado modesto.

Estou a assistir à assembleia do plano trimestral das empresas nacionalizadas do comércio externo. Apesar destas primeiras palavras de louvor, os responsáveis admi-

nistrativos ignoram ainda se vão sair da sala com livros de prémio (presente do ministro), ou se, pelo contrário, serão acusados pela Central do Controlo de não realização do plano ou mesmo de sabotagem. Só o delegado do plano poderia dizer o que se vai passar.

Círculo infernal

E' por isso que o chefe da Secção A da Exportação de Couros Curti-

(Continua na 14.ª página)

As horas alongam-se para os «faz-tudos» enquanto o espectáculo prossegue

O espectáculo começou há bem duas horas. Mas, se me perguntarem há quanto tempo foi, precisamente, não saberei responder. Nem eu nem os meus camaradas. O «nosso tempo» não é igual ao de todos. Não se divide em minutos. Marca-se em números, pelo programa do espectáculo transformado em relógio: «Faltam três números da primeira parte». «Estamos no quinto número da segunda parte». Não há que estranhar, portanto, se alguém perguntar as horas a um «faz-tudo», que ele responda muito naturalmente: «Estamos no número das focas amestradas».

Bem felizes, por sinal, as focas amestradas. Andam sempre gordas, lustrosas e bem tratadas. Recebem carícias e desvelos sem conto da

«Diário de Lisboa» publica hoje 24 PÁGINAS

oito das quais constituem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

sua bela dona, uma roliça alemã, de carnes duras e atitudes firmes. Não dá larga um só momento. Sorri-lhes como as donzelas virgens sorriem aos seus bem-amados. Atira-lhes beijos sem conta, com os dedos espetados nos lábios carludos, através da pequena carlona onde elas vivem. E elas correspondem-lhe, soltando sons estentóneos e batendo desajeitadamente as compridas barbatanas negras.

Bem felizes, por sinal, as focas amestradas. Trabalham dez minutos e regressam à jaula com a noite ganha, com o seu sustento e o sustento da dona assegurados. Por isso a bela alemã, roliça e femi-

(Continua na 3.ª pág.)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Fogo no estúdio de Fred Astaire

PITTSBURGO, 4 — As chamas destruíram um edifício onde se encontravam seis estabelecimentos comerciais, envolvendo em fumo acre a parte baixa da cidade.

Crê-se que o incêndio tenha principiado num tecto falso do estúdio de dança do actor Fred Astaire, no rés-do-chão do edifício. Ao cair a noite, os bombeiros ainda não tinham extinto o fogo. Ficaram feridos, pelo menos, 16 bombeiros.

Stephen Adley, chefe dos bombeiros, calcula que os prejuízos naquele prédio orçam por cem mil dólares, mas calcula também que os prejuízos, totais, em consequência da infiltração das águas nas estruturas dos edifícios vizinhos, ascendam a mais de um milhão. — (A. N. I.).

O PROF. MOYSE na Ordem dos Engenheiros

Hoje, às 21 e 30, mejsede da Ordem dos Engenheiros, Avenida António Augusto de Aguiar, 3-D., sob os auspícios do Instituto Francês, efectua-se a anunciada conferência do prof. Alexis Moysé, director do «Laboratoire de Photosynthèse du Centre National de la Recherche Scientifique de France», subordinada ao tema «A energia solar e a sua utilização biológica».

Esta conferência será pronunciada em francês e acompanhada de projecções.

HOMENAGEM a um médico

Como anunciamos, efectuou-se um jantar de homenagem ao sr. dr. Machado de Almeida, que, com sua esposa, se sentou ao lado do sr. Miguel de Almeida Melo, que presidiu. Assistiram setenta amigos do dr. Machado de Almeida, de quem fizeram o elogio como clínico distinto e carinhoso, a sr.ª Maria Glória de Vasconcelos e os srs. dr. João de Almeida, Miguel de Almeida Melo e Gustavo Henriques de Almeida. O homenageado agradeceu a prova de estima dos seus amigos e clientes e explicou os motivos que o determinaram na escolha da sua especialização médica.

Contra dores de cabeça e málestares

Cafiaspirina

refresca e anima

BAYER



Segurança de si mesma e da sua beleza transparecem nos olhos dela... Estes resultados notáveis poderão também obter por meio de um simples tratamento com

Placentubex

A colaboração do Estado com as actividades económicas

O alheamento em que se manteve por muito tempo o Estado perante as actividades produtoras tem sido apontado com frequência entre as razões que explicam a lentidão dos progressos da nossa economia; e, na verdade, desde que se pretendeu pôr em marcha um esforço mais vivo de activação do trabalho português, nomeadamente pelas Leis de Electrificação e de Industrialização promulgadas no final da guerra passada, foi a colaboração mais directa dos poderes públicos que se foi buscar um dos meios essenciais de estímulo à iniciativa económica privada. Os frutos dessa orientação mostram-se patentes em algumas das mais importantes realizações industriais do País na nossa época e em outras que devem fazer sentir em breve o seu influxo criador.

No entanto, ninguém desconhece que também nesse aspecto é preciso vencer ainda um longo e complexo caminho, a exemplo do que outros países têm percorrido com êxito nestes últimos anos. A própria experiência dos resultados conseguidos com a aplicação das referidas leis, com o regime de condicionamento, com a intensificação do ensino técnico, com os incentivos do Plano de Fomento ao esforço empreendedor particular e com outras modalidades de cooperação do Estado na actividade económica, cada vez mais longe, com o objectivo expresso de desencadear um mais acelerado processo de crescimento económico.

Foi com estes mesmos termos que o sr. ministro da Presidência definiu os objectivos inspiradores da acção de fomento conduzida pelo Estado, ao receber a Comissão Organizadora do Congresso da Indústria, em 10 de Janeiro passado. A realização deste empreendimento, em Maio próximo, foi considerada muito oportuna pelo referido membro do Governo, visto encontrar-se em preparação adiantada o 2.º Plano de Fomento, a executar em 1959-1964, no qual será dado especial relevo às realizações de carácter industrial. Foi assim fixado um princípio de colaboração mais eficiente e íntima entre o Estado e a iniciativa económica privada que figura, precisamente, entre as finalidades mais relevantes do Congresso.

A política económica na nossa época não pode dispensar, sem dúvida, essa colaboração; e a primeira forma que ela deve tomar é a do esclarecimento aprofundado dos problemas, das aspirações, das dificuldades e das possibilidades que envolvem presentemente a acção das forças produtivas e condicionam o seu êxito. Na medida em que o Congresso da Indústria, além de orientar os próprios industriais sobre as condições de desenvolvimento das suas actividades, contribuir para o conhecimento mais amplo dessas condições pelos poderes públicos, ficará cumprida uma das mais importantes missões que lhe são assinaladas.

Cabe ao Estado, até por preceito constitucional, um intervencionismo económico que as realidades do interesse colectivo impõem necessariamente no nosso País e nas circunstâncias actuais. Não lhe cabe, como é tantas vezes afirmado, substituir a iniciativa privada ou sobrepor-se a ela. É a acção do Es-

Uma revolução no tratamento das rugas

«Um salto brusco na ciência dos cosméticos»... foi desta forma que o Congresso Internacional de Paris denominou o tratamento com Placentubex.

É com efeito, o único produto que, à base do Serol, faz penetrar eficazmente na epiderme o extracto de placenta fresca. Os resultados são surpreendentes. Placentubex regenera a pele fatigada, faz desaparecer progressivamente os «pés de galinha», as rugas do queixo e do pescoço, voltando a dar às mãos um aspecto juvenil. A sua aplicação é extremamente simples: Esfrega-se na pele uma pequena porção de Placentubex, que se deixa agir durante 15/20 minutos, e depois aplica-se o creme gorduroso habitual. Um tubo chega para alguns meses. A venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120\$00.

Merz & C., Frankfurt/Main, Berlim, Zurique, Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos, Rua da Madalena, 273 — Lisboa.

Tauromaquia

No México

MÉXICO, 4.—Em Mirapanto tourearão ontem Angel Peralta, com 2 orelhas; Curro Ortega, aplaudido, e Ramon Tirado com 2 orelhas. Em Monterrey, Gaston Santos, com orelha; Rafael Rodriguez, Jesus Cordova e Damaso Domez, ovacionados; em Salvatierra, Silveti e «Litri» cortaram orelhas, rabos e patas e saíram em ombros e, em Acapulco, Briones cortou orelha e Lozano sofreu uma colhada de que tardará dez dias em curar.

Ontem, na capital, com touros de Piedra Negra, «Capetillo» mal matando o 1.º e bem no seu 2.º, em que cortou orelha.

«Litri» fez grande faina ao som da música, sendo-lhe concedida uma orelha e protestando o publico por não lhe serem dadas as duas. No seu 2.º foi ovacionado depois duma grande estocada. Aguilar mal matando. — (Efe).

Pequeno incêndio

num armazém de «ferro-velho»

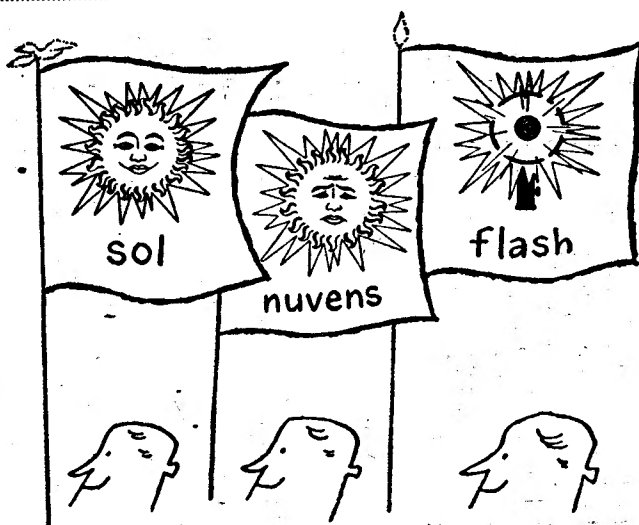
Pelas 10 e 15, declarou-se incêndio num armazém de «ferro-velho» na Travessa do Forno, ao Cruzeiro da Ajuda, cujo proprietário, sr. Guilherme Afonso Pinto, sofreu queimaduras no rosto, sendo conduzido ao Hospital de S. José pelos Sapadores Bombeiros. Estes apagaram o fogo, com vários populares, sob a direcção do chefe Hermes. Arderam latas com tinta e trapos velhos.

O ENTRUDO

Uma batalha de flores em S. Bartolomeu de Messines

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 4 — Constituiu-se nesta localidade uma comissão encarregada de promover uma batalha de flores nos dias de Carnaval, a qual promete ser das mais animadas do Algarve.

O produto das festas destina-se a auxiliar o custeio dum busto de João de Deus, a erigir nesta localidade, sua terra natal.



Com qualquer luz, o mais fiel rendimento de qualquer assunto

Tire um "INSTANTÂNEO FELIZ"

com o novo filme

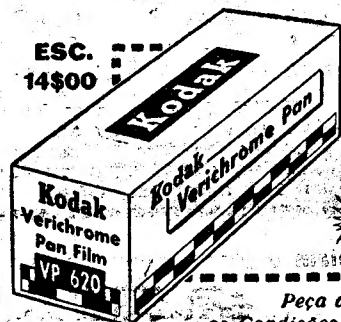
Kodak

VERICHROME PAN

e ganhe uma Viagem de Férias a Roma

num avião de

TWA



SOL: Escuros suaves, detalhes nítidos, expressões subtis realçadas

NUVENS: Boas fotografias com um mínimo de luz

FLASH: Fotografias em caso, ou à noite, tão naturais como ao sol

Peça a qualquer Revendedor Kodak as Condições do Concurso "INSTANTÂNEO FELIZ"

A última lição de D. Manuel de Bragança no I. S. de Agronomia

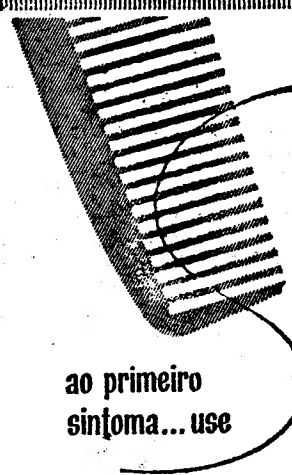
Na sala de actos do Instituto Superior de Agronomia está a dar a sua última lição, á hora a que escrevemos, o sr. prof. D. Manuel de Bragança que amanhã atinge o limite de idade.

Presidem o vice-reitor da Universidade Técnica, prof. Rui Mayer, e o director do Instituto, prof. André Navarro, e assistem o corpo docente e alunos, prestando homenagem ao prof. D. Manuel de Bragança, da ilustre Casa de Lafões e mestre muito estimado por colegas e alunos.

BOMBEIROS

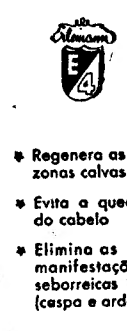
Voluntários de Tábua

TÁBUA, 4.—Tomaram posse dos cargos directivos da prestimosa Associação dos Bombeiros Voluntários de Tábua, os srs. dr. António de Oliveira e Costa Junior, José Teles Corte-Real e dr. Albino de Oliveira Mendes, respectivamente como presidente da direcção, assembleia geral e conselho fiscal.



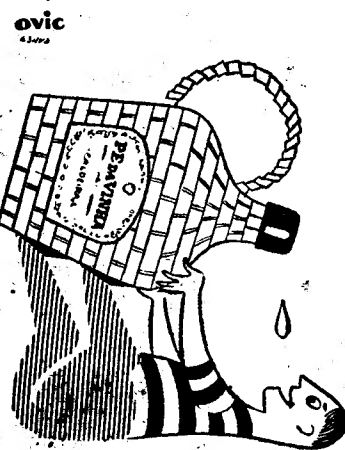
Diplona

Um produto biológico de máxima garantia



- Regenera as zonas calvas
- Evita a queda do cabelo
- Elimina as manifestações seboreicas (caspa e ardor)

A VITÓRIA DA CIÊNCIA ALEMÃ SOBRE A CALVIEZ



Peça

PÊ DA VINHA

QUE PEDE VINHO

CALDEIRA, LDA.

Uma experiência de vida

no contacto com a população do circo

(Continuação da 1.ª pág.)

na, lhes dispensa carinhos sem conta. Por isso a bela alemã, de carnes duras e atitudes firmes, não se esquece nunca de as banquetear antes de entrarem em cena, distribuindo-lhes doses magnanimas de fosforescente peixe fresco. Bem felizes, as focas amestradas...

Bem mais felizes que nós, obrigados a estar presentes do princípio ao fim do espectáculo, mesmo que não actuemos mais de duas ou três vezes. Pode acontecer que algum imponderável nos atire de roldão para a pista, a entreter o público enquanto se remedeia qualquer atraso ou se preenche alguma lacuna.

Um trapezista soltou-se das alturas e o seu corpo veio estatelar-se no chão, inerte, sem vida? Um cavalo de alta escola, numa piroeta caprichosa, quebrou uma perna e rebola-se de dor? Ou, pura e simplesmente, um leão, farto de obedecer, esfrangalhou o seu jovem domador? Pois bem, ao «faz-tudo» compete remediar a situação, servir de cortina entre o público e a desgraça, apagar-lhe da memória — tanto mais rapidamente quanto a sua arte lho permitir — todo o quadro de horror que a má sorte expõe no circo.

Em momentos destes, acredito, muitos de nós preferiamos ser focas amestradas.

— Não é verdade, Paciência? — Não obtenho resposta.

Pau para toda a colher

O Paciência está atarefado, a mudar de trajo. Um dos palhaços espanhóis que actuam na segunda parte ficou em casa, a contas com uma tremenda gripe. E' preciso substituí-lo e o Paciência é o indicado. O «faz-tudo» é pau para toda a colher. Não tem outro remédio. Sentados no cubículo, cada um fica entregue aos seus pensamentos. A pequena quadra, acachapada sob as arquibancadas, começa a ficar saturada de fumo.

Noto que respiro com dificuldade. Cada vez faço mais força para que o ar chegue aos pulmões. Os

olhos ardem-me. As pálpebras pesam-me como chumbo e por debaixo da cabeleira postiça sinto uma comichão levada de mil demónios. A pele da cara começa a estalar debaixo da pintura. Sinto os músculos arrepanhados, como se me tivessem coberto o rosto com adesivo. Isso mesmo. E' exactamente essa a sensação que eu tenho: Colaram-me um gigantesco adesivo sobre a cara.

Ao mesmo tempo sinto frio. O fato é largo, arejado e o cimento, onde me sento, tem a frialdade do gelo. Começo a ficar um pouco tonto. Olho os meus companheiros, mas nenhum dá sinais de cansaço. Só o Mariz é que continua, no seu canto, sucumbido à tristeza inexplicável que o não larga. Resolvo levantar-me e vir até ao corredor. Preciso respirar.

Afinal, estou com sorte

— Não se sente bem? — pergunta-me uma voz feminina, ao mesmo tempo que uma mão me toca, ligeiramente, num ombro.

— Viro-me. Na minha frente está Olga França (exactamente a filha do popular François França) que ocupa agora o lugar deixado vago por seu pai, ao cabo de muitos anos. Está dentro do segredo da minha estreia. Por isso sorri de me ver abatido.

E, afinal, eu não estou tão abatido que não consiga sorrir também.

Elegante na sua casaca e muito senhor do seu papel de «registador», o amável Fabianini vem ao nosso encontro. Ficamos os três a conversar. Recordam-se outras «experiências» iguais à minha, no tempo em que o cinema ainda não tinha desviado as atenções gerais dos ambientes circenses. Muitos queriam, então, entrar para o Circo: tantos quantos, hoje, passeiam petulantes, pela Baixa, as cabeleiras besuntadas com brilhantina e querem fazer «fitas».

— A esses curiosos, tratávamos-lhes nós da saúde — relembra o Fabianini. — Experimentavam uma vez e não lhes apetecia mais. Chegávamos a caracterizá-los com tinte-

tas de pintar paredes, a colar-lhes cabeleiras e barbas postiças com goma-arábica.

Um arrepiro sacode-me a espinha de cima abaixo. Instintivamente levo as mãos à cara e apalpo a cabeça. Os meus interlocutores riem com gosto. Verifico, aliviado, que fui mais feliz...

O grande Zavatta

Fico só, de novo, mas por pouco tempo. Arrastando os seus pesados andrajos, o «grande Zavatta» aproxima-se. A três ou quatro metros de mim, pára, olha-me dos pés à cabeça, sorri sobranceiro e pergunta como se fizesse uma afirmação:

— E' a tua primeira noite? Não lhe respondo. Tento encontrar as razões que o levaram a descobrir que sou estreante. E não atino com uma só.

O meu silêncio não o perturba. Dá duas passadas firmes, aproxima-se mais de mim e estende-me a mão, em concha, a transbordar de pontas de cigarros.

— Tira uma. Dá sorte. Ando sempre com elas, há 27 anos, desde que trabalho em circo. São as minhas companheiras e são, também, «vedetas» do meu numero.

Aceito a oferta e guardo uma «beata» como amuleto.

— Tens família no circo? — prossegue, com um ar de importância que não se quadra bem com a miséria do seu trajo e o ridículo da máscara. — Não? Bom, pode ser que tenhas jeito... Eu tenho as duas coisas: o numero com que arrebatamos o público, todas as noites, tem passado de pais para filhos desde 1815.

Entretanto, o Zecas, o Bengala e o Mariz saem do cubículo e juntam-se a nós. Animado com a presença dos meus camaradas, arrisco uma pergunta:

— Como arranjou essa fatiota imunda?

Zavatta não gostou do ar trocista com que o interroguei. Sente-se prejudicado com a chegada dos três «faz-tudos», velhos «leões» do Circo, que o não deixarão manobrar o «novato» à sua vontade. E atira-me, desdenhoso, uma resposta seca:

— Tneho-o desde que trabalho. Está farto de ouvir ovações. E' mais velho, na profissão, do que tu. E' mesmo muito velho...

E afasta-se, imponente, arrastando atrás de si todo o ridículo da figura que compõe e que o público aplaude com gaudío.

Não há graça que resista

— E' tão velho que já está a cair de podre! — tenta gracejar o Zecas.

Todavia não consegue desanuviar o ambiente. O «palhaço rico» amachucou o amor próprio de «palhaços pobres».

Eles sabem muito bem que um numero independente rende, por noite, qualquer coisa parecida com quinhentos escudos. Também já os ganharam muitas vezes, com os numeros próprios que todos eles têm e que exibem na provincia, durante as épocas de Verão. Mas



Sentados no chão, á entrada dos bastidores, vamos passando o tempo...

sabem também que, como «augustos de soirée» não podem tirar mais de setenta escudos por dia, mesmo quando fazem espectáculos á tarde e á noite.

O Pinguim junta-se ao grupo. Vem cabisbaixo e pensativo. Mal chega, murmura entre dentes:

— Ouve lá, aquela ideia das focas amestradas serem mais felizes do que nós não está mal vista, não senhor.

Ninguém percebe por que é que o Pinguim só agora me dá razão, nem tão pouco o que o leva a tomar uma atitude tão decidida. Mas ele não se rala e continua a falar, como se o fizesse só para si.

— Não está mal vista, não senhor! Elas nunca trabalham com a barriga vazia. Só aparecem na pista depois da dona lhes dar a dose habitual de peixe. Ao passo que nós...

O circo renova-se

Pelas arcarias dos corredores ressoa uma ovação. Terminou mais um numero. O publico gostou. E o espectáculo continua...

Conhecem-se de miudos. Pouco mais tinham além dos dez anos.

Ela chama-se Adélia. Ele Valdemar. Ela acompanhava os pais, que são trapezistas. Ele já ajudava o «velhote» a fazer rir o publico. Com o correr do tempo ela fez-se mulher, começou a desvendar os segredos da profissão que os pais lhe legaram, ao mesmo tempo que ia desvendando as suas graças femininas. Ele fez-se homem e... palhaço, um homem escorrido de corpo e espírito e um palhaço trabalhador e disciplinado.

Já não conviviam tanto, como no principio. Então, enquanto as suas famílias ganhavam, na pista, o pão que os sustentava, sobravam-lhes tempo para palrar encostados ás paredes dos bastidores, ou para brincar em escondidas no labirinto das bambolinas e dos cenários, dos reguladores e das cortinas, esbanjando a sua gaiatice em correrias e brincos pelos corredores das grandes casas de espectáculos.

O nome dela figura agora nos

cartazes dos pequenos «chapitaux» da provincia. O nome dele aparece todas as noites nas mais variadas «tabelas», ao lado do de seu pai, com quem forma «parelha», amontoando êxitos.

Quase famosos — ambos conhecem já o circo e o circo começa a conhecê-los — voltaram a encontrar-se, como atracções da mesma companhia.

Já não lhes sobra o tempo para palrar encostados ás paredes dos bastidores... Nem tão pouco qualquer delles sente vontade de brincar ás escondidas, que o «jogo» agora é outro, menos infantil — mas não menos puro — e não há bambolinas, nem cenários, nem reguladores, nem cortinas que possam esconder as traquinices de dois jovens corações apaixonados. Hoje, são marido e mulher. E há já uma criança loira, saudável e alegre, que os acompanha nas suas andanças profissionais. E também conhece um rapazinho que ajuda o «velhote» a fazer rir o publico.

O Circo renova-se no próprio «circo» da vida.

O fim...

O espectáculo terminou. Satisfeito, risonho. — «Estes «faz-tudos» são impagáveis» — o publico começa a abandonar a sala. O grande casarão, num instante, fica esvaziado, solitário e triste, como um esqueleto de animal pré-histórico, esquecido na sala ignorada de um museu que ninguém visita.

Lá em cima, no camarim do terceiro andar, bastam-me dez minutos para «matar» o «faz-tudo» estreante. Já não me chamo Mário, conquanto continue a ter vinte e poucos anos e adore o circo cada vez mais.

A correr, galgo a distancia que separa a «caixa» da leitaria onde comeci a minha aventura, peço um café e um bagaço — a receita do Zecas para ganhar coragem — e rabisco no papel as primeiras palavras destas reportagens: — «Palhaço por uma noite»...

(Texto de Vítor Direito e fotos de Denis Salgado).



Com
BRYLCREEM

a satisfação é completa...

... porque BRYLCREEM é tudo quanto o seu cabelo precisa!

Brylcreem é o tratamento preferido para o cabelo pelas seguintes três razões:

- BRYLCREEM segura o cabelo com firmeza e suavidade, mantendo-o bem penteado durante todo o dia.
- BRYLCREEM dá ao cabelo um brilho natural — tão diferente do vulgar aspecto oleoso.
- BRYLCREEM mantém o couro cabeludo limpo, saudável e sem caspa.

Frictionando todas as manhãs a cabeça com BRYLCREEM terá a satisfação de ver o seu cabelo revigorado e bem penteado durante todo o dia. Por isso Brylcreem é perfeito!



BRYLCREEM — O PRODUTO IDEAL PARA O CABELO



Leiam o jornal humorístico

sempre
fixe



PASTILHAS

RENNIE

A venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25

ACIDEZ?

As Rennie dão-lhe alívio instantâneo

Ao primeiro sintoma de acidez... Pastilhas Rennie: Chupe-as lentamente. Os seus ingredientes chegam ao estômago com todo o seu poder. Restabelecem rapidamente o equilíbrio ácido, removem a dor, e desconforto. Se não conseguir alívio com Rennie, procure o seu médico.



Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Têm a seguinte distribuição, as figuras masculinas da peça «O Revisor» em ensaio no Teatro D. Maria II: «o governador», Raul de Carvalho; «o juiz», Erico Braga; «o conservador», Manuel Correia; «o director dos correios», Paiva Raposo; «1.º burguês», Pedro Lemos; «2.º burguês», Ribeiro; «policia», José de Castro; «o comissário», Varela Silva; «o criado do funcionário», Luis Filipe; «o funcionário», Rui Luis; «o criado da estalagem», José Cardoso; «o criado do governador», Carlos Wallenstein; «o negociante», Rogério Paulo; «médico», Fernando Soares.

—A revista que está a ensaiar-se no Teatro Variedades, deve ser estreada a 8 de Março próximo.

—Por um período de dois meses, vai ser contratado da radiotelevisão «Record» de S. Paulo (Brasil) o tenor Tomé de Barros Ceirós.

—Entre o empresário Giuseppe Bastos e o escritor teatral Vasco Matos Sequeira, ficou assente, que na digressão a Lourenço Marques da companhia do primeiro, a realizar este ano, será representada uma revista original daquele autor e de Reinaldo Ferreira.

—Aida Baptista, Nantília de Oliveira, Guida de Carlo, Maria Helena Vieira, Camilo de Oliveira, Oscar Acurcio, José Viana, Tristão da Silva e Deo Maia fazem parte do novo elenco do Teatro ABC.

—Seguiu hoje para Madrid a companhia de circo que esteve a actuar no Coliseu.

—Regressou de Angola, onde efectuou uma longa digressão, a actriz Maria Alice.

—Ainda não está assente a estreia no Teatro Sá da Bandeira do Porto da peça «Doutora em Leis», que a companhia do Teatro da Trindade ali está a ensaiar.

—E' provável que o Teatro Experimental do Porto faça a sua estreia no Teatro da Trindade na próxima sexta-feira.

António Pedro

apresenta no Trindade «Gueras de Alecrim e Mangerona»

Pode dizer-se que a notícia da

próxima estreia em Lisboa do Teatro Experimental do Porto, despertou justificado interesse. Nem outra coisa era de esperar, pois, este notabilíssimo agrupamento que tem como director e animador o escritor António Pedro, conquistou na capital nortenha estrondosos êxitos, cujo eco já muito chegou até nós.

A estreia do T. E. P. far-se-á, brevemente, no Teatro da Trindade, que inaugura na altura o seu sistema de aquecimento. A primeira peça a representar será «Guerras do Alecrim e Mangerona», de António José da Silva, «O Judeu», obra magistral de um dos mais puros e talentosos representantes da «Comédia da Arte» em Portugal. Rico de inspiração, conhecedor profundo do jogo teatral e observador perspicaz, «O Judeu» tem uma obra com o interesse e valor de um Goldoni, de um Molière ou de um Marivaux. As suas personagens ariam-se ao lado das figuras criadas por estes, a cada passo presentes nos palcos de Londres ou Paris.

António Pedro ressuscitou esta obra extraordinária, adaptando o estilo aos olhos e ouvidos contemporâneos, assim conseguindo, sem adulterar a obra, um espectáculo rico, alegre, vivo, tão vivo como a eterna farsa da vida. Trata-se de uma peça estragada em 1737, por ocasião do Carnaval, que vai ser enquadrada num movimento de onze biombos que são uma admirável solução cénica de Eduardo Luís.

As estreias de hoje

No Tivoli

Título — «Atrás do espelho».

Produção — Americana.

Realização — Nicholas Ray.

Interpretes — James Mason e Bárbara Rush.

Argumento — Drama de um homem que enlouqueceu.

Processo — Cinemascope e cor de luxo.

Distribuição — 20th Century Fox.

Classificação — Adultos.

No Capitólio

Título — «O grande erro».

Produção — Americana.

Realização — Lewis Allen.

Interpretes — Edward G. Robinson e Nina Foch.

Argumento — Um homem que é solicitado por dois mundos.

Processo — Normal.

Distribuição — Sif.

Classificação — Adultos.

Teatro em Espanha

No teatro de Lara, de Madrid, foi reposta «La Malquerida», de Benavente, pela companhia da argentina Lola Membrivae.

—Estreou-se no Teatro da Comédia, da capital espanhola, uma peça em três actos de Geraldo Rivas, «Casamento imoral», interpretada por Alberto Closas, Manja Arquero, Maria Luisa Payan e Fernando Delgado.

Imagem do dia

A estreia desta noite no Tivoli é das que deixam rastro pela alta categoria da realização, da interpretação e da novidade do argumento — um autêntico libelo poderoso e implacável. O filme intitula-se «ATRÁS DO ESPELHO» e é magnificamente interpretado por JAMES MASON e Bárbara Rush. O argumento vai causar sensação pela audácia da sua mensagem de alto interesse humano. É um filme CinemaScope.

Recintos de diversões

No Salão Luso efectua-se hoje, às 21 horas, a festa artística de Frutuoso França. Neste festival colaboram mais de vinte artistas, a Orquestra «Abril em Portugal» e uma parelha de palhaços.

Para os nossos pobres

Em memória de Ricardo Covões, recebemos, com destino aos nossos pobres, 20\$00, que agradecemos, enviados por C. F. S.

Hoje — ESTREIA no

CAPITOLIO

do sensacional filme de CRIME, LEI e JUSTIÇA



O GRANDE ERRO

— Illegal —

com **EDWARD G. ROBINSON**
NINA FOCH **JANE MANSFIELD**

Produção



(Adultos)

UM DELEGADO DO MINISTÉRIO PÚBLICO SABIA COMETER ILEGALIDADES COLOCANDO-SE SEMPRE DENTRO DA LEI!

UM FILME AUDACIOSO!
Realização de **LEWIS ALLEN**



Abre hoje a bilheteira

NO TEATRO

MARIA VITORIA

Emp.ª Eugénio Salvador e Rui Martins, Ld.ª

ONDE AINDA esta semana **SALVADOR**

APRESENTA A QUERIDA VEDETA

BEATRIZ COSTA

NA NOVA REVISTA POPULAR

TOCA A MÚSICA!

Original de Amadeu do Vale
António Nazaré
Eug. Salvador

com musica de Jaime Mendes
Carlos Dias
Tavares Belo

(Para adultos)

ANTÓNIO SILVA

GLORIA MAY
TERESA GOMES
HUMBERTO MADEIRA
ANITA GUERREIRO

UMA REVISTA DESTINADA A DIVERTIR E ALEGRAZ LISBOA INTEIRA







AS 20,45 E 22,45 NO

3.ª VARIEDADES

EMPRESA ARTISTICA DE ESPECTACULOS, LDA.—Telef. 26037
SOB A DIRECÇÃO DE HENRIQUE SANTANA
A ADMIRÁVEL COMÉDIA POPULAR

O MILAGRE DA PRAÇA DA ALEGRIA

Uma comédia cheia de graça e humanidade, com **VASCO SANTANA**



Adultos

VIDA ARTISTICA

O III Salão de Arte Infantil da Região de Sintra

Está a organizar-se, na vila de Belas, o III Salão de Arte Infantil da Região de Sintra, que será inaugurado em Maio próximo em Sintra, e no mês seguinte em Belas.

A semelhança dos anos anteriores, este certame terá a valorização um júri especialista, constituído pelo prof. Calvet de Magalhães, professora D. Alice Gomes e professora D. Cecília Menano.

Segundo o regulamento, que está a ser distribuído pelas 142 escolas do concelho, este Salão está aberto a todas as crianças, dos 5 aos 15 anos de idade, da região de Sintra.

Os trabalhos, cujo prazo de recepção termina em 25 de Fevereiro próximo, deverão ser endereçados à Comissão Organizadora, Biblioteca João José de Aguiar (Secção Cultural do C. D. Belas), Belas; à Escola Primária de S. Martinho, Sintra; ou, ainda, entregues em Belas, aos srs. António Matta e Humberto Avelar, e, em Sintra, ao sr. professor Moisés da Cruz.

DE SUBITO ELA OLHOU PARA O MARIDO E PARECEU-LHE VER UM DESCONHECIDO NOS SEUS BRAÇOS!

JAMES MASON

BARBARA RUSH

WALTER MATTHAU

UM ESPECTÁCULO DE TENSÃO VIOLENTA E FORÇA IMPLACÁVEL QUE É UM GRANDIOSO ÊXITO MUNDIAL.

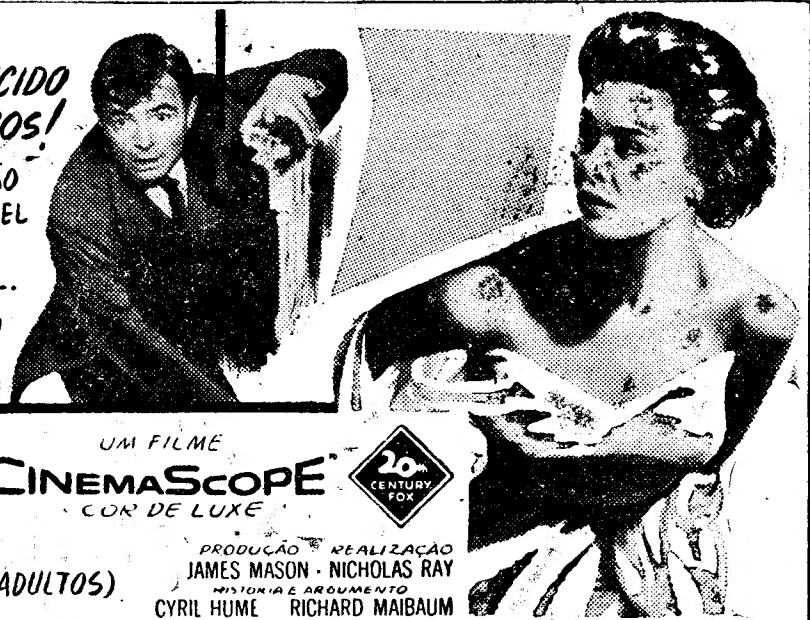
HOJE NO **TIVOLI**

ATRAIS DO ESPELHO

UM FILME **CINEMASCOPE** COR DE LUXE

(ADULTOS)

PRODUÇÃO REALIZAÇÃO
JAMES MASON - NICHOLAS RAY
HISTÓRIA E ARGUMENTO
CYRIL HUME - RICHARD MAIBAUM



PARAISO DE GUITARRAS

Travessa do Salitre, 1 (junto ao Hotel Condestável) Telef. 20841 e 368096
O Restaurante Típico de Categoria Internacional
 Todas as noites, Fados e Guitarradas
Hoje, estreia do castiço cantador MARIO ROCHA, que faz parte de um grandioso elenco
 Almoço, jante ou ceie, no ambiente de fado mais distinto.
 Dance ao som do Melodioso «CONJUNTO PARAISO»
 Reserve a sua mesa para o Carnaval mais alegre de Lisboa
 Seleção Rigorosa Para adultos

CAFÉ DE TIMOR

E velha muito velha 4\$00, uma pega 6\$50
 no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11 D — Até às 3,30 da manhã

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — **Atrás do Espelho** — TIVOLI
 DE HOJE: — **O GRANDE ERRO** — CAPITOLIO



A's 15,15 e 18,15
 (Prec. red.)
 e às 21,30
ULTIMAS
SENSACIONAL
 2.ª semana

Em rigoroso exclusivo
 Um espectáculo nunca visto em 60 anos
 de cinema

O MUNDO DO SILÊNCIO
 Em Technicolor
 com Frederic Dumas, Albert Farco e a
 voz de Fernando Pessa
 (Para 13 anos)



15,30-18,30 e 21,30
 Sophia Loren
 e Vittorio De Sica
 na deliciosa comédia em cinemascopo

PÃO, AMOR E...
 uma história de infâmicas gargalhadas
 (Para 18 anos)



A's 15,15 e 18,15
 e 21,30 (Adultos)
 2.ª semana

Despedida do Cinema de uma das
 mais talentosas e
 elegantes das suas estrelas Grace Kelly
ALTA SOCIEDADE

com Bing Crosby, Frank Sinatra e
 Louis Armstrong com a sua orquestra
VISTAVISION — Exclusivo da época



A's 15,15 e 21,30
 (13 anos)
 2.ª semana
 A mais bela e entrecortada história
 do ano, num
 genial filme de ambiente taurino

O RAPAZ E O TOURO
 Cinemascopo — Technicolor
 com Michel Ray, o prodígio de 10 anos,
 numa criação genial, e o famoso matador
 Fernin Rivera



A's 15,15 (P. red.)
 e 21,30 (13 anos)
ULTIMAS
 2.ª semana

Em rigoroso exclusivo
SENSACIONAL

Um espectáculo nunca visto em 60 anos
 de cinema
O MUNDO DO SILÊNCIO
 Em Technicolor
 com Frederic Dumas, Albert Farco e a
 voz de Fernando Pessa



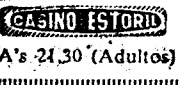
A's 15,30 (P. red.)
 e 21,45 (Adultos)
 Um novo êxito dos
 estúdios que fizeram
 «Nunca digas adeus»

PRECISO DO TEU AMOR
 Em Technicolor
 com Jane Russell, Jeff Chandler



A's 21,15 (Adultos)
 A encantadora superprodução em
 Cinemascopo

GABY
 com Leslie Caron, John Kerr e Sir Cedric Hardwicke



DUELO NO MISSISSIPPI
 com Lex Barker

A's 21,30 (Adultos)

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

SÃO LUÍZ A MANHÃ ALVALADE

A Coroa e a Espada

EM LINDO COLORIDO E CINEMASCOPE — SOM PERSPECTA



BASEADO NA NOVELA DO FAMOSO ESCRITOR SIR WALTER SCOTT
 — QUENTIN DURWARD — O homem que combatia para ganhar o coração de uma
 linda mulher... para outro homem!
 FILMADO EM FRANÇA E INGLATERRA, nos maravilhosos castelos de CHAMBORD — CHE-
 NONCEAU — MAINTENON — FONTAINEBLEAU

GANHE VOCÊ OS MIL ESCUDOS

NÃO ESTA NOITE ÀS 21,45 AO MONUMENTAL VER A 8.ª MULHER DO MILIONARIO

COM A SUA QUERIDA VEGETA **LAURA ALVES** ADULTOS

É HOJE QUE ASSISTE AO ESPECTÁCULO A MULHER DO MILIONARIO, QUEM
 A DESCOBRIR AO INTERVALO RECEBERÁ UM PRÉMIO DE MIL ESCUDOS

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE DE GANHAR MIL ESCUDOS!!!

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

A's 21 e 45 (Adultos)
 A peça de Augusto de Castro

Amor à antiga

numa notável interpretação de
 um prestigioso elenco
UM GRANDE ÊXITO
 Domingo, às 16 horas:
AMOR À ANTIGA
 O TEATRO ESTA AQUECIDO

Viola R. TAIPAS, 14

“Casa de Celeste Rodrigues”

CASINO ESTORIL

HOJE no «WONDER-BAR»
SERVIÇO DE RESTAURANTE
 Jantares e Ceias
 Conjuntos HELDER REIS
 e OLIVER
 (Adultos)

LUSO

T. Queimada, 8-A
 T. 32889 — Adultos
 Hoje (até de madrugada) — Ex-
 traordinária «Soi-
 rée» em Festa
 artística de FRU-
 TUOSO FRANÇA
 com uma Parada
 de Artistas de Teatro, Fado e Rá-
 dio e ainda a Orquestra «Abril em
 Portugal» com o cantor Nelson de
 Barros.

Restaurante TABUAS

com Nova Gerência
 Almoçando e jantando neste Restaurante
 economizará V. Ex. dinheiro e saúde.
 Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614

Ao telefone internacional

MADRID-LISBOA

CONFIDENCIALMENTE...
 PARA SENHORAS



—Trrim... Trrim...
 —Internacional... Atenção Madrid.
 —Daqui Lisboa...
 —Quem fala?
 —Martha Toren.
 —Que deseja a gentilíssima artis-
 ta, da «Caixinha de Surpresas»?
 —«Caixinha de Surpresas»?...
 Não é do Teatro Maria Vitória?...
 Ora a minha vida!... «Caixinha de
 Surpresas»?... Desligue faça favor!...
 —Três minutos...
 —Trrim... Trrim... Trrim...
 —Até que enfim! És tu Glória
 May?
 —Como estás Martha? Falas de
 Madrid? O que queres?
 —Tu sabes lá?!... Imagina que
 me ligaram para uma «Caixinha de
 Surpresas»...
 —«Caixinha de Surpresas»?...
 um estabelecimento que abriu an-
 teontem e já tem uma clientela de
 senhoras e crianças a encher a ca-
 sa!
 —Muito me dizes, Glória! E por-
 quê?...
 —Olha, Martha! Porque tem a
 venda coisas de tão boa qualidade,
 de tão bom gosto e de tão bom pre-
 ço, que...
 —Ah!... E que vende?
 —Vestidos, roupas brancas, per-
 fumarias, malas, meias, cintos, ren-
 das, malhas, lãs, linhas, tabacos fi-
 nos, bijutarias, revistas, de modas,
 romances, artigos para brindes!...
 tanta novidade e a preços tão mó-
 dicos...
 —É possível que Lisboa tenha já
 um estabelecimento, assim, tão mo-
 derno, dedicado às mulheres que
 gostam de ser belas?
 —Sim! Martha! E para crianças,
 possui também uma colecção mara-
 vilhosa de roupas que entusiasma!
 E lindos brinquedos!... E queres sa-
 ber uma novidade? A «Caixinha de
 Surpresas» iniciou uma Campanha

contra brinquedos de guerra não
 vendendo um único que não seja de
 paz, amor e de motivos alegres!...
 —Ah! E tu, Glória, o que já com-
 praste?
 —Sabes lá, Martha?! Lindíssimas
 meias, roupas íntimas e vestidos
 que são um encanto, perfumes de
 sedução...
 —Para que queres tu mais ves-
 tidos, Glória? Se no Maria Vitória
 tens feito um «Rebólico» despidendo
 belas roupas como se estivesses em
 Paris!...

—Qual «Rebólico»? Agora «Toca
 a Música!» e, como a música é ou-
 tra, preciso de me vestir da «Caixi-
 nha de Surpresas» para agradecer...
 —Mas... diz-me, o que te obrigou
 a falar-me de Madrid?
 —Dizer-te que tenciono seguir pa-
 ra Lisboa dentro de dias para as-
 sistir à primeira do «Toca a Musi-
 ca» e para ver a estreia do meu úl-
 timo filme «Tormento de Amor». E,
 agora, também, desejo visitar a
 «Caixinha de Surpresas» para com-
 prar essas coisas tão belas de que
 me falas!... E, onde fica esse esta-
 belecimento?...
 —Na Rua Sociedade Farmacêuti-
 ca, n.º 40-C, á esquina da Rua do
 Conde Redondo...
 —Vinte e um minutos...
 —Adeus Glória! Somos duas a fa-
 lar mas eu só a pagar! Até breve!



Manhã na praça

Faltava um pouco de tudo...

De um modo geral, o que se pode dizer, a respeito do que se passou hoje, no mercado da Ribeira, é que faltava um pouco de tudo. A praça estava fraca de quantidades e qualidades de peixe; as bancas de carnes brancas acusavam uma quase total abstinência. Só as bancas da hortaliça vinham abaixo com bom e barato abastecimento.

Decerto, não era cara a pescada grande a 25 e 28\$00. Mas serão muitos aqueles que a podem comprar? A maior parte do público tinha de se voltar para a pescada negra, a 11\$00 ou para a muito abundante pescadinha branca de enrolar, a 10, 16\$50 e 17\$00. A lagosta e o camarão vendiam-se a 60\$00 (havia outro grande, já morto e com aspecto de cozido, a 50) linguado a 28 e 30\$00; as poucas quantidades de garoupa, 31\$00; nos 17\$00 o robalo pequeno, nos 17 e o grande nos 20\$00. Havia pouquíssimo pargo, a 15\$00 (outro a 8 e até outro muito pequeno a 10\$50) enguias a 22 e a 23\$00; lulas a 20 e chocos a 8 e 9\$00; faneças, a 11 e 13\$00; bogas, a 10\$00; sardas, a 9\$00; ostras, a 6\$00 a dúzia; cartas, a 20\$00; corvina, a 15\$00, e safio e charroco, para caldeirada, a 7\$50.

Na maior parte das bancas, o cachucho vendia-se a 5\$50. Mas, numa outra subira 5 tostões. A dona casa reclama. Então, a peixeira explica:

—Pudera, eu também posso vender-lhe pelo mesmo preço. A questão é que lhe roube no peso!

Adiante. Vamos às galinhas, pequenas, a 30 e 32\$00 ou aos coelhos, a 20\$00 (estavam escondidos, para os amigos das pensões, porque eram poucos). O cabrito a 18 e 20\$ não daria governo a muitos; e os ovos a 10 e 11\$00 a dúzia também não, porque eram pequenos.

Como, porém, as bancas dos legumes mantinham a abundância dos melhores dias do ano, a dona de casa não terá dado por perdido o seu tempo. E que se vendiam bonitos olhos de couve a \$50, couves portuguesas, a 1\$50, molhos de brócolos (grandes) a 5 e 6\$00, outros de nabos e grelos, também grandes, a 2\$50 ou a \$50 a molhadinha. Havia, ainda muita couve-flor, de fraca qualidade, por preços acessíveis (entre 1\$00 e 3\$50); molhos de 13 nabos (muito esguios, da Outra Banda) a 5\$50; ervilhas a 5\$00 (muito más), 7\$50 e 8\$00; favas, a 7\$00; tomate, muito descolorido, a 9\$00; chicória e alfaces francesas, a 2\$00.

Quanto ao mercado da fruta, era tão fraca a concorrência de compradores, que não se sabe a quem serve a fartura de laranjas entre os 9 e os 14\$00, ou das tangerinas, entre os 2\$50 e os 7\$00... As frutas de Verão lá vão chegando até ao tempo presente. Ainda há boas maçãs reinetas, a 25 e 20\$00 a dúzia, outras maçãs, a 12\$00, «bravo de Esmolfe», a 18\$00; bananas, a 5\$50, 6\$50, 7\$50 — e 12 escudos. Os ananases anunciavam-se a 25 e a 30\$00 e outras frutas não havia para acrescentar à lista.

DONA DE CASA

EM 3 LINHAS

Foi nomeada secretária da Faculdade de Letras a professora dr. D. Virginia Rau.

O eng.º silvicultor António Manuel Chambiça de Azevedo Gomes foi nomeado professor extraordinário do 7.º grupo do Instituto Superior de Agronomia.

Oferta russa

ao Governo do Egipto?

NEW BRITAIN, 4.—William Benton, antigo Secretário de Estado adjunto e antigo senador democrático pelo Connecticut, declarou saber de «fonte segura» que a União Soviética fez ao presidente Nasser uma oferta de empréstimo de 200 milhões de dólares. — (F. P.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 16°; mínima, 10°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 8.4°; mínima, 0.3°.

Temperaturas observadas hoje, às 9 horas, no Estoril: na atmosfera, 14.2°; na água do mar, 13.5°.

Visita oficial

do subsecretário da Educação a Coimbra e Porto

Parte amanhã, de manhã, para Coimbra e Porto, o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação, que vai às cidades em visita oficial a estabelecimentos de ensino superior. Na sua visita, aquele membro do Governo tratará de vários assuntos relacionados com a vida académica das Universidades locais, nomeadamente no que diz respeito às actividades circumscolares.

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa reunirá-se com o reitor da Universidade de Coimbra e com o director e professores da Faculdade de Medicina, para trocar impressões acerca da projectada reforma de ensino naquele estabelecimento universitário.

Depois de amanhã, o subsecretário da Educação deslocar-se-á a Santo Tirso, para assistir a uma homenagem ao padre Luisier, a quem entregará as insígnias da Ordem de Sant'Iago da Espada, com que aquele educador foi recentemente agraciado.

Venda de peles de cão e gato

No Canil Municipal são abatidos, pelo processo de electrocução, todos os gatos e cães abandonados nas ruas da cidade ou os que ali são entregues por várias pessoas. Todas as peles destes animais abatidos nestas condições durante o ano corrente foram hoje arrematadas em hasta pública, no Pavilhão dos Desportos, por 1\$10 cada uma, pelo mesmo concorrente do ano findo, único que apareceu interessado na arrematação.

TRIBUNAIS

Foi adiado o julgamento do caso da ópera «Um sonho de D. João V»

Na Boa-Hora, devia ser esta tarde discutido o caso da ópera «Um sonho de D. João V» interrompido antes das férias do Natal, caso em que intervém, como autor, o sr.conde da Esperança e em que prestam

Um busto de Tito

(o de Roma)

num monte de lixo

BRAUGHING (Inglaterra), 4.—Saiu de um depósito de lixo, um busto que os arqueólogos do Museu Britânico indentificaram como sendo do imperador romano Tito e que calculam tenha cerca de dois mil anos.

A cabeça foi achada por duas crianças, nos bosques desta região.

Hugh Sole, um habitante desta localidade, revelou que a cabeça tinha sido comprada como sucata pelo seu avô e deixada no lixo em 1906. Os funcionários dos serviços de limpeza lançaram-na nos bosques há algumas semanas. — (A. N. I.).

Novos tumultos na ilha de Chipre

NICOSIA, 4 — O grego cipriota Adonis Polycarpus, gravemente ferido ontem nos incidentes que se verificaram em Famagusta, quando do enterro de um polícia turco, morreu esta manhã, no hospital.

Os operários gregos cipriotas desencadearam greves de protesto em diversos pontos da ilha. — (F. P.).

Recepção municipal aos participantes no concurso de avicultura

Esta tarde, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, deu uma recepção aos proprietários das aves que concorreram ao grandioso certame promovido pela Associação dos Avicultores de Portugal.

A recepção foi na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, e reuniu algumas dezenas de individualidades ligadas à ornitologia.

O desenvolvimento da Lavoura no nosso País segundo a estatística de 1955

Constituem sempre trabalho valioso e digno de especial atenção as publicações do Instituto Nacional de Estatística, que, por uma análise dos números sistematicamente recolhidos, nos permitem fazer uma ideia do desenvolvimento da vida nacional, nos mais diversos aspectos. Agora foi o volume relativo à «Estatística Agrícola de 1955» que veio a público e vale, realmente, a pena determo-nos um pouco na apreciação dos números que dele constam.

A primeira referência que convém reter refere-se à população. Segundo o Censo de 15 de Dezembro de 1950, a população presente e activa na agricultura e pecuária era de 1.410.135 indivíduos, dos quais 1.175.025 do sexo masculino. Estes números excluem as pessoas com trabalho habitualmente não remunerado, entre as quais avultam as domésticas. Dados semelhantes para a silvicultura indicam 3.065 indivíduos como população presente e activa, sendo 2.843 do sexo masculino.

Passando, depois, a registar os números referentes à produção, indicam-se os principais produtos, entre os quais avultam os que damos a seguir, com indicação das áreas cultivadas entre parentesis:

Trigo, 5.076.000 quintais (806.000 ha); milho, 5.827.000 hectolitros (470.000 ha); centeio, 1.550.000 quintais (254.000 ha); arroz, 1.832.000 quintais (38.000 ha); aveia, 1.735.000 hectolitros (301.000 ha); cevada, 1.198.000 hectolitros (151.000 ha); fava, 609.000 hectolitros (50.000 ha); feijão, 717.000 hectolitros (353.000 ha); grão-de-bico, 196.000 hectolitros (47.000 ha); batata, 11.036.000 quintais (89.000 ha);

vinho, 11.336.000 hectolitros; azeite, 750.000 hectolitros.

No sector florestal registaram-se as seguintes produções: Resina, 64.942 toneladas obtidas de 32.193 incisões; e cortiça, 189.657 toneladas.

Foram manifestados por 70.684 criadores 4.058.949 quilogramas de lã resultante da tosquia de 1.924.557 ovinos.

No que se refere ao comércio externo, verifica-se que durante o ano de 1955 importaram-se 5.154.823 quintais de produtos da agricultura, silvicultura e pecuária e subsidiários com o valor de 2.893.272.000 escudos; a exportação correspondente foi de 8.503.853 quintais com o valor de 4.120.217.000 escudos.

Os principais produtos agrícolas tiveram, no quinquénio de 1951-1955 as seguintes captações anuais médias:

Trigo, 79,49 kgs.; centeio, 18,80 kgs.; milho, 48,99 kgs.; arroz, 16,61 kgs.; batata, 130,84 kgs.; feijão, 5,30 kgs.; grão-de-bico, 1,35 kgs.; azeite, 10,02 litros; vinho, 110,16 litros.

Durante o ano foram aprovadas para consumo 85.307 toneladas de carne, das quais 12.993 toneladas foram consumidas em Lisboa e 5.027, no Porto. Forneceram a carne 429.401 suínos com 33.325 toneladas, 322.382 bovinos com 39.113 toneladas, 1.236.516 ovinos e caprinos com 11.358 toneladas e 9.456 equídeos com 1.511 toneladas.

Entre outros, Lisboa consumiu os seguintes produtos: batata, 853.042 quintais; vinho de pasto, 1.104.709 hectolitros; aguardente, 16.272 hectolitros; vinagre, 17.280 hectolitros; frutas, 404.889 quintais; produtos hortícolas, 919.036 quintais; castanha verde, 26.062 quintais; melões, 55.635 quintais.

Certos números revelam que muitos lavradores seguraram as suas lavras, em 1955. Assim o número de seguros efectuado pela lavoura foi de 114.598, cobrindo um capital de 1.878.841.000\$00 e em que o valor dos prémios atingiu 16.240.000\$00. Tendo-se verificado 626 sinistros, corresponderam-lhes indemnizações no montante de 5.377.000\$00.

Outros números dão-nos uma ideia do recurso progressivo à máquina. Com efeito, em 31 de Dezembro de 1955 existiam no País 3.819 debulhadoras mecánicas de cereais e legumes. Cerca de metade destas máquinas debulharam em quatro distritos apenas: Bragança, 565; Beja, 413; Évora, 348; e Santarém, 337. No distrito de Viana do Castelo debulharam apenas 19. Segundo o manifesto, estas máquinas debulharam na campanha de 1955 as seguintes quantidades de cereais, expressas em percentagem da produção total. Trigo, 71,2%; centeio, 31,7%; aveia, 55,5%; e cevada, 41,8%.

Na mesma data, o número de tractores em actividade era de 4.495. Destes, 532 entraram em serviço durante 1955. Cerca de 86% do total recolhe habitualmente em 6 distritos, com a seguinte distribuição: Beja, 1.047; Santarém, 682; Lisboa, 642; Évora, 671; Setúbal, 447; e Portalegre, 378.

Os serviços de Fomento Agrícola traduzem-nos alguns números significativos. Assim, a distribuição à Lavoura de sementes seleccionadas e certificadas atingiu as seguintes quantidades:

Trigo, 122.404 quintais; arroz, 18.808 quintais e batata, 33.453 quintais.

Na campanha 1954-55 distribuiu-se o seguinte material vitícola: 92.945 barbados, 75.524 garfos e 808 enxertos. Especialmente para produção de uva de mesa, distribuíram-se 6.955 garfos, de que beneficiaram 103 viticultores.

Os cursos de podadores de oliveiras, em numero de 34, formaram mais 462 podadores. Dos podadores formados nos anos anteriores, 939 aperfeiçoaram os seus conhecimentos frequentando 76 cursos com esse fim realizados.

Para povoamento de matas, seras e dunas em propriedades sob a administração dos Serviços Florestais, foram plantadas 6.920.988 árvores e sementeiras 220.649 quilogramas de sementes cobrindo uma superfície de 11.258 hectares.

O volume da Estatística Agrícola de 1955 insere ainda, entre outros, alguns dados interessantes sobre o desenvolvimento do ensino especialmente destinado à Lavoura.

Que razões haverá hoje

para o homem andar de cabeça à chuva?

O homem moderno desencara-puçou-se e anda por aí a flunar, em cabelo. Isto é uma coisa extremamente grave. A cabeça ficou ao leu, sem tampa, desprotegida. E como a cabeça é muito importante — pensa-se com ela, decide-se com ela, tomam-se atitudes com ela — isto é um contrassenso. Este desencarapuçamento colectivo tem duas causas: a económica e a elegante. A causa económica é lamentável. Começamos a anular o dispensável nas nossas roupas. E como não podemos andar descalços — seria uma vergonha ou seríamos presos — optámos pelo sacrifício do chapéu. Os elegantes tornaram-se desembracados e desportivos e julgam o chapéu algo de muito pomposo.

Pois bem, os industriais de chapéus vêm agora dizer-nos que não, que o chapéu não é um artigo de luxo, não é caro, fabuloso ou antigo. O chapéu é uma necessidade. Todos os comerciantes de chapéus quiseram tornar o artigo acessível e vendem-no mais barato nesta 1.ª Quinzena do Chapéu.

Os elegantes não são sempre os inteligentes. Há elegantes inteligentes. Há inteligentes que não são elegantes. Estes devem saber que o homem tem necessidade de cobrir a cabeça. De outro modo pode ser atingido por doenças graves. Mais. Desde os primórdios da História, a começar no paleolítico, passando por Keops, Péricles, Cesar, Luís XI, Napoleão e Luís Filipe, todos os homens, hercúleos ou raquíticos, milionários ou pobres, cultos ou incultos, guerreiros ou pacíficos, subitis ou brancos, gloriosos ou apagados, todos eles usaram chapéu. O chapéu é indispensável. Sem ele é a gripe, o espirro, a febre. Sem ele é a desleixância e a falta de aprumo. Cubramo-nos, pois. Metamos a mão na consciência e um feltro na cabeça.

Curso de iniciação de Física nuclear

Principiam hoje, ao fim da tarde, no Instituto Superior Técnico, os «Cursos de iniciação de física nuclear», promovidos pelo Centro de Estudos de Energia Nuclear, que funciona naquele estabelecimento de ensino superior. O primeiro destes cursos, que se prolongarão por todo o ano lectivo, é dirigido pelo sr. prof. Almeida Costa, auxiliado pelos engenheiros que com ele trabalham no Centro de Matemáticas Aplicadas à Energia Nuclear.

Estão inscritos cerca de uma centena de indivíduos que, no final dos cursos, podem solicitar a prestação de provas que servirão, depois, para seleccionar um grupo de pessoas a quem, no ano lectivo de 1957-58, o Instituto de Alta Cultura concederá bolsas de estudo para frequência de universidades estrangeiras.

Missões norte-americanas

a diversos países

WASHINGTON, 4 — Cinco comissões, compostas por três importantes homens de negócios norte-americanos, serão enviadas pela Secretaria de Comércio a vários países — União Indiana, Birmânia e Malásia, Singapura, Hong-Kong, Alemanha Ocidental, Holanda e Itália — em missões económicas.

Os componentes daquelas comissões tiveram agora reuniões de orientação na Secretaria do Comércio, devendo partir, para as suas visitas em Março. No ano anterior foram visitados 28 países e os membros das missões discutiram problemas de comércio internacional com mais de 100.000 homens de negócios estrangeiros. — (A. N. I.).

37 MINEIROS

soterrados nos Estados Unidos

BISHOP (Virgínia), 4 — Trinta e sete mineiros estão soterrados, devido a explosão numa mina de carvão, ocorrida na madrugada de hoje.

Gases e fumos estão a dificultar as operações de salvamento ignorando-se qual o estado dos mineiros soterrados. A mina é uma das maiores dos Estados Unidos. — (A. N. I.).

O SABÃO PORTUGUÊS PARA LAVAR À PORTUGUESA!

UMA
VERDADEIRA

ECONOMIA

para a sua bolsa!

Os fabricantes de Sonasol líquido, o detergente que de longe mais se vende em Portugal, já de há muito estudavam o lançamento dum produto que, aliando qualidades novas de brancura para a roupa, permitisse pelo seu preço e pela sua utilidade o acesso a todas as casas.

Criou-se assim o Sabão Sonasol que:

1.º — É **ECONÓMICO**, porque sendo em barra, não permite desperdícios, mesmo quando usado por pessoal doméstico ou por crianças.

2.º — É **PRÁTICO**, porque pode ser usado no tanque, no rio ou na máquina de lavar.

SABÃO

A C T I V A D O
Sonasol

UMA VITÓRIA DA INDÚSTRIA NACIONAL



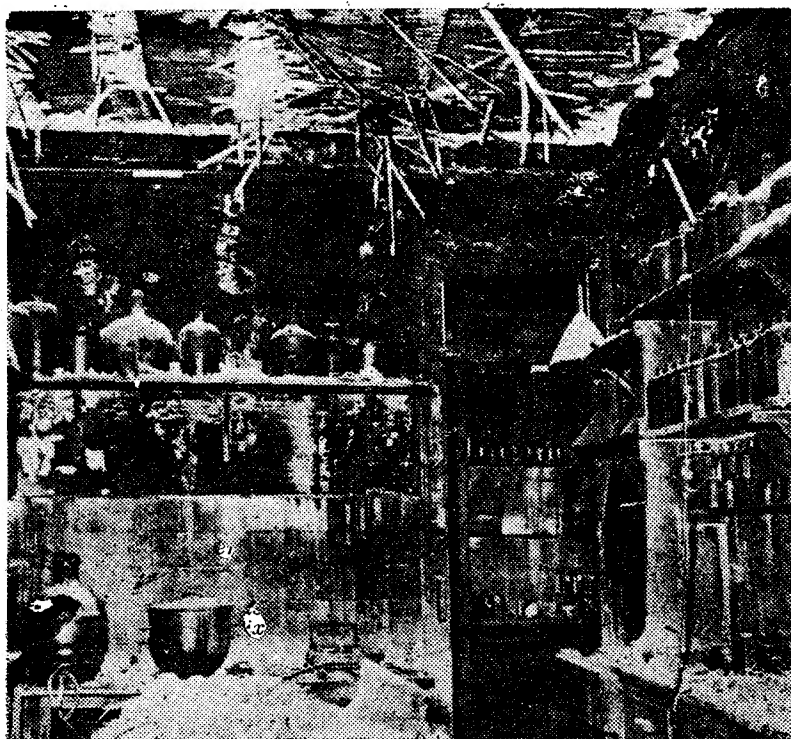
500
cada barra

*Garantimos
que este sabão
não contém
potassa*



o SABÃO da lavadeira





Um recanto do laboratório onde se verificou o incêndio

De ontem para hoje

A CRIANÇA E O ANIMAL

EIS uma campanha que vale uma palavra. Qualquer que venha a ser o seu destino, fomentar entre as crianças o culto do respeito e do carinho pelos animais só merece louvor e incentivo. E' a idade em que os sentimentos se moldam e se fixam. A prática do bem ensina e atrai a prática do bem, no paralelo constante que faz arredar a presença do que possa revelar-se de maus sentimentos. E não tardará a concluir-se que é mais fácil e mais cómodo fazer bem — do que fazer mal.

O BOM SENSO DE CADA UM

NÃO está ainda resolvido, mas está para resolver o que será o novo modelo de fatos de banho para a época que aí vem. O assunto não é de somenos, pois que nele cabem tantas concepções aparentemente contraditórias que um centímetro a mais ou a menos para um lado ou para outro pode desencadear rapsódias de discussão. Eis um assunto onde bem desejável seria que pudesse propôr-se a chamada do bom senso de cada um para a boa e simples solução. Mas onde está o bom senso de cada um em que todos nos possamos fiar?

UM ANCIÃO RESPEITADO

MORREU na sua aldeia, na Cova da Iria, já na conta dos seus 83 anos, o sr. Manuel Pedro Marto, pai dos pequenos pastores que alcançaram nomeada mundial após a revelação das aparições em Fátima, há quarenta anos. Era um ancião estimado e respeitado. O prelado auxiliar da diocese de Leiria foi hoje à sua residência celebrar missa de corpo presente.

NA COMPANHIA DOS ESQUELETOS

PERNES e o seu termo (Chã de Baixo) alvorçaram-se com o aparecimento de ossadas de dez esqueletos. Aconteceu isso nas escavações de um prédio pertencente a Hermínio Rosário Veneno que, na ignorância dos factos, viveu anos em tão macabra companhia. Os esqueletos dormiram, porém, a sono solto. Não há notícia de incompatibilidade entre mortos e vivos. Nem sequer de aparições à meia-noite. Os mortos devem ter sido pacatos cidadãos. A seu lado foram encontradas fivelas de vestuário, um azulejo e nem sequer palpa neles reminiscência de drama camiliano. Morreram e foram enterrados na igreja que ali existiu em tempos.

RESSURREIÇÃO DE GRÃO-VASCO

O tempo maculou a obra de Grão-Vasco. E o Museu Regional de Viseu, atento aos seus interesses, promoveu a ressurreição do seu pintor mais representativo, aquele que todos os anos leva à cidade de Viriato milhares de visitantes. «S. Pedro», «Calvário», «Pentecostes» e «Baptismo de Jesus», consolidada a sua natureza material, vão regressar ao seu austero ninho serrano. Foi o pintor-restaurador Fernando Mardel quem dirigiu os restauros, no Museu de Arte Antiga, onde os quatro grandes motivos da escola portuguesa ficaram expostos até ao dia 17.

O PESO DAS SAUDADES

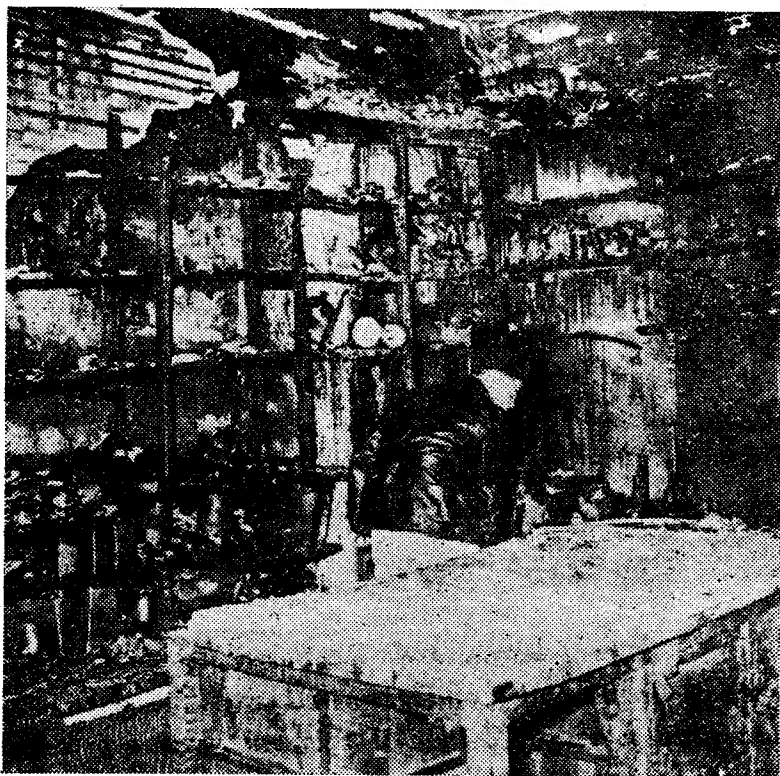
TINHA 24 anos quando emigrou para os Estados Unidos. Levava consigo a saúde, a esperança e a arte de serralleiro. Com essas três virtudes deu os primeiros passos para a fortuna. Até que um dia se fez dono de camionetas e arrançou uma concessão de transporte de correio. Veio, enfim, a abundância. E, com esta, no tempo que ia passando, a saudade da pátria e da modestia do lar lusitano. Foi por isso que o Salustiano Martins, após 36 anos de ausência, voltou agora à Guarda. Vem com a mulher (uma portuguesa) e a prole a quem vai mostrar as graças da sua terra. Depois, aliviado do peso das saudades, regressará a Taunton.

JORNAL PEQUENO

OS drs. José Pedro Horta, Parada Leitão, Fernando Madeira e Eduardo Cortesão foram homenageados com um banquete, por motivo da sua promoção dentro do quadro clínico do Hospital Miguel Bombarda. * A exposição de aves canoras, ornamentais e pombos, que todos os anos tem de procurar mais amplas instalações, foi visitada por 5 mil pessoas. A porta do Técnico, a Polícia teve de condicionar as entradas às saídas. * Em Parede, integrada no 46.º aniversário da Escola 31 de Janeiro, foi prestada homenagem ao antigo professor Manuel Tavares Ferreira (exerce o magistério vai para meio século) que, no final agradeceu o descerramento de uma lápida e as palavras com que fora distinguido. * Um homem morreu no trabalho: o sr. João dos Santos, de 62 anos, entalado entre dois vagões, em cujo carregamento participava, no cais de Santa Apolónia. * Três crianças vítimas de acidente: Maria Irene, de 3 anos, filha de Albino Gomes de Sá (Cervejeira, Eposendo) que ficou queimada na lareira; um menino de 2 anos, de nome Joaquim, filho de Adelino Queirós dos Santos (do mesmo lugar), que sofreu o mesmo desastre; Joaquim Carreira, de 8 anos (lugar de Quintas, Leiria), que morreu num incêndio ocorrido num palheiro; e Maria Adelaide, de 15 meses, filha de Américo Martins (Carrazedo de Montenegro), que caiu a um rego de água e se afogou. * Nas vizinhanças de Arronches, foram abatidas durante uma batida, promovida por António Rodrigues Rapoula, seis raposas das dez que foram avistadas.

Violento incêndio acompanhado de explosão

provocou prejuízos avultados num edifício da Rua Ivens



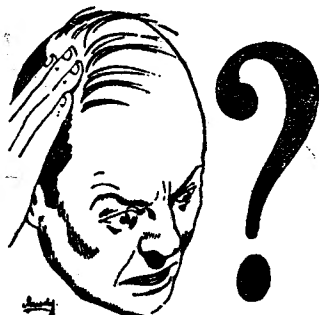
Toda a frascaria que se encontrava nas parieteiras do laboratório ficou destruída pela explosão

RISCOS NA AREIA

A Grande Dona

de ROCHA JÚNIOR

Há uma pergunta quase obrigatória nos questionários chavões dos repórteres que entrevistam pessoas notáveis para os seus inquéritos literários e artísticos: «Se não fosse o que é, que gostaria Vossa Excelência de ser?» Por via de regra a resposta denuncia uma grande vaidade muito bem rebugada em modéstia, quer o entrevistado se finja descontente com a sua sorte e confesse ter pena de não ser por exemplo um deus, quer presuma de predestinado para a arte que pratica e declare, meio humorista, meio charadista, que se não fosse o que é gostaria de ser o que é.



Porque caem os seus cabelos?

A seborreia, as poeiras, as febres, a anemia, o cansaço — tantas causas da calvície. O PETRÓLEO HAHN revitaliza o couro cabeludo, suprime a caspa e faz parar a queda do cabelo. Agradavelmente perfumado o PETRÓLEO HAHN amacia os cabelos sem os engordurar.

**PETRÓLEO
HAHN**

Algumas vezes, sem ser pessoa notável nem merecer o pouco que me notam, tenho premeditado com os meus botões a resposta que inevitavelmente daria se alguém me perguntasse qual escritor português desejaria substituir ou igualar. «Aquilino Ribeiro» — era a resposta. E se me perguntassem ainda qual obra, dentro dos cinquenta volumes de Aquilino, gostaria de assinar com o meu nome, eu que tenho lido tudo quanto ele escreve e que considero obras-primas alguns dos seus romances mais extensos, extrairia da remota Estrada de Santiago a pequena novela intitulada A Grande Dona e diria convictamente: Aqui está.

Para mim, para o meu gosto, para a minha ambição de contestista falhado, a Grande Dona é o melhor conto que conheço, não só em português mas em todas as línguas. Foi o que me caiu no golo ao ler a Estrada de Santiago e foi o que permaneceu imutável na minha simpatia, ao longo do prodigioso desenrolar da obra do mestre. Há preferências que não se explicam, a começar pelas de carácter amoroso. As mais das vezes, se nos perguntam porque gostamos, a resposta é simplesmente: Porque sim. Entram em função nestas inclinações factores de vária ordem: estética, temperamento, libido, estados de alma que aproximam o admirador do objecto admirado. No meu caso, porém, a explicação é fácil, embora não pretenda impo-la ao critério de ninguém. Considero a Grande Dona uma obra genial pela ideia e inextinguível pela execução. Tudo ali é belo, desde as figuras aos objectivos que as movem. Os sucessivos debates do herói com a protagonista maravilham pelo poder de argumentação. Mesmo,

Esta manhã, pelas 6 e 20, receberam-se na Central Telefónica do Batalhão Sapadores Bombeiros pedidos de socorro urgente, em virtude da existência de incêndio no prédio n.º 31 da Rua Ivens, de cujo rés-do-chão saía muito fumo.

Prontamente compareceu no local do sinistro o pessoal e material da 1.ª Companhia e Companhia de Reforço e, sob a direcção do chefe de 2.ª classe António Rodrigues, sem perda de tempo, deu-se começo ao ataque ao fogo. O incêndio, porém, desenvolveu-se com grande intensidade e o fumo dificultava os trabalhos, pelo que os sapadores bombeiros tiveram a necessidade de empregar onze agulhetas, das quais quatro de nevoeiro, que funcionaram pelas partes da frente e da retaguarda do foco de incêndio.

Com escadas mecánicas arvoradas ao andares superiores do prédio — constituído por quatro andares — para evitar maior pânico nos moradores, pois alguns, os do 2.º andar, foram retirados da sua residência por meio de manga de salvação, devido aos gases desenvolvidos e ao fumo, o ataque do incêndio fazia-se sem tréguas, até que, em dado momento e sem que nada o fizesse supor, se deu uma violenta explosão provocada pela grande acumulação de gases num compartimento. Estilhaçando portas, janelas, caixilhos e vidros, os efeitos da explosão fizeram-se sentir no saguão e vestibulo de entrada do prédio com tal violência que arrancou as grandes e pesadas portas de madeira com grades de ferro, da entrada principal do edifício e as atirou para a entrada da Rua Capelo, atravessando a Rua Ivens pelo ar.

Este facto, embora aumentasse o pânico nos moradores, não perturbou os Sapadores Bombeiros, embora nesse momento seis deles caíssem por terra: o chefe António Rodrigues, o subchefe n.º 32 Custódio de Oliveira e os sapadores bombeiros 296 António Nunes, 434 José Barroso, 419 António Diogo Alves e 542 Ildefonso Custódio-Dias.

(Continua na 11.ª pág.)

PALMARES



Um Chapéu para o bem servir dentro da mais alta elegância masculina e dar-lhe um luxo e classe invulgar!

EXTRA-SUPER-LUXO

PHOEBUS

285, R. do Ouro, 287
LISBOA

(Continua na 11.ª pág.)



Quando os srs. Raul Vieira e Jaime Pinho assinavam o contrato

Assinou-se o contrato para a construção em Portugal de um navio de 9.500 toneladas para a Companhia Colonial de Navegação

O ritmo em que se opera o desenvolvimento do tráfego entre a metrópole e as nossas províncias ultramarinas da África, levou a Companhia Colonial de Navegação a fazer o seu programa de fomentar o intercâmbio económico com Angola e Moçambique — a encomendar mais um navio de carga, com capacidade semelhante á dos seus melhores navios desse tipo e, portanto, capaz de trazer uma preciosa contribuição para o desenvolvimento dos objectivos em vista.

Não esqueceu também a Companhia a orientação que se tem operado, nos últimos tempos, no sentido da valorização da nossa economia através da máxima utilização dos recursos da indústria nacional e, assim, vai este seu novo navio ser encomendado a um estaleiro português, o que se faz numa dupla afirmação de enriquecimento do património da Nação — uma nova unidade para a nossa frota de comércio, avultadas quantias que não se escoam para o estrangeiro. Concluídas as negociações para encomenda, foi assinado hoje, com os Estaleiros Navais de Viana do Castelo, nos escritórios da Companhia, o contrato para a construção do novo navio-motor cujas principais características a seguir se enumeram.

A nova unidade

Com o deslocamento DW de 9.500 toneladas, 142 metros de comprimento e 18,2 de boca, a nova unidade terá porões com o volume de 80.000 pés cúbicos. Um motor de 500 BHP, assegurar-lhe-á a velocidade de serviço de 15 nós. O navio — que deverá ser entregue dentro do prazo de dois anos e três meses — será construído de harmonia com as estipulações do Lloyd's e terá todos os requisitos modernos de navios da sua classe. Com 9 anteparas estanques e um certo numero de anteparas parciais, todas em aço, disporá de aloís e camaras frigoríficas para carga e mantimentos, sistema de aquecimento por insuflação de ar, enfermaria, oficina para trabalhos urgentes de bordo, rede de tele-

A «Pequena» Europa

BRUXELAS. 4. — Os seis ministros dos Negócios Estrangeiros iniciaram esta manhã os trabalhos destinados á redacção definitiva dos tratados do Mercado Comum e a Euratom. A sessão é presidida por Spaak. — (F. P.).

**DEFENDA-SE DA
DERRAPAGEM**
instalando já o
STABILEX
Agentes exclusivos:
LATINOMERICA, LDA.
R. da Alegria, 9-1.
Telefone 26787

O que vão fazer os príncipes ingleses durante a visita da rainha Isabel ao nosso País

LONDRES, 4. — É possível que a rainha-mãe da Inglaterra se mude para o palácio de Buckingham, a fim de tomar conta dos netos, o príncipe Carlos e a princesa Ana, durante a visita da rainha Isabel II e do duque de Edimburgo a Portugal — anuncia hoje o jornal londrino «Daily Sketch».

«Espera-se que a rainha-mãe troque Clarence House pelo palácio real, enquanto a rainha e o duque de Edimburgo admirarem os hibiscos, perto de Lisboa, na próxima semana — escreve o «Daily Sketch». — No palácio de Buckingham, distante de Clarence House apenas umas centenas de metros, a rainha-mãe encarregar-se-á de olhar pelo príncipe Carlos e pela princesa Ana.

Durante as anteriores ausências da rainha, Carlos e Ana ficavam em Windsor com a avó. Mas agora ambos têm de «trabalhar» em Londres e está fora de questão a ideia de férias no campo.

O «Daily Sketch» repete as declarações do secretário da Imprensa da rainha, o comandante Richard Colville, segundo as quais os dois príncipinhos não podem sair de Londres nesta ocasião, porque Carlos frequenta agora uma escola fora do palácio e Ana iniciou os seus estudos com uma preceptora especial.

No entanto — acrescenta o comandante Colville — é provável que deem um passeio até Windsor com a rainha-mãe.

A terminação, o mesmo jornal salienta que «a rainha e o duque encontrar-se-ão sob o sol de Portugal, pela primeira vez, depois de 125 dias de separação. Carlos pergunta a si próprio se os pais lhe telefonarão do «Britannia» quando voltarem a estar juntos. E conclui: «A resposta é sim». — (A. N. I.).

Breves afirmações depois da assinatura do contrato

O contrato assinou-se, ao meio-dia de hoje, nos escritórios da Companhia Colonial de Navegação, na presença dos membros dos corpos gerentes. Apuzaram-lhe as suas assinaturas, em nome da empresa, os seus administradores srs. Raul Vieira e Jaime Pi-

(Continua na 13.ª página)



Montigre

REG

Primavera Verão 1957

Apresentará brevemente nos melhores estabelecimentos de modas do País, a sua colecção de tecidos, inspirada nas boas casas francesas e italianas da especialidade.

Também as alfaiatarias mais categorizadas, apresentarão para cavalheiros, as últimas novidades em padronagem estrangeira.

EXCLUSIVO DE:

MONTEIRO & IGREJA LDA

TEL. 25792 • LISBOA

A guerra dos nove dias (23)

A's 10 da noite de 6 de Novembro, a gravidade da situação podia medir-se pelo carácter angustioso do apelo dirigido pelo Governo federal suíço ás grandes potências e destinado, efectivamente, a ser ouvido pelo Mundo inteiro, a fim de se reunir, imediatamente, uma conferência para impedir o pior. «A sombra de uma terceira conflagração paira sobre a Humanidade — dizia esse apelo —. É indispensável salvar a paz». A intervenção soviética, nos termos em que foi anunciada, justificava amplamente esse receio. Era a um conflito mundial que a nota Bulgária se referia e esse conflito — ninguém teve dúvidas a tal respeito — envolveria o emprego de armas nucleares.

Em Londres a chegada simultânea do texto completo da nota Bulgária e das notícias que davam conta do subitito endurecimento da atitude do Egipto — este, entretanto resolvera recusar o armistício pedido de começo — permitiu estabelecer uma relação, de resto evidente, entre os dois factos. Entretanto a emissora de Moscovo divulgou o primeiro, acompanhando a divulgação de uma declaração relativa ao envio de 75 mil voluntários soviéticos para o Egipto.

O primeiro-ministro inglês, que estava reunido com o gabinete em sessão permanente e a quem foi dado conhecimento de que a revolta entre os deputados do seu partido alastrava, comunicou com Washington e falou com o secretário de Estado em exercício, sr. Hoover Jr. Este disse-lhe (segundo Paul Johnson em «A guerra do Suez») que, embora os Estados Unidos mantivessem o compromisso, tomado nos termos do pacto do Atlântico, de defender a Grã-Bretanha se esta fosse atacada com projecteis teleguidados soviéticos, «o seu auxilio não seria automático nem dizia respeito ao envio de voluntários russos para lutarem contra as forças franco-britânicas desembarcadas».

O dilema em que estava colocado sr. Anthony Eden era trágico. Da sua decisão dependiam a sorte de centenas de milhões de indivíduos em todo o Mundo e a sobrevivência da sua pátria. Nunca sobre os ombros de um só homem pesou tamanha e tão trágica responsabilidade. O drama íntimo, que nessas horas angustiosas o revolveu, reflectiu-se no seu rosto quando, no dia seguinte, entrou na sala da Câmara dos Comuns, inspirando a um dos deputados presentes que é também um escritor de mérito, o trabalhista Mallallieu, uma impressionante descrição. Ordenar o prosseguimento do avanço ao longo do Canal era provocar a chegada rápida — estava calculado, que algumas horas bastariam — dos voluntários russos.

Perante esse risco é possível e natural que os Estados Unidos intervissem na contenda. Mas o primeiro-ministro não estava autorizado a garanti-lo, dos seus colegas do Governo, ao Parlamento e á Grã-Bretanha. A resposta de

Washington fora categórica. Segundo Johnson, sr. Anthony pensou, apesar disso, em ir para diante. Mas á sua volta acentuou-se uma relutância completa e glacial. Seria ele o bode expiatório do desastre que se seguiria.

A mesma hora em que o Governo suíço lançava o seu apelo, o gabinete britânico estava reunido em Downing Street para tomar uma decisão. A reunião durou três horas e meia (relato de Michael Randall publicado no «News Chronicle»). A situação era insustentável e resumia-se assim: as hostilidades em Port Said continuavam; ao contrário do que se supunha, a tarefa ao concluir exigia o envio de novas forças e alguns dias; a intervenção soviética podia surgir, de um momento para outro; dirigidas pela delegação americana, as Nações Unidas insistiam por uma liquidação imediata do episódio; havia o risco de a Grã-Bretanha deixar de receber, por completo, o petróleo do Médio Oriente e o da América; alguns Dominions — Canadá, Índia, Paquistão — fizeram saber que abandonariam a Comunidade, caso a luta prosseguisse; a revolta nas fileiras conservadoras tomara novo alento e alargara-se á quase totalidade dos membros do Governo; a opinião publica alarmada manifestava-se, de maneira inequívoca, e um comício, promovido pelos trabalhistas em Trafalgar Square, com a assistência de trinta mil pessoas, terminara aos gritos de «Eden vá-se embora» levados até ás proximidades de Downing Street.

Numa sala próxima, o embaixador dos Estados Unidos, Winthrop Aldrich, aguardava que o conselho de ministros resolvesse, enquanto nos corredores se notava um movimento desusado de altos funcionários civis e militares chamados para consulta. Os moderados do gabinete — Monckton, Macleod, Amory — não tiveram dificuldade em demonstrar que a razão estava do seu lado. Butler, MacMillan e Salisbury colocaram-se ao seu lado. Com o primeiro-ministro ficaram apenas, até final, os partidários irreductíveis da guerra — Selwyn Lloyd (Estrangeiros) e Head (Defesa). A demissão já consumada de dois ministros — Nutting e Boyle — seria seguida de outras que chegaram a anunciar-se.

Uma notícia sensacional chegou entretanto a Downing Street lançando o pânico, mesmo entre os que persistiam em se agarrar ás mais absurdas esperanças. Num restaurante de Londres, o chefe do Partido Trabalhista, Gaitskell, jantava com o director do «Times», sr. William Haley. Há, na Grã-Bretanha, instituições e tradições que dominam, de longe, o mecanismo do Estado e reflectem, nos momentos decisivos, o sentido das resoluções a tomar. O «Times» pertence a esse numero e o seu director é uma personagem quase sagrada, cuja falibilidade — basta lembrar a Checoslováquia e Munique — não impede que muitos o julguem infalível.

Dr. Augusto de Castro

É amanhã, ás 13 e 30, que se realiza o almoço em honra do dr. Augusto de Castro, ilustre director do nosso prezado colega «Diário de Notícias». Em virtude do avultado numero de inscrições, verificou-se que a sala da Casa do Leão, do Castelo de S. Jorge, era insuficiente para conter todos aqueles que querem prestar homenagem ao eminente escritor e jornalista, pelo que se resolveu realizar o almoço na Sociedade Nacional de Belas-Artes, cuja direcção pôs amavelmente as suas salas á disposição dos promotores da homenagem.

Ensopado de enguias

Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos

FOGO DE SEIS DIAS

causado por uma trovoada

BUENOS AIRES, 4. — Conseguiu-se finalmente extinguir o incêndio que, durante seis dias, devastou a área de Luan Tere, na província dos Pampas, destruindo mais de cem mil hectares de culturas e vegetação.

Morreram milhares de cabeças de gado e de animais selvagens, não havendo vítimas humanas a registar, embora cinco pessoas ficassem feridas no ataque ao incêndio. Como medida preventiva, já se tinham evacuado três localidades da região.

Crê-se que o incêndio tenha sido originado por uma trovoada. — (A. N. I.).



Unidades **OPEL** importadas
desde 1950 para
PORTUGAL

1950 JUNHO.....	1000
1952 JUNHO.....	2000
1953 OUTUBRO..	3000
1954 MAIO.....	4000
1954 OUTUBRO..	5000
1955 MARÇO.....	6000
1955 SETEMBRO	7000
1956 FEVEREIRO	8000
1956 AGOSTO...	9000

JANEIRO 1957

10.000⁰
OPEL

GENERAL MOTORS

Rua Particular, N.º 1 (Alcântara) Tel. 638181 — LISBOA



**Maria Inocência Pombo
Ahrens Teixeira**

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Carlos Ahrens Teixeira, sua mulher e filhos (ausentes), Berta Ahrens Teixeira Pissarra e filhos, João Ahrens Teixeira, sua mulher e filhos (ausentes), Ana Ahrens Teixeira Esteves e filhos, José Ahrens Teixeira e sua mulher, Henrique Ahrens Teixeira, sua mulher e filhos (ausentes), Paulina Ahrens Teixeira Correia de Melo, seu marido e filhos, Mário Ahrens Teixeira (ausente), sua mulher e filhos, Luis Ahrens Teixeira, sua mulher e filhos, Ana Ahrens Novais e filhos, e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, tia, bisavó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 14,30 horas, saindo da Calçada Marquês de Abrantes, 103, 1.º, esquerdo, para a Estação da Parceria dos Vapores Lisboenses (Cais do Sodré) com destino a jazigo de família no cemitério de Setúbal, onde deverá chegar cerca das 16 horas. Amanhã, pelas 10 horas, será celebrada missa de Corpo Presente.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO

MERKER



O distribuidor **SUISSO**, dotados dos mais modernos aperfeiçoamentos, que se impôs pelo conjunto que oferece:

SEGURANÇA ABSOLUTA
FUNCIONAMENTO IMPECAVEL
GARANTIA MAXIMA
A MAIOR BELEZA

PREÇO SENSACIONAL
ESC. 2.990\$00

EM EMPOSIÇÃO:

Rua S. Paulo, 142 — FREIJOTA, LDA. — Av.ª da Liberdade, 136-A
COMP. REUN. GAS E ELECTRICIDADE — Rua Garrett, 2 e Rua Boavista, 39

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara, 19, 2.º — T. 20660
Dr. A. Pina Jor.—Crianças—17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.º, 4.º, 5.º e 6.º—15,30 h.
Dr. Arnaldo Rodo—Ortopedia (Ossos e Articulações)—3.º e 6.º—15 e às 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Gar., Nar. e Ouv—14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado-Doenç. Ano-rectais, Hemorroidas—2.º, 4.º e 6.º—19 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins e v. uri—16 h.
Dr. Joaquim Lobo—Doen. Reumáticas—2.º, 4.º e 6.º—17 h.
Dr. Jorge Falcão—Pele e Sifilis—15,30 h.
Dr. Lobo Antunes—Doen. Nervosas—3.º, 5.º e Sáb.—17,30 h.
Dr. Luis Abecasis—Coração-Electrocardiografia—3.º, 5.º e Sáb.—14 h.
Dr. Luis Leite—Senhoras—Partos—17 h.
Dr. Marques da Gama—Clín. Médica—2.º, 4.º e 6.º—18,30 h.
Dr. J. Mira Mendes—Clínica Geral—Doenç. Pulmonares—14 h.
Dr. Neto Rebelo—Clín. cirur.—Operações—16 h.
Dr. Pereira de Pina—Boca e dentes—17 h.
Dr. Rosário Dias—Clín. Méd. (Doenç. Endocr. e Nutrição)—2.º e 6.º—15 h.
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos
Dr. Gentil Branco—Raios X.
Dr. Reis Valle—Análises Clínicas.

CAMINHOS DE FERRO

«SUD-EXPRESS»

Previne-se o Publico que no dia 4 de Fevereiro de 1957, por motivo de substituição de uma das pontes na linha da Beira Alta, os comboios n.º 1001 e 1002 (Sud-Express) circularão pela linha da Beira-Baixa, com as marchas que a seguir se indicam:
Lisboa (St.ª Apolónia), partida 11-15; Entroncamento, chegada 12-29; partida 12-30; Guarda, chegada 17-45.
Guarda, partida 11-20; Entroncamento, chegada 16-31; partida 16-32; Lisboa (St.ª Apolónia), che-

Leiam o «SEMPRE FIXE»

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DO CINEMA

da semana de 4 a 10 de Fevereiro de 1957.

2.ª-feira, 4 — «Duelo no Mississippi», com Lex Barker, Patricia Medina e Warren Stevens. A's 21,30, para adultos.

3.ª-feira, 5 — «Juventude de uma rainha», com Romy Schneider, Adrian Hoven e Magna Schneider. A's 17 para 13 anos — às 21,30 para adultos.

4.ª-feira, 6 — «Manequins de Paris», com Madeleine Robison, Ivan Desny e Jacqueline Pierreux, às 21,30 para adultos.

5.ª-feira, 7 — «O príncipe negro», com Errol Flynn, Joanne Dru e Peter Finch. A's 17 para 13 anos — às 21,30 para adultos.

6.ª-feira, 8 — «Força bruta», com Gene Barry, Barbara Hale e Edward Arnold. A's 21,30 para adultos.

Sábado, 9 — «O mundo do silêncio», com Frederic Dumas, Alberto Falco e a equipagem do «Calipso». A's 17 para 13 anos — às 21,30 para adultos.

Domingo, 10 — «Ela amou um bruto», com William Holden e Deborah Kerr. A's 17 e às 21,30 para adultos.

Policlínica de Arroios

P. DO CHILE. 14-1.º — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.

Dr. Mário Ruas—Rins e vias uri., 17 h.

Dr. Monteiro, Grilo—Doen. olhos, 16 h.

Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.

Dr. Parafada de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.

Dr. Pina Monteiro—Cor. e pulm., 17 h.

Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.

Dr. Eurico Alves Pereira—Clín. ger., 18 h.

Dr. Cabral, Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.

Dr. Dias, Amado—Anál. clínicas, 14 h.

Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14,30 h.

Dr.ª Maria Manuela Antunes—Doenças seniores, 13 h.

Dr. Luis Andrade—Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18,30 h.

Contra as frieiras
use

APYROL

O produto preferido desde
1933

DE LUTO

Julio Jacinto Ferreira

No talhão privativo dos combatentes da Grande Guerra, ficou sepultado o nosso amigo Julio Jacinto Ferreira, empregado bancário e antigo combatente, que foi acompanhado até a ultima morada por numerosos amigos, entre os quais algumas figuras representativas da vida portuguesa. O caixão, coberto com a bandeira nacional, foi transportado num carro militar.

O funeral saiu, cerca das 11 horas, da igreja de Santa Isabel, onde o corpo esteve depositado e nele tomaram parte, além de muitas senhoras, os srs. general Daniel de Sousa, presidente da Comissão Central Administrativa da Liga dos Combatentes; comandante José Cabral, dr. Aguedo de Oliveira, dr. Ramada Curto, coronel José Inácio de Castelo Branco, capitão Ruy da Camara Pina, Pedro de Saldanha da Gama, Julio da Costa Pinto, João Ortigão Ramos, Gustavo de Matos Sequeira, Abel Manta, Julio Pires, Constantino Mouton Osório, dr. Filomeno Lourenço, Rui Navarro Mascarenhas, Eduardo Mela, Manuel João Navarro Mascarenhas, Henriques Fortunato Viegas, Julio Santos, Bethencourt Brás, António Soares, Vitor Augusto Amancio, José Maciel Lino, Arnaldo Garcez, Jacob Levy, Rafael Rocha, Fernando Cohn, Henrique Mouton Osório, René Trouzet, Belia Afonso, Antunes Cabrita, Felmiro de Oliveira Castro, José André, Albino Lapa, João Sinal de Cordes, Sebastião Cardoso, Fernando Bravo, António Alves, etc.

O «Diário de Lisboa» estava representado pelo seu director, sr. dr. Norberto Lopes, e pelo sr. João Crisóstomo de Sá, chefe da Administração.

D. Maria Ahrens Teixeira

Faleceu a sr.ª D. Maria Inocência Pombal Ahrens Teixeira, de 84 anos, natural de Setúbal, mãe das sr.ªs D. Berta Ahrens Teixeira Pissarra, D. Ana Ahrens Teixeira Esteves e D. Maria Ahrens Teixeira Correia de Melo e dos srs. Carlos, João, Henrique, Mário, José e Luis Ahrens Teixeira.

O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, às 14 e 30, da Calçada Marquês de Abrantes, 103, 1.ª, esq., para a estação da Parçaria V. L. (Terreiro do Paço), em direcção a Setúbal, onde deverá chegar cerca das 16 horas.

VIDA MUNDANA

BODAS DE OURO

Num dos hotéis da capital comemorou-se ontem, com um jantar, o 50.º aniversário do casamento do sr. coronel Joaquim Maria Valente, engenheiro distinto, que foi administrador-geral dos Caminhos de Ferro e um dos obreiros da nossa missão em Africa, onde também foi director do Caminho de Ferro de Moçamedes.

Com ele e com sua esposa, sr.ª D. Ana Candida de Oliveira Mendes Neto Valente, reuniram-se todas as filhas e filhos do feliz casal, entre os quais o capitão-tenente Rui Neto Valente e os engenheiros Manuel Ferreira Neto Valente e Joaquim Aurélio Neto Valente, bem como as noras, genros, netos, outros familiares e alguns amigos, no total de algumas dezenas de pessoas. Aos brindes, suscitados pelo «bolo de noiva» e pela troca de alianças, falou o médico sr. dr. Joaquim Pereira da Silva que dissertou sobre o vigor mental de algumas pessoas idosas, como as homenageadas. O sr. coronel Valente, muito emocionado, proferiu uma alocução dirigida aos novos, fazendo a apologia do trabalho e da união familiar.

BAPTIZADO

Na igreja de S. João de Deus, celebrou-se, o baptizado da menina Maria João, filha do sr. Manuel Queirós, director de produção da Lisboa Filme, e da sr.ª D. Julia Augusta da Conceição Coelho de Queirós. O acto foi apadrinhado pela sr.ª D. Maria Queirós e pelo sr. Alvaro Dias Coelho, avós do neófito. Os pais deste reuniram, depois, num lanche, na sua residência, numeroso grupo de convidados, que incluía pessoas da família e amigos mais íntimos.

DE VIAGEM

No avião da Swissair partiu para Genebra, Paris, Bruxelas e Barcelona o sr. dr. Felix Rodrigues, funcionário superior da Sociedade de Produtos Lacteos Nestlé, que vai participar em reuniões daquela organização, que se efectuarão naquelas cidades.

A explosão na Rua Ivens

(Continuação da página central)

Prontamente compareceram no local várias ambulancias dos Bombeiros Voluntários de todas as secções. Com excepção do subchefe, que recebeu tratamento no posto de socorros da P. S. P., o Governo Civil, todos foram conduzidos ao Hospital de S. José. Felizmente regressaram todos ao quartel, visto terem ficado somente magoados, com excepção de Ildefonso Custódio Dias, que sofreu fractura de um pé. Entretanto, chegava ao local do sinistro os srs. tenente-coronel Ribeiro Viana, comandante do B. S. B., que desde logo tomou o comando do ataque ao incêndio, e capitão Frazão, adjunto técnico que o coadjuvou.

Ignoram-se as causas do sinistro cujos prejuizos são avaliados em muitos milhares de escudos

O referido rés-do-chão é ocupado pela firma Ayres de Carvalho, Ld., da Perfumaria da Moda, a qual tem ali instaladas, além dos escritórios, os laboratórios, os armazéns, as secções de embalagem, etc.

Foi no laboratório, onde existia também secção de óleos essenciais, que o fogo começou. Ali tudo ficou mais ou menos reduzido a cinzas. Havia produtos em preparação, que se perderam e o alcool, a glicerina, e acetonas em grande existência numa outra dependência, contribuíram naturalmente para o desenvolvimento do incêndio e para o tornar mais violento.

Os prejuizos são elevados a muitos milhares de escudos e estão cobertos pelo seguro.

As causas do sinistro não foram determinadas pelos técnicos do B. S. B., pelo que aquela corporação vai proceder a um rigoroso inquérito. No entanto, verifica-se que todas aquelas instalações deixaram de funcionar às 13 horas de sábado e só hoje a manhã o fogo se manifestou com tanta violência.

Mais ou menos todos os moradores sofreram com o sinistro e especialmente devido a explosão que, com a sua violência, estilhaçou vidros das janelas e partiu vidros de uso doméstico. No entanto, ao que parece, foram os inquilinos do primeiro andar que mais prejuizos sofreram. Ali acham-se instalados os consultórios médicos dos srs. drs. Cascão de Anciães e Luis Queriol Maciel.

Os trabalhos de rescaldo

Às 9 horas, tudo estava praticamente terminado e duas horas depois os Sapadores Bombeiros, davam por concluídos os trabalhos de rescaldo.

Dizem os leitores...

Não se pode trabalhar na Rua do Ouro devido ao alarido dos vendedores ambulantes

Do advogado sr. dr. Mendes de Almeida recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Li ontem no «Diário de Lisboa» — meu jornal de todos os dias — a carta dum leitor referente ao comércio ambulante na Rua do Ouro.

Esse leitor qualifica de «feira» essa rua quando invadida pelos vendedores ambulantes.

Realmente, é «feira» quanto a exposição e venda, mas é muito pior que «feira» quanto ao barulho ensurdecedor.

Quem tem de trabalhar em escritórios — é o meu caso — não pode fazê-lo. Quer concentrar-se e não lhe é possível. Não consegue produzir nada ou quase nada, sobretudo se os trabalhos exigem reflexão.

E' a saúde que se gasta prematuramente, pois o esforço que se exige ao cérebro é muito maior do que aquele com que ele pode.

Haverá o direito de prejudicar a saúde de toda a gente, por causa de uns pentes, umas canetas que podem ser vendidos sem o rebulido de «feira» a que presentemente se assiste?

Prende-se a cada passo, e condena-se, por se fazer «alarido».

Porque não intervêm os srs. guardas, para evitar o alarido?

Acham que só a policia camararia tem competência?

Não, não está em causa apenas o desrespeito pela postura municipal que não deixa estabelecer «feira» nas ruas da Baixa, está também em causa o «alarido».

A Grande Dona

(Continuação da página central)

a despeito de não fazer grande finca-fé nesse pormenor, noto que a novela encerra, para os moralistas, a virtude de ser essencialmente educativa, condenando o vicio da cobiça e preconizando o respeito pela palavra dada. E foi por isso que a vi com alegria incluída no volume inicial das Obras Completas de Aquilino Ribeiro.

A publicação das Obras Completas é, depois do plágio, a maior homenagem que se pode prestar a um escritor. Maior até que o monumento na praça pública, sabido que o monumento se impõe ao transeunte, quer ele esteja de acordo quer não, ao passo que as Obras Completas não podem ser publicadas sem a concordância e o seguro concurso de quem as compra.

Até hoje, em Portugal, não têm sido muitos os escritores consagrados por tal homenagem. Agora Garrett, Eça de Queirós e João de Deus, os dois primeiros «post mortem», só me ocorrem os nomes de Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoais e Ferreira de Castro, este o unico que a obteve em vida. Nem o grande Camilo conseguiu ainda ter uma edição verdadeiramente completa das suas obras. Bem está que a tenha agora o seu mais próximo parente literário — Aquilino. E eu folgo, como já disse, em ver no volume inaugural a Grande Dona, essa extraordinária personificação da Morte, que o romancista chamou a das mãos geladas, talvez sugerindo sem querer o título menos feliz de Dama das Brancas Mãos dado em português a enorme peça de Garcia Lorca.

Outra Grande Dona se aproxima, mas esta viva, concreta, extremamente simpática a todo o Mundo e em especial a Portugal, que nela vê o simbolo excelso da nossa mais velha aliança

O PORTO pelo telefone

Prisão de um larápio

PORTO, 4.—Há já algum tempo, conforme temos noticiado, se registam pequenos assaltos a residências e estabelecimentos, assaltos quase sempre praticados durante a noite e sem que os seus autores sejam presos. Porém, esta madrugada, a brigada de repressão á gatunagem surpreendeu numa das artérias da cidade um casal que transportava volumoso embrulho e prendeu-os. Na secção de justiça da P. S. P. foram ali identificados como Aires da Silva Pinto Marques, de 44 anos, e Maria da Silva Celeste Oliveira, de 30 anos, ambos residentes na Rua do Souto, 23.

O embrulho que transportavam continha tabaco no valor de mil escudos e uma torradeira eléctrica, afirmando ambos que o volume lhes fora entregue por um indivíduo, cuja identidade forneceram e que assaltara uma tabacaria na Rua do Bonfim, 414. Preso o assaltante, a Policia trata de saber se foi também o autor de outros assaltos semelhantes.

Roubos de automóveis

Queixou-se á Policia o sr. Joaquim Chaves, morador na Rua Costa Cabral, 393, de que lhe furtaram do interior do seu automóvel, uma gabardina no valor de algumas centenas de escudos.

Doença subita

Na Rua de Santa Catarina foi acometido de doença subita o musicista de teatro sr. Manuel Augusto Pacheco, de 46 anos, morador na Rua de Peña Ventosa, 38, que ficou internado no Hospital de Santo António.

O desastre da automotora

No Hospital de Santo António, onde deram entrada em estado extremamente grave, conforme informámos, por terem sido colhidos por uma automotora na estação da Trindade, entre Costoais e Crispins, foi

político. Da janela deste gabinete assisto ao acabamento das obras da Avenida — um dos efeitos da próxima visita régia — e oigo deslumbrado aquella orquestra da serra e do malho que os olhos cegos do poeta Castilho viam desentranhar-se em tardes, cidades, amor e que mais tarde — quem o houvera sonhado! — havia de fazê-lo andar em bolandas da esquina de Alexandre Herculano para a esquina de Barata Salgueiro. São as serras dos carpinteiros a fazer a cama para o cimento armado e são os malhos dos calceteiros a restaurar passados demolidos. Tal afã trás-me á lembrança certa revista de teatro de há quase meio século que apresentava o curioso episódio de dois calceteiros movendo cada qual a sua matraca, primeiro ao ritmo sacudido do Hino da Carta (pouco antes caído no index) e depois ao compasso lento da Portuguesa, que acabava de ser arvorada em hino nacional. Naquele lance dos beijos de mãe (o revisteiro era talassista...) os homens enlanguesciam de puro extase e o malho quase lhes caía das mãos.

Agora, aqui na Avenida — salve os Deus! — os homens trabalham ao ritmo do Good Save The Queen! E' um regalo ver aquele fervor opus, já comentado com espirito pelo Diário de Lisboa, que lamentou não recebermos todos os anos a visita de uma rainha.

O bom Castilho, como não é de ressentimento, continuará a declassar o civico pregão:

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho...

trocando com o ilustre Herculano, seu companheiro de bofeus, um sorriso de indulgência para as agruras infligidas aos homens de letras.

Parece que na Hungria é muito pior. — R. J.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

COLHIDA POR CAMIONETA — Na Travessa das Salgadeiras, á Calçada de Santana, foi colhida por uma camioneta com rotura de travões, Maria Gracinda Gonçalves, de 38 anos, residente na Travessa do Forte, 13-A. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José em estado muito grave.

MORTALMENTE ATROPELADO — António Reis Carvalho, de 45 anos, jornalista, morador na Rua do Pêgo, 33, em Bucelas, ao sair da residência foi atropelado por uma camioneta, e morreu pouco depois de ter dado entrada no Hospital de S. José. O condutor da camioneta, Luis Eleutério de Figueiredo, de Cadafais, Alenquer, foi preso pela G. N. R.

VOLTAS EM AUTOMÓVEL — António Jorge Mota, de 28 anos, pulador de móveis, morador na Rua Carlos José Barreiros, 11, aproveitou um automóvel emprestado para dar uma volta com uns amigos, insistindo depois por outra volta só com um deles, mas o carro voltou-se no cruzamento da Avenida de Roma com a dos Estados Unidos. O Mota foi preso, e o amigo desapareceu, mas é procurado.

CONFERENCIAS

O prof. Gregório Marañon profere, amanhã, às 21 e 45, no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, uma conferência intitulada «Um Síndrome de A. B. D.».

— Amanhã, terça-feira, pelas 21 e 30, o sr. dr. Gustavo de Castro fará, numa reunião do Nucleo de Estudos do Instituto dos Actuarios Portugueses, uma exposição subordinada ao titulo: «A Programação Matemática e os seus problemas de Cálculo Numérico (III)».

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cão preto, com malhas amarelas; uma mala com artigos escolares; uma mala para criança, com um porta-moedas, um lenço e dinheiro; um porta-moedas com dinheiro; uma nota do Banco de Portugal; dois tampões de roda de automóvel; uma mala para senhora com um recibo em nome de Etelvina Barbosa Carrazo; um brinco de fantasia; um cinto de gabardine; o bilhete de identidade de João Carlos Marques Maia; um atestado de residência em nome de José dos Santos Pestana; um casaco de plástico; uma gabardine para homem; um lenço com ramagens; um par de luvas para senhora e luvas desmanchadas; um cinto de gabardine e uma luva; um cachecol; um cartão em nome de Vitor Manuel de Sousa da Costa; um livro de missa; um manipulo de porta de automóvel; argolas com chaves, e chaves desmanchadas.

Também se encontram, no Sindicato dos Motoristas os seguintes objectos: uma pasta com documentos; uma sombrinha articulada, para senhora; um livro sobre arqueologia.

Preparativos no Tejo para a próxima campanha bacalhoeira

Estão já no Tejo a preparar-se para a próxima campanha bacalhoeira, os arrastões «António Pascoal», «Estevo Gomes», «David Melgueiro», «João Costa», «Fernandes Lavrador», «João Alvares Fagundes», «Padua», «Agua Santa», «Santo André», «S. Gonçalves», «Comandante Tenreiro», «Pedro de Barcelos», «Santiago», «Foz do Mondego» e «Bissau Barreto».

UM CONVITE

ao comércio de Lisboa

A próxima visita da rainha Isabel II de Inglaterra e do duque de Edimburgo ao nosso País, levou a União de Grêmios de Lojistas de Lisboa a dirigir convite a todo o comércio lojista da capital, para que, sobretudo nas artérias da Baixa, as montras dos estabelecimentos sejam engalanadas e adequadamente decoradas, no periodo compreendido entre 15 e 22 do corrente mês.

O presidente da Alemanha vai aos Estados Unidos

BONN, 4.—O presidente da República federal, prof. Theodor Heuss, acci-

VIVA COM

GAZCIDLA

ONDE QUER QUE VIVA

A **CIDLA** ORGULHA-SE DE, PARA BEM SERVIR O PÚBLICO, TER VINDO A MELHORAR PROGRESSIVAMENTE OS SEUS SERVIÇOS, QUER NO QUE DIZ RESPEITO A DISTRIBUIÇÃO QUER A ASSISTÊNCIA TÉCNICA. NESTA CONFORMIDADE NÃO SE TEM POUPADO A ESFORÇOS PARA TAL FIM.

DADA, PORÉM, A GRANDE AGLOMERAÇÃO DE CLIENTES ENTRADOS DURANTE A RECENTE CAMPANHA DO NATAL (CERCA DE 12.500), VIU-SE OBRIGADA, APESAR DE TODOS OS SEUS ESFORÇOS E BOA VONTADE DOS FABRICANTES NACIONAIS DE MATERIAL DE QUEIMA, DE GARRAFAS E DE ACESSÓRIOS, A ATRASAR, EMBORA LIGEIRAMENTE, A INSTALAÇÃO DE NOVOS POSTOS.

AGORA, QUE TUDO ESTÁ NORMALIZADO, A **CIDLA** VEM, POR ESTE MEIO, MANIFESTAR O SEU AGRADECIMENTO A TODOS AQUELES QUE, CONFIANDO NA SUA ORGANIZAÇÃO, ADOPTARAM O **GAZCIDLA** COMO COMBUSTÍVEL, PROMETENDO A TODOS OS SEUS CONSUMIDORES — NOVOS E ANTIGOS — A CONTINUAÇÃO DO ESFORÇO NO SENTIDO DE, CADA VEZ MAIS, BEM SERVIR O PÚBLICO.

GAZCIDLA

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA!

A declaração de Pineau nas Nações Unidas sobre os problemas da Argélia

(Continuação da 1.ª página)

venção das Nações Unidas é indubitavelmente ilegítima.

E Pineau conclui a sua argumentação jurídica apresentando dois princípios:

«Nenhuma nação pode pedir a outra que viole as regras mais fundamentais do seu próprio Direito. Todos os países, ou quase, representados na O. N. U., têm a sua Constituição, nem sempre tão democrática como a nossa, mas que têm todo o direito de manter. Pretendamos mau serviço à Organização se aceitássemos que, por motivos imprevistos de paixão política, uma das regras fundamentais da organização internacional fosse deliberadamente violada».

III — A OBRA FRANCESA NA ARGÉLIA.

9.700.000 de habitantes em 1957 contra 2.000.000 em 1830. Em virtude dos progressos de ordem sanitária, económica e social introduzidos pela França, a mortalidade infantil decresceu de 50 % em 1830, para 8,5 % em 1956.

A agricultura, outrora praticamente inexistente foi transformada: a população muçulmana conta hoje com mais de 7.000.000 de habitantes que trabalham a terra e utilizam modernos processos de cultura.

Desde 1939, construíram-se doze grandes barragens que irrigam 100.000 hectares; edificaram-se 2.850 kms. de canais no mesmo período. Conseguiram-se estes resultados a despeito da constante invasão das areias do deserto.

Entre as outras realizações, são de enunciar: 80.000 kms. de estradas; 20.000 kms. de estradas em construção; 4.500 kms. de linhas férreas; 14 portos modernos; 32 aeródromos modernos.

No campo social, mais de 2.000 médicos, ou seja uma proporção maior relativamente à população do que noutro qualquer país da África do Norte ou do Médio Oriente: 30.000 camas de hospital ou seja 1 cama por 330 habitantes (no Egipto: 1 cama para 1.000 habitantes); a Argélia destina à higiene 3,40 dólares por habitante e por ano; o Egipto, 1,20 dólar.

O ensino representa 1/5 do orçamento total da Argélia. Há 2.500 escolas com 12.000 classes e 523.000 alunos, dos quais 350.000 muçulmanos.

Comentando estas cifras, Christian Pineau disse: «As crianças de todas as raças e todas as religiões sentam-se, como é devido, nos bancos da mesma escola para receberem a mesma educação. É incontestável que o analfabetismo recua e desejariamos que muitos Estados estivessem habilitados, nas comissões competentes das Nações

Unidas, a apressar realizações da mesma ordem».

IV — AS REFORMAS EM REALIZAÇÃO:

«É normal que se pense mais no que há a fazer do que no que se fez já. Esta é a razão por que o Governo francês actual, considerando insuficientes os progressos embora reais efectuados pela França no passado, entrou no caminho de reformas importantes. Duas ideias essenciais estão na base das reformas empreendidas: 1.ª, garantir uma verdadeira igualdade social mediante a formação de elites muçulmanas; 2.ª, aumentar e desenvolver o progresso social, crescendo a produtividade e o volume das produções alimentícias, tornando a acção administrativa mais eficaz.

«O Governo francês simplificou as formalidades e as condições de acesso dos Franceses muçulmanos à função pública. Uma nova comissão encarregada de fazer a escolha das candidaturas, já examinou mais de 6.600 processos.

E o ministro dos Negócios Estrangeiros francês acrescentou: «As eleições que decorrerão em todo o território argelino, em condições a que me referi mais adiante, devem trazer ao primeiro plano homens novos susceptíveis de promover, ao lado da França, uma solução política justa».

Salários: o montante do salário é quatro ou cinco vezes mais elevado do que o do salário médio no Egipto.

Segurança Social: Como todos os outros trabalhadores franceses, os Argelinos de mais de 65 anos, beneficiam de um abono por velhice. São, hoje, cerca de 300.000, dos quais 250.000 muçulmanos.

Investimentos: O Plano de 10 Anos assente em 1956 prevê uma despesa de 4.500 milhões de dólares até 1957. O auxílio dado pela França aos seus territórios subdesenvolvidos é superior, per capita, ao de qualquer outro país, aos países subdesenvolvidos.

V — CAUSAS E EVOLUÇÃO DA REBELIÃO:

Christian Pineau explicou as causas da rebelião e mostrou que os rebeldes foram os primeiros a empregar a força.

VI — OS MOVIMENTOS EM PRESENÇA.

Analisou a acção do M. N. A. (Movimento Nacional Argelino), da F. L. N. (Frente de Libertação Nacional) e do Partido Comunista argelino.

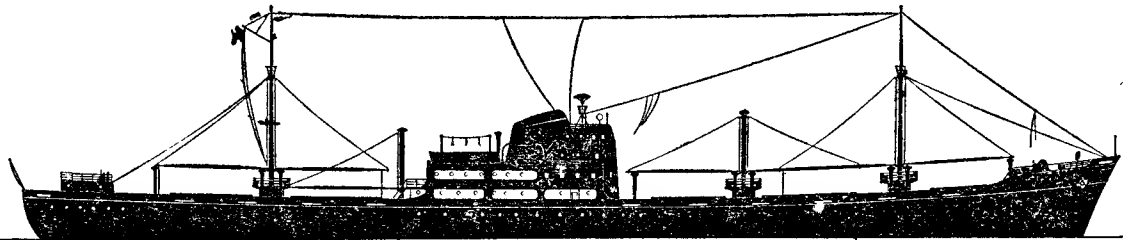
Mostrou como foi que os comunistas se infiltraram progressivamente nas organizações rivais, dando aos nacionalistas a garantia de que tudo fariam para os ajudar a conquistarem a sua independência total.

VII — OS CONTACTOS COM A REBELIÃO.

Descrevendo os esforços do Governo francês para conseguir um cessar fogo, o ministro lembrou: «Há um ano que o presidente do Conselho francês tem repetido várias vezes a sua proposta de um cessar fogo». Mas as exigências dos rebeldes foram de tal ordem, que tornaram o fosso intransponível.

Na segunda parte do seu discurso, Pineau falou das reacções francesas à rebelião, dos ataques à França e da prisão dos cinco chefes rebeldes. — (F. P.).

As afirmações que se fizeram ao assinar-se o contracto de construção do novo navio para a Companhia Colonial



A silhueta do novo «Lobito» hoje encomendado

(Continuação da página central)

inho, e em nome dos Estaleiros de Viana, o seu administrador-delegado sr. Jacques de Lacerda.

Terminada a cerimónia, proferiu breves palavras o sr. Jacques de Lacerda. Depois de agradecer a «alta prova de confiança» que os estaleiros acabavam de receber da Colonial, salientou que o navio a construir era «de porte tão grande que, aparte os navios petrolíferos construídos no Arsenal do Alfeite, vai ser esta a maior unidade construída em Portugal».

Referiu o desenvolvimento dos estaleiros e as suas possibilidades e exaltou o valor da nova unidade como testemunho do esforço e dos propósitos da Colonial. Lamentou que não pudesse estar ali presente Bernardino Corrêa, a cuja memória dedicou sentidas palavras de admiração, afirmando que, se o homem desapareceu, a sua obra ficará perduravelmente. Depois de pôr em destaque a notabilíssima acção do sr. ministro da Marinha, em prol da reconstrução da Marinha Mercante e da indústria portuguesa de construção naval, saudou no almirante Américo Tomaz «o obreiro maior dessa feliz reconstrução» e terminou assegurando à Colonial que os estaleiros tudo farão por continuar a bem servir.

Falou a seguir o sr. Raul Vieira. As suas primeiras palavras foram para dizer, que, embora o acontecimento tivesse grande importância e especial significado, o desaparecimento de Bernardino Corrêa, faria perdurar longamente o luto naquela casa, o que impedia, naturalmente, que se sáisse da simplicidade de que se revestia aquela cerimónia. Depois, em palavras de repassada saudade, lembrou a figura e a obra do fundador da Colonial, dizendo que, ali presente em efígie, Bernardino Corrêa desaparecido do número dos vivos, manteria perduravelmente o sopro que animava a sua fecunda iniciativa.

Prestando homenagem ao ministro da Marinha, revelou que, por despacho, o sr. almirante Américo Tomaz lembrara que a nossa indústria de construção naval estava habilitada a dar execução a encomendas como aquela que hoje se faz.

VAI A POMBAL o Orfeão Académico de Coimbra

POMBAL, 2 — No Teatro-Cine desta vila, haverá no próximo dia 8 um espectáculo coral e teatral pelo Orfeão Académico de Coimbra.

Está a preparar-se a recepção aos estudantes, que serão aguardados pelas entidades oficiais, antigos estudantes de Coimbra, Rancho Típico de Pombal, associações desportivas e Filarmónica Artística Pombalense. Na Câmara Municipal, receberão cumprimentos de boas-vindas, e na sede da Filarmónica Pombalense, ser-lhes-á oferecido um jantar volante.

PELARIA CHILE

Vende, curte, tingi e confecciona todo o género de peles (Peleira especializada). Peles para todos os preços. Praça do Chile, n.º 16, 2.º. Telef. 54640 — LISBOA.

OS FATOS USADOS

de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.ª tem para vender, será pago conscienciosamente, se nos chamar pelo T. 663031.

R. S. Bento, 58 e 60

zias, e afirmou que, por seu turno, a Colonial, «até por um imperativo de orgulho nacional», viu com prazer a conclusão das negociações entre as duas empresas, para a encomenda do «maior navio de carga geral até à data delineado e a construir no País».

Agradeceu por ultimo ao sr. Jacques de Lacerda as palavras dedicadas à memória de Bernardino Corrêa e concluiu com os seus votos no sentido de que, em Maio de 1959, o «Lobito», pois assim se chamará o novo navio, possa estar ao serviço da Nação.

A rainha Alexandra

(Continuação da 1.ª pág.)

breve. E sobre o coche foi até ao palácio. O episódio foi notado e quando o cortejo parou, diante das Necessidades, um criado do Paço, logo após a rainha ter saído do coche, conseguiu agarrar a pomba. D. Amélia ofereceu-a à soberana. A rainha Alexandra comoveu-se com o episódio e disse que levaria consigo, para Buckingham, aquele símbolo de paz e de amizade. E a pomba branca do Terreiro do Paço foi acabar os seus dias, estimada e acariciada, nos jardins do palácio real de Londres.

Os cavalos que tiravam o coche fizeram um percurso impecável, de passo e de compostura, através da cidade. Mas, em Santos, um foguete que estourou antes de subir, espantou um dos animais e houve um momento de perturbação. O coronel Alfredo de Albuquerque, que seguia a cavalo, próximo do coche, apeou-se e dominou facilmente o animal assustado, permitindo assim que o cortejo seguisse a sua marcha. De dentro do coche, D. Carlos agradeceu-lhe, com um sorriso, a sua pronta decisão.

No palácio das Necessidades, a rainha Alexandra ocupou aposentos da família real. A sala do trono, foi transformada em gabinete de trabalho; a sala azul, ficou como sala de recepções; no seu quarto de dormir, tinha leito de docel e a sala carmelita era o tocador.

As princesas Maud e Victoria, suas filhas, que a acompanhavam, só desembarcaram no dia seguinte. D. Carlos, em pessoa, foi a bordo buscá-las e acompanhou-as em «lance» aberto até às Necessidades. A noite, depois do jantar no palácio, houve recita de gala em S. Carlos. Cantou-se a «Manon» em ambiente solene.

Parada de elegancias no Campo Grande

A 23, á tarde, as duas rainhas, e D. Carlos passaram no Campo Grande, em carro aberto, diante da primeira sociedade de Lisboa. Foi um acontecimento mundano. Donzelas e cavaleiros montavam os

mais belos cavalos da época, ricamente ajazezados. A pé, via-se também muita gente nobre e as famílias dos altos funcionários. «Charettes» e «aranhas» conduziam os mais lindos rostos lisboetas. A expectativa era geral. D. Luís Filipe e D. Manuel, ambos a cavalo, com os seus ajudantes, passeavam a passo, de trás para diante, recebendo cumprimentos e distribuindo continências e sorrisos. A meio da tarde, houve um movimento de curiosidade. Surgiu o «lanceau» aberto com os reis de Portugal e a rainha da Grã-Bretanha. Ecoaram salvas de palmas, rosas e cravos cruzavam o espaço e caíam junto dos soberanos, que sorriam francamente. O príncipe e o infante passaram então a cavalgar á estribeira e a caruagem passou, em marcha lenta, pelo meio do mundo oficial e elegante de Lisboa dos alvares deste século... Quem viveu esta tarde memorável do Campo Grande, não a esqueceu mais.

No terceiro dia da visita, D. Maria Pia ofereceu um almoço em Sintra, no Paço da vila. Um três dezenas de convidados. D. Carlos, esfuante, de cravo vermelho na lapela e máquina fotográfica a tiracolo. Toda a família real e a fina flor da nossa aristocracia—Soveral, Sabugosa, Seisal, Tarouca, Bellas, Arnoso, Asseca, Loulé e Ribeira Grande; D. Fernando de Serpa, o conselheiro Eduardo Villaca, a condessa de Figueiró, nomeada camarista da rainha Alexandra, e seu marido, veador da soberana...

E foi tudo. No dia 25, partida de Lisboa. Grande cerimónia no Terreiro do Paço. Tropas e personalidades. D. Carlos, fardado de almirante, conduziu pelo braço a rainha visitante, pela escadaria do Cais das Colunas, até ao bergamim. Seguiram-se D. Amélia e D. Maria Pia, os infantes e o Governo. As rainhas de Portugal e da Inglaterra trocaram um beijo de despedida, visivelmente emocionadas. Daí a pouco, os altos mestros do «Victoria and Albert» já se viam para lá do Terreiro de Belém. Lisboa continuava a ser uma das capitais da política europeia...

VIDA MUSICAL

Dois concertos pelo Quarteto de Lisboa

Por iniciativa do Círculo de Cultura Musical, vai o Quarteto de Lisboa apresentar-se nos teatros de S. Carlos e S. Luís, em dois concertos marcados para os dias 9, e 11 do corrente.

O primeiro está previsto para as 21 e 45 e o do Teatro de S. Luís, para as 18 e 30.

SAPATARIA GARRETT

Apresenta as suas colecções especiais e exclusivas de calçado de grande cerimónia para senhora e cavalheiro

R. GARRETT, 94 — LISBOA
Telef. 26412-22313

Relógio de Precisão

LONGINES



Milhões em uso nas CINCO partes
do Mundo

Depoimento sobre as condições de vida na Hungria

(Continuação da 1.ª página)

dos se contenta com responder, tremendo:

—Não posso «intensificar» o meu plano se os nossos fornecedores não nos entregarem as mercadorias com regularidade.

O fornecedor é a Fábrica de Curtumes do Estado. Não pode fazer entregas mais regulares porque não recebe da Empresa Nacional de Importação de Produtos Químicos as matérias-primas necessárias para o curtume. Esta empresa deve pagar as matérias-primas com os dólares que a Empresa de Exportação dos Couros Curtidos recebe pelo cabedal quando este é entregue em data fixa. Nunca, porém, o consegue, por falta de material necessário.

E' em vão que os operários são forçados a ultrapassar os 100 % do plano. E' também em vão que a Comissão Central do Plano elabora verdadeiras obras-primas de economia planificada. De Praga a Ulan-Bator todos esses planos se recusam funcionar. E' por isso que as prisões estão cheias de Chécos e de Mongóis acusados de não cumprirem o plano.

Para mais, os diferentes planos dos países que se encontram sob o domínio comunista não estão coordenados. A Roménia não tem capacidade para fornecer a madeira de que necessitam as fábricas da Alemanha Oriental. Fala-se numa subordinação de todo o Mundo ao Plano Central elaborado por Moscovo. Mas, enquanto se espera, constrói-se na Hungria, país que já não possui ferro nem carvão, uma «Cidade do Aço». E inventam-se «passadinhos» que são acusados de desvios para a «esquerda» ou para a «direita», para justificar o fracasso do plano.

Um desvio para a «direita» é tolerado neste momento, porque vivemos numa espécie de «N. E. P.» e a nova tendência da nossa política económica, «o famoso passo para trás», incita as Empresas Nacionais do Comércio Exterior, onde redijo catálogos em inglês, a sorrir ao mundo capitalista.

«Que estoirem o mais depressa possível!»

Começo a dar os meus cursos de línguas às sete horas da manhã. Das oito e meia às cinco da tarde consigo-me às traduções. As sete, recomago os cursos da tarde, que só findam às dez.

Estou pois tão sobrecarregada de trabalho como a maioria dos meus compatriotas. Só uma minoria vive sem trabalho fixo, os «sem especialidade» do antigo regime e os velhos. Estes venderam por um preço irrisório os móveis que ainda tinham, a fim de pagar, mesmo por muito dinheiro, o indispensável para sobreviverem. Agora não lhes resta quase nada e têm que se contentar com limpar as casas dos parentes mais jovens, que, como eu, vivem sobrecarregados de trabalho. Têm pois de suportar as reprovações dos que os mantêm e que andam tão enervados como eu ando.

—Que estoirem o mais depressa possível! — deseja a porteira, a tia Matilde.

Todas as empresas têm o seu polícia político

Atrasei-me esta manhã, por causa da Assembleia dos especialistas do plano. Tenho de traduzir a toda a velocidade uma carta onde se explica a uma casa da Argentina a razão por que lhe foram enviados modelos de camisas sem colarinho. O partido comunista italiano já reclamou a importância duma factura fictícia que nos tinha mandado. Esta transacção deu-se às claras e não faria muito boa figura num romance duma série negra que tratasse de agentes secretos.

Por que razão se não dissimula melhor o facto de a nossa economia planificada ter acima de tudo como finalidade alimentar em fundos os partidos comunistas do Mundo inteiro? Os comunistas desprezarão os adversários a esse ponto?

Por esta vez não tomo partido, porque vejo á porta do responsável pelas camisas sem colarinho o meu velho amigo Bobby, o oficial da Polícia que usava óculos e que eu julgava preso. Eclipsou-me porque, embora tenha esquecido os suplícios que ele me infligia, penso que talvez ele me não tenha perdoado o «pull-over azul» que lhe dei quando ele estava detido. Será então como prisioneiro que ele se encontra aqui no centro de exportação? Ele, porém, avistou-me.

—Sou outra vez polícia, menina ingénua. Todas as empresas nacionalizadas têm um homem da Polícia política, incógnito, está bem de ver.

—Deve ser uma «pessoa de confiança», diz-me Alex, que parece preocupado. Se ao menos ele não falasse do seu passado...

—Julga por acaso que o não conheço?

—Claro que o conheço, mas agora talvez «queiram» conhecê-lo por uma determinada razão ou por outra.

Coexistência pessoal

Hoje é domingo e estamos acampados na ilha de Santo André. Não quero ouvir falar de coisa nenhuma. Estou a cozer toucinho, ao ar livre.

Está bom tempo e observo uma joaninha toda vermelha, que caminha apressadamente para um abrigo, que é a folha de uma acácia. Estendo-me na erva e ouço Alex, que me fala da cor dos cortinados da nossa futura casa. Tem bom gosto e força de persuasão. Esqueço-me por um instante de que não há compromisso entre os nossos mundos. Talvez, em todo o caso, seja possível uma coexistência...

Estará a minha vida a começar a ser possível? — Se voltar a ter esperança, vai-nos acontecer outra desgraça.

Quem me anuncia isto é Lucette. Foi há quinze dias posta em liberdade e habita comigo numa antiga mercearia que o camarada Stéphane ocupou pela força. A rua Real, que actualmente se chama Rua Majakowsky e era outrora uma das artérias mais barulhentas, está cheia dessas antigas lojas transformadas, após a sua liquidação, em habitações. Parece-se-lhe com um cemitério se alguns artifícios, aproveitando-se da nova tendência da economia para o liberalismo, não tivessem por seu lado transformado essas habitações em oficinas. O Estado deixa-os trabalhar durante algum tempo e até mesmo enriquecer, na certeza de tomar posse das suas pequenas fortunas no dia em que terminar a era desta nova economia. Política de limpeza é a maneira de designar esta tática praticada por esse «trust» armado que é o Estado.

Enquanto espera, Lucette entregava-se a uma actividade económica de ordem privada. O sapateiro que habita em frente de nós fez-lhe um par de sandálias e um chapeleiro viuvo que quer casar com ela deu-lhe de presente um coelho.

A sombria profecia de Lucette só poderia realizar-se se ainda estivessemos na cadeia.

Repito isto várias vezes para mim própria, enquanto espero diante da porta do director da repartição da Planificação, que me mandou chamar.

Mas não estarei eu presa? É-me porventura possível deixar este edifício, esta cidade, este país?

Não me lembrava já de que conhecia aquele sujeito. Havíamos travado conhecimento numa recepção. Ele, porém, parece ter-se esquecido de mim.

—Desde quando trabalha sem livrete de trabalho? Sou obrigada a abrir um inquérito. Entretanto pode ir-se embora.

Olha para o relógio.

—Tem trinta segundos para chegar á porta da rua. Não olhe para a direita nem para a esquerda.

Bobby está sentado ao lado dele e tem alguns documentos na mão. Alex não se enganara.

«Não vendemos bilhetes para a região fronteiriça»

Não quero voltar para casa. A Polícia podia estar lá á minha espera. O perigo torna-me lucida e sugere-me a ideia de deixar o mais depressa possível Budapeste e refugiar-me na minha cidade natal, perto da fronteira jugoslava. As relações entre nós e a Jugoslávia são agora melhores. O Danúbio, que nos separa, corre junto ao jardim do meu pobre cunhado Jorge. O rio não é muito largo em frente duma ilha onde se pode chegar a nado numa noite sem Lua.

Da estação telefono a Alex.

—O camarada director saiu, respondem-me.

Tanto melhor. O seu telefone talvez já esteja vigiado. Só queria dizer-lhe adeus.

No guichet da estação o empregado franze o sobrolho.

—Não vendemos bilhetes para a região fronteiriça sem uma autorização especial.

Regresso a pé á Escola. Os passaios da rua luzem, lavados de fresco por uma violenta batéga de água.

—O camarada director está no escritório. Não saiu durante toda a manhã.

A tia Matilde substitui o novo porteiro durante um curto instante. Esqueceram-se de a prevenir de que dissesse que o director tinha saído, no caso de eu o vir procurar.

Lucette e o seu sargento

Lucette espera-me com impaciência.

—O que tens tu andado a fazer? Está ali um sargento da Polícia á tua espera. O companheiro que vinha com ele foi almoçar.

Tudo vai pois recomençar, interrogatórios, ameaças, três dias sem comer...

—Porque estás com uma cara dessas? Os pais deste sargento têm uma bonita quinta. É tempo de pensar em me casar. A menos que ele minta...

—E Lucette fica de subito preocupada — Com os rapazes de hoje nunca se sabe... Não me posso casar com um qualquer.

Evidentemente que não se sabe, sobretudo quando se conhece «o rapaz de hoje» só há um quarto de hora. Não posso deixar de sorrir.

O sargento tem os cabelos ruivos. Lucette sempre teve um fraco pelos homens ruivos. Talvez não seja indispensável os pais dele terem uma linda quinta... Ele insiste:

—Os meus pais têm uma... Olhe que não minto, menina Lucette.

Ouvii toda a nossa conversa, o que facilita bastante as coisas. Quando o camarada regressa, só restam algumas formalidades a cumprir. Ele e eu seremos as testemunhas do casamento. Antes de partir, o sargento diz-me:

—Tínhamos vindo para fazer um relatório sobre as pessoas com quem vive. Podemos certificar que está em excelente companhia.

Sou «cedida» ao Ministério dos Negócios Estrangeiros

Os relatórios sobre as pessoas que cercam determinado indivíduo fazem-se normalmente quando se pensa nomear esse indivíduo para um posto elevado. Não me sinto pois nada espantada quando no dia seguinte o chefe do pessoal me anuncia:

O Ministério dos Negócios Estrangeiros pede-nos para o seu serviço do Protocolo uma pessoa que saiba várias línguas e que tenha boas maneiras. Pensámos logo em ti. Cedem-te com pena, mas trata-se dos interesses superiores do país.

O chefe do pessoal é o mesmo que me recusou auxílio quando me apresentei recomendada por Frederico e me aceitou imediatamente quando lhe fui apresentada por Alex. Sei que este antigo barbeiro foi recebido na Escola dos Chefes do Pessoal. O meu dossier está com certeza debaixo dos seus olhos. Nada ignora de mim. Precisam, porém, dos meus serviços, apesar do meu passado e das minhas origens. Por enquanto... Mais tarde, quando outra mulher jovem, conhecedora de línguas e com boas maneiras deixar a Escola do Protocolo e procurar colocação, então me acusarão de «infiltração na alta diplomacia».

Não hei-de esperar por esse momento.

Um apartamento de duas divisões... quando nos casarmos

Agradeço ao chefe do pessoal, que me diz:

—Se não tens que vestir, nós en carregamo-nos disso.

Dir-se-ia que está a par do numero dos meus pares de meias e das minhas combinações. Também o Alex parece estar mais bem informado do que na véspera. Está á minha espera á saída.

—Venho da Presidência do Conselho. Logo que casarmos, teremos um apartamento de duas divisões.

Essa habitação fica situada numa bela casa que o cerco de Budapeste poupou por milagre. Os seus antigos ocupantes foram deportados e os apartamentos dados a soldados do Exército Popular ou a outros bons militantes do género de Alex. Quando for sua mulher, participarei nas reuniões dos locatários e poderei, por dever do meu cargo, meter-me nos assuntos privados dos meus vizinhos, na sua maioria camponeses que se aborrecem de morte naquele edifício citadino. E' certo que há cidadãos deportados e mal cidadãos a lavar as terras que foram deles.

(Conclue amanhã)

O inquérito preparatório do Congresso da Indústria

Entre os trabalhos preparatórios do próximo Congresso da Indústria, a realização de um amplo inquérito ás actividades produtoras nacionais figura entre os mais importantes e de maior projecção. Dada a insuficiência dos elementos estatísticos disponíveis no nosso País relativamente a numerosos aspectos da estrutura e funções da indústria, o estudo aprofundado desses aspectos constitui condição fundamental para o êxito do Congresso e seus resultados práticos. Com esse objectivo foi posto em marcha o «Inquérito á Indústria», que se encontra actualmente em execução e de que já começaram a receber-se na comissão executiva do Congresso as primeiras respostas.

Todos eles apresentam importância relevante, visto que só algumas empresas de cada ramo são consultadas devendo as suas indicações servir de base aos estudos de interesse geral a realizar na reunião de Maio próximo.

Quaisquer dúvidas sobre o preenchimento do questionário do inquérito podem ser resolvidas pela comissão executiva do Congresso da Indústria, cujos serviços estão instalados na Avenida da Liberdade, n.º 242, em Lisboa (telefones n.ºs 49135, 49136 e 54792).

Uma conferência do padre Breuil no I. S. E. Ultramarinos

O padre Henri Breuil, professor honorário do Colégio de França, grande pré-historiador, proferiu esta tarde, no Instituto Superior dos Estudos Ultramarinos, uma conferência sobre pinturas rupestres da Rodésia. O padre Henri Breuil salientou a importância do conhecimento destas pinturas para o estudo das de Moçambique. O conferencista ilustrou a sua palestra com projecções luminosas.

Presidiu á sessão o director do Instituto, prof. Mendes Correia, que apresentou o padre Henri Breuil, falando da sua obra. Estavam presentes professores e alunos do Instituto.

Reclamações locais

A população de Vila Franca queixa-se da poluição do ar

VILA FRANCA DE XIRA, 2 — Há tempo que os habitantes desta vila notam nas flores, nas árvores e nas próprias habitações, uma poeira esbranquiçada que é atribuída aos fumos de uma fábrica de cimento de Alhandra.

Hoje, de manhã, essa poeira aumentou consideravelmente, o que é atribuído ao facto de, nestes ultimos dias, ter soprado vento do Sul.

Já por diversas vezes as populações de Alhandra e de Alverca do Ribatejo apresentaram, pelo mesmo motivo, as suas reclamações, cabe agora a vez dos Vilafranqueses de pedirem providências a quem de direito, para que, a bem da saúde publica, seja solucionado este problema.

Falta de luz em Tábua

TÁBUA, 2 — Já por cinco vezes, no corrente ano, que esta vila ficou privada de iluminação publica durante a noite. Numa das vezes, embora tarde, sempre apareceu; mas das restantes a população ficou ás escuras.

Será para contrastar com localidades onde a luz fica acesa durante dias seguidos?

INTERESSES LOCAIS

Deliberações do Municipio da cidade de Vila Real

VILA REAL, 3 — A Camara Municipal, na sua ultima reunião, tomou, entre outras, as deliberações de ceder, gratuitamente, ao Património dos Pobres, Obra do Padre Américo, 1.950 metros quadrados de terreno que possui junto ao Bairro dos Pobres de S. Vicente de Paulo; ceder, gratuitamente, á Escola Comercial e Industrial de Vila Real, um lote de terreno com 286 metros quadrados; junto do Bairro dos Pobres de S. Vicente de Paulo e que se destina á construção de uma casa para oferecer ao Património dos Pobres. Enviar diversos artigos de fabrico caseiro da região e de industria de olaria, fabrico da povoação de Bisalhães, deste concelho, á comissão organizadora do Museu de Huila, Sá da Bandeira, Angola, a fim de esta região ficar representada no referido museu; e consultar a Direcção-Geral de Administração Política e Civil sobre a cobrança de licenças de montras.

SOCIEDADE AGRICOLA DE CHIMOIO E MANICA

(Chimonica)

S. A. R. L.

Sede na Beira (Moçambique) — Administração em Lisboa

Capital realizado 20.000.000\$00

Dividido em 20.000 acções do valor nominal de 1.000\$00 cada

O objecto social desta Sociedade é a exploração agricola e pecuária de propriedades abrangendo 70 herdades num conjunto de 103 mil hectares, situadas nas regiões de Neves Ferreira, Chimoio e Manica (Moçambique), e bem assim a comercialização ou industrialização dos seus produtos.

A Companhia de Moçambique desejando satisfazer solicitações que lhe foram feitas por alguns dos seus accionistas, apresenta á subscrição 25% do capital da Sociedade Agricola de Chimoio e Manica que acaba de constituir, ou sejam, cinco mil acções do valor nominal de 1.000\$00. Têm preferência os accionistas da Companhia de Moçambique.

A subscrição estará aberta desde o dia 5 até ao dia 15 do corrente, nos seguintes estabelecimentos Bancários:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUES DO ATLANTICO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
PANCADA, MORAES & C.ª

O pagamento será efectuado 30% no acto da inscrição, 40% de 1 a 5 de Março e os restantes 30% até 5 de Abril do corrente ano.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1957.

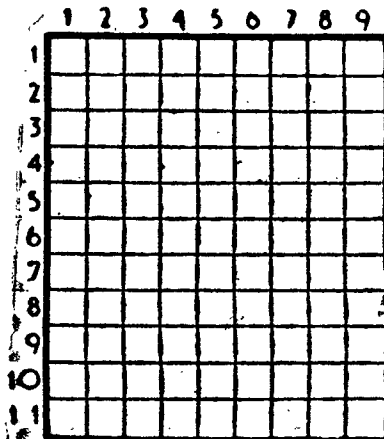
A ADMINISTRAÇÃO

DIÁRIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1800



HORIZONTAIS: 1 — Constelação do Norte. Elevada. 2 — Semelhança. Doença. Artigo definido. 3 — Idolatra. Faldas. 4 — Freguesia do concelho de Guimarães. 5 — Empregassem. 6 — Aro. Substância gorda de composição idêntica à do álcool e do éter. 7 — Ordinários. Nome de uma letra. 8 — Artigo definido. Camareira. Símbolo químico da prata. 9 — Branca. 10 — Pega. Imã da mãe. 11 — Pouco densa. Poses.

VERTICAIS: 1 — Ilha pertencente à Província de Macau. Chamar a si. 2 — Cólera. Ligais. Apellido. 3 — Fluidos aeriformes. Óxido de cálcio. 4 — Apellido. O mais. 5 — Artigo definido. Apellido. 6 — Içasse. Viração. 7 — Tecido felpudo de lã. Amarrar. 8 — Sirga. Feitiçeira. Satélite de Jupiter. 9 — Tosta. Pequenos lagos.

Solução do problema n.º 1789

HORIZONTAIS: 1 — Reboçavam. 2 — Arara. 3 — Ar. Ama. Mu. 4 — Ter. Dar. 5 — Anal. Vira. 6 — As. AC. 7 — Cs. Não. Os. 8 — Farra. 9 — Raiz. Cima. 10 — Doei. Asir. 11 — As. Ror. Má.

VERTICAIS: 1 — Reata. Carda. 2 — Renas. Aos. 3 — Ba. Rás. Fie. 4 — Ora. Nazir. 5 — Cama. Par. 6 — Ara. Ornar. 7 — Vã. Dia. Ais. 8 — Março. Mim. 9 — Maura. Suara.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Vitex — Estrada de Benfica, 300-A, Tel. 780548; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, à Praça do Areeiro, Tel. 727300; Campo Pequeno (Do) — Av. da República, 58-D/E, Tel. 771661; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld. — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Banha — Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 392241; Pereira Suc. — Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 845124; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Brinquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — à Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld. — Rua Braancamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Linálda — Rua Saraiva de Carvalho, 268, Tel. 660955; Ocidental — Rua D. Jerônimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa,

45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378 — A.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSIONA — As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Conjuntos vocais; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 19, Crónica tauromáquica; 19 e 30, Música ligeira espanhola; 19 e 30, Alegria no Trabalho; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras ligeiras; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Juncão dos emissores; 21 e 15, Programa pelo clarinetista Buddy de Franco e conjunto; 21 e 30, 7.º episódio da adaptação radiofónica do romance de José Sanchez Silva «Marcelino Pão e Vinho»; 21 e 50, Programa pela Orquestra Mantovani; 22 e 30, Canções; 22 e 45, As grandes figuras da Humanidade; 23 e 15, Danças transmitidas do Hotel Embaixador.

Programa «B» — As 19, Segundo programa do Festival de Sibelius, realizado em Helsinquia, em 1956 («Sonata em si bemol maior», para violino e piano, de Mozart) e «Mod Diga», canções de amor de Erik Bergman; 19 e 35, Concerto em dó, para harpa e orquestra (Boiesidieu); 19 e 50, Noticiário regional; 20, Recital pelo flautista Konrad Kelmur; 20 e 30, Trechos e óperas; 21, Juncão dos emissores; 21 e 15, Música sinfónica («Sinfonia n.º 7 em mi maior», de Bruch; e «Prometeu», abertura opus 43, de Beethoven); 22 e 30, Crónica semanal; 22 e 40, Música coral: Motete «O espírito calva-nos da fraqueza», de Bach; 22 e 50, «Quarteto em fá maior», opus 105, de Schubert.

RADIO CLUBE — As 18, Fados e guitarradas da Adega Machado; 18 e 30, Canções; 19, Programa Asas; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Música portuguesa; 20 e 45, Variedades; 21, Festa Brava; 21 e

15, Orquestra de Hubert Rostaing; 21 e 30, Orquestras e canções; 22, Novos discos; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Concerto; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Canta Fio Sandon; 0, Música de dança do Maxime; 0 e 30, Música de baile; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã, 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Das 18 e 30 às 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22, Clube Radiofónico de Portugal; 22 à 1, Voz de Lisboa.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.), DE HOJE: — Em Portugal continental o vento é moderado de Sul, o céu está encoberto e chove por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a Sudoeste da Irlanda.

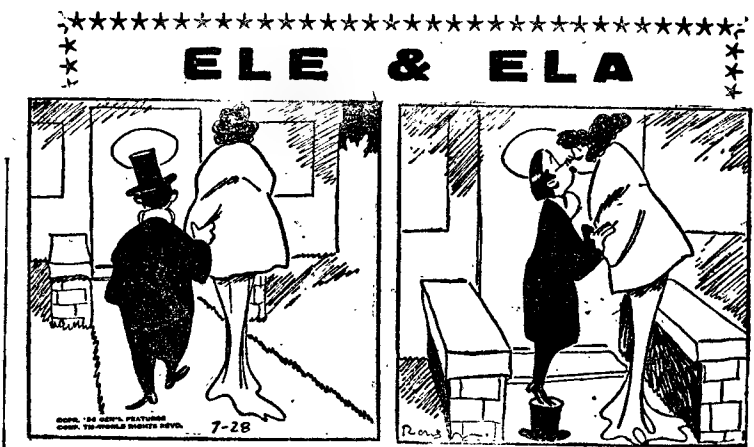
Temperaturas observadas às 9 horas de hoje: — Porto, 13°; Penhas Douradas, 2°; Lisboa, 11°; Faro, 15°; Ponta Delgada, 10°; Funchal, 16°.

PREVISÃO ATE A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: — Céu muito nublado, vento moderado de Sul, rondando para Sudoeste, períodos de chuva, pequena descida de temperatura.

A RECEITA DO DIA

EMPADAS DE POMBOS A FRANCESA — Forra-se uma forma com massa para empadas, e enche-se com camadas alternadas de pedaços de pombos, molhados em manteiga e temperados com sal e especiarias, tiras de toucinho entremeadas e picado de carne de porco, cogumelos cozidos e cebolas também cozidas. Cobre-se a forma com tampa da mesma massa, enfeita-se com tirinhas desta e gema de ovo, levando ao forno a cozer. Serve-se fria ou morna, com salada, ervilhas ou espargado.

QUEQUES RECHEADOS — Untam-se forminhas com manteiga forram-se com talhadas de qualquer



Altura de chapéu

bolo e recheiam-se com a seguinte mistura: juntam-se duas chávenas de cerejas descarocadas com uma chávena mal cheia de açúcar, duas colheres de manteiga, duas de farinha, uma pitada de canela, outra de sal e uma colherinha de raspas de laranja. Tapa-se cada forma com uma fatia de bolo e leva-se a forno brando, durante 25 minutos. Polvilham-se depois com açúcar, colocase no meio de cada um, uma cereja sem caroço e volta ao forno mais 5 minutos. Desenformam-se logo que estejam frios.

HA TRINTA ANOS-

«Os revoltosos que estão entinchados na Praça da Batalha fazem frente às forças fiéis ao Governo que se concentram na Serra do Pilar» — era o título da última página do «Diário de Lisboa» de 4 de Fevereiro de 1927. O sr. general Sinel de Cordes conferenciara com o ministro do Interior e informava a imprensa que não se confirmava oficialmente a notícia da rendição dos revoltosos do Porto, confirmando-se, todavia, a rendição dos revoltosos da Figueira da Foz, e que o resto do Exército se conservava ao lado do Governo. O enviado especial do «Diário de Lisboa» em Vila Nova de Gaia informava que ali a fusilaria era intensíssima e as peças das tropas fiéis ao Governo haviam disparado duas granadas para o Porto e aberto fogo contra um comboio de tropas revoltosas que chegara a Campanhã.

CARTAZ DO DIA

FEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Amor à antiga».
MONUMENTAL — A's 21,45 — «A mulher do milionário».
VARIEDADES — A's 20,45 e 22,45 — «O milagre da Praça da Alegria».

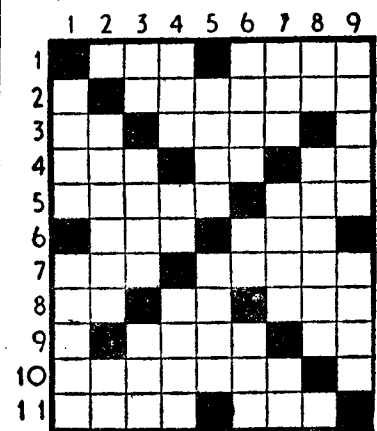
CINEMAS

TIVOLI — «Atrás do espelho».
SÃO LUIZ — «O mundo do silêncio».
POLITEAMA — «Zarak».
EDEN — «Pão, amor e...».
SÃO JORGE — «O tal sentimento».
MONUMENTAL — «O rapaz e o touro».
CONDES — «Ao longo das ruas».
IMPERIO — «Alta sociedade».
ALVALADE — «O mundo do silêncio».
CAPITOLIO — «O grande erro».
ODEON — «A infame».
TERRASSE — «O rei e eu».
AVIS — «Preciso do teu amor».
IDEAL — «O rapaz atómico».
JARDIM — «Quem manda são elas».
OLÍMPIA — «Lambores ao longe».
PROMOTORA — «Bengazi».
RESTELO — «Gaby».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 791



HORIZONTAIS: 1 — Caminhavam. General inglês comandante das tropas na Grande Guerra. 2 — Move-se os remos. 3 — República portuguesa (abrev.). Tudo que concorre para um movimento. 4 — Recusa. Aquí. Símbolo químico da platina. 5 — Entusiasmo. Corrente de água natural e abundante. 6 — Apellido. Abismo. 7 — Partido. Consorcio-se. 8 — Existe. Nota musical. Base aérea nacional. 9 — Canal que tem estado ultimamente muito em foco. Nesse lugar. 10 — Chegassem. 11 — Solitária. Ribeira de Portugal.

VERTICAIS: 1 — Enfeita. Aquilo que facilita ou explica. 2 — Pote para cozer alimentos. Dirigir-se. 3 — Figura. Escute. Preposição. 4 — Nome de homem. Malícia. Portuguesa. 5 — Clava. Animais domésticos. 6 — Pompa. Canhamo de Manila. Nome duma letra (pl.). 7 — Sufixo que designa abundância. Rente. Pedra de amolar. 8 — Ref. Salteador do mar. 9 — Tampa para varilhas. Vila e concelho do distrito do Porto.

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 790

HORIZONTAIS: 1 — Cães. Iris. 2 — O. Moças. 3 — As. BOM. EL. 4 — Rís. Ala. 5 — Carioca. 6 — VINHO. 7 — São. Rer. 8 — Cega. Arrre. 9 — Uras. Berg. 10 — Se. Cod. Aa. 11 — Aaro. Siso.

VERTICAIS: 1 — Coar. ESCUSA. 2 — Sic. Aérea. 3 — Em. Sapoga. 4 — Sob. Ri. Asco. 5 — Corina. 6 — Jam. Ohl. Adas. 7 — Rs. Acorre. 8 — Ela. Erras. 9 — Sala. PREGAO. 10 — Provérbio: O BOM VINHO ESCUSA PREGAO.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda	C. Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10...	911\$000	911\$000	912\$000	Moçambique	164\$500	164\$000	165\$000
Cons. 3 % T. 10 ...	961\$500	961\$500	962\$000	Zambézia	222\$000	221\$500	222\$500
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	1.016\$000	1.015\$000	1.016\$000	C. Diversas			
Centenários 4 % 1940	2.267\$000	2.265\$000	2.269\$000	Cimentos Tejo	590\$000	580\$000	590\$000
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	983\$000	—	Cimentos Leiria	—	—	495\$000
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	980\$000	984\$000	Crédito Predial	56\$400	56\$400	56\$500
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	980\$000	983\$000	Industrial Aliança ...	—	305\$000	315\$000
Externo 1.ª série	—	—	—	Portugal e Colónias ...	422\$000	423\$000	430\$000
Ext. 1.ª série car.	1.210\$000	1.208\$000	1.215\$000	Nacional - Navegação ...	—	—	1.810\$000
Externo 2.ª série	—	—	—	Colonial Navegação ...	1.020\$000	1.017\$000	1.020\$000
Ext. 2.ª série car.	—	1.195\$000	—	Port. de Celulose	—	—	2.490\$000
Externo 3.ª série	—	—	—	Portuguesa de Pesca ...	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	1.395\$000	—	1.395\$000	Port. de Tabacos	524\$000	523\$000	525\$000
Caut. 3.ª série s/juro	171\$000	171\$000	172\$000	Tabacos de Portugal ...	690\$000	685\$000	693\$000
Obrigações				Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—	Aguas Lisboa 1934 ...	—	230\$000	235\$000
Norte de Portugal 5 %	—	108\$000	—	Aguas Lisboa 1936 ...	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	—	—	Elect. das Beiras	1.470\$000	1.470\$000	1.475\$000
Gás Elect. 4 %	976\$000	975\$000	977\$000	Gás e Electricidade ...	304\$000	303\$500	304\$000
Gás Elect. 4 1/2 %	1.005\$000	1.004\$000	1.006\$000	H. Alto Alentejo	154\$500	154\$000	155\$000
Gás Elect. 5 %	—	1.035\$000	—	H. E. Cávado	1.500\$000	1.490\$000	1.510\$000
U. E. P. 3 3/4 %	—	91\$000	91\$500	H. E. Zêzere	1.490\$000	1.488\$000	1.490\$000
U. E. P. 4 % 1945	—	—	93\$000	Nac. de Electricidade	1.570\$000	1.565\$000	1.575\$000
U. E. P. 4 % 1948	—	—	94\$000	União Elect. Port. ...	—	225\$000	227\$000
U. E. P. 4 1/2 %	94\$000	—	94\$000				
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—	Cotações de notas e moedas estrangeiras			
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	PAISES			
Metropolitano	—	1.025\$000	—	Africa do Sul	76\$50	77\$50	—
Ações				Alemanha	6\$72	6\$87	—
Bancos				América:			
Alentejo	490\$000	480\$000	500\$000	Dólares de 1 e 2	28\$30	28\$60	—
Angola	950\$000	945\$000	950\$000	Dólares de 5 a 20 ...	28\$60	28\$90	—
Espirito Santo	—	8.800\$000	8.850\$000	Dólares de 50 a 1000	28\$60	28\$90	—
Lisboa & Açores	—	—	3.840\$000	Argentina	\$74	\$78	—
Portugal	—	2.290\$000	2.310\$000	Bélgica	\$56.3	\$57.3	—
Ultramarino	1.980\$000	1.975\$000	1.980\$000	Brasil	\$42.5	\$44	—
Seguros				Congo Belga	\$55.3	\$56.3	—
Fidelidade	—	—	—	Dinamarca	\$380	\$410	—
Mundial	—	—	—	Espanha	\$52.5	\$54.5	—
Nacional	—	665\$000	675\$000	França	\$66.95	\$67.15	—
Sagres	—	—	2.000\$000	Holanda	7\$30	7\$55	—
Tagus	—	—	5.000\$000	Inglaterra	76\$50	77\$50	—
Soberana	—	—	—	Itália	\$64.4	\$64.6	—
C. Ultramarinas				Marrocos	\$66.5	\$66.9	—
Ag. Casseque	—	—	—	Noruega	\$370	\$400	—
Ag. das Neves	—	900\$000	960\$000	Suécia	\$520	\$550	—
Agric. Colonial	—	650\$000	670\$000	Suíça	\$668	\$678	—
Açúcar de Angola ...	—	—	2.980\$000	Uruguay	\$675	\$745	—
Boror	520\$000	515\$000	520\$000	Ouro:			
Cabinda	—	—	—	Inglaterra (Libra) ...	297\$00	307\$00	—
Cadá	—	—	4750\$000	Portugal (Barra) ...	327\$00	333\$00	—
Colonial do Buzi	—	400\$000	410\$000	Portugal — Barra Fino	33\$10	33\$60	—
Ilha do Príncipe	—	2.050\$000	2.090\$000				
Incomati	—	3.950\$000	4.000\$000				

J. BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 72

Papeis de crédito

Notas estrangeiras

TELEF. 21273

O Rio de Janeiro assolado por grandes temporais e uma intensa vaga de calor

RIO DE JANEIRO, 4 — A população da capital brasileira sofreu, no sábado, as inclemências de um sol torrido. Registraram-se 7 casos de insolação, um dos quais mortal. Ontem, houve mais 6. O vento violento que soprou ontem na capital não influenciou o termómetro, mas provocou alguns feridos e causou prejuízos. A borrasca fez nomeadamente cair um avião que se preparava para aterrar e cujos ocupantes ficaram feridos. — (F. P.).

A violência dos temporais

RIO DE JANEIRO, 4 — Chuvas torrenciais, acompanhadas de ventos ciclónicos, à velocidade de 120 quilómetros por hora, varreram ontem esta cidade, pouco depois das 19 horas, causando muitos feridos, inundações e grandes estragos materiais.

Muitas casas ficaram destelhadas e centenas de árvores arrancadas. Chaminés, varandas, postes telegráficos e telefónicos foram pelos ares, de mistura com ramos de árvores e telhas, ferindo muitas pessoas que tiveram de receber tratamento nos hospitais locais. Devido ao temporal, foi encerrado o aeroporto da cidade. No aeroporto Santos Dumont, dentro da cidade, vários aviões pousados nas pistas foram atingidos pelo vento uns contra os outros e ficaram total ou parcialmente destruídos. O temporal destruiu janelas, portas e paredes das casas da zona do aeroporto, espalhando os destroços numa vasta área.

Os aparelhos que demandavam o aeroporto Santos Dumont tiveram de seguir para o aeroporto internacional do Galeão.

Luis Somoza

deve ser eleito
presidente da Nicarágua

MANAGUA, 4 — Decorreram sem incidentes em toda a Nicarágua as eleições presidenciais e legislativas, depois de o Governo revogar antontem à noite, o decreto que suspendia as garantias constitucionais nos departamentos de Managua e León.

Segundo os observadores, parece que a vitória de Luis Somoza Debayle, filho do presidente assassinado em 21 de Setembro e do Partido Liberal Nacionalista é certa por grande maioria. — (F. P.).

A visita de Ibn Saud aos Estados Unidos

MADRID, 4. — O comentário internacional do director de «Hoja del Lunes», Pedro Gomez Aparicio, incide hoje sobre a visita do rei da Arábia Saudita a Washington, que diz ter carácter conciliador e ser preparação da próxima conferência dos chefes de Estado dos países árabes e preceder a visita que a Madrid fará o monarca conjuntamente com o sultão de Marrocos. — (Efe.).

Dorme mal?



Pat. 1651 30 Anos de fabrico
Experimente os colchões de molas
30 anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hotéis
AGUIAR RAMALHO, LDA.
Rua Actor Vale, 16-B
Telef. 831244

ESTOLAS

Branças e cinzentas, etc.

Visons — Petit-Gris
Raposas

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

LAURA CAMPOS

Av. Almirante Reis, 2, 1.º Dt.

O misterioso doente de Moscovo não se sabe quem é mas tem a vida em sério risco

MOSCOW, 4 — O «misterioso doente de Moscovo» foi ontem examinado pela primeira vez pelo especialista alemão dr. Schulten, chegado na véspera de Colónia. Este doente é um homem que aparenta 50 anos, visivelmente categorizado, porquanto dispõe no hospital de aposentos privados que constam de vários quartos.

Os soviéticos recusaram-se categoricamente a revelar a sua identidade ao próprio dr. Schulten, afirmando este que não se trata de qualquer dos principais dirigentes da U. R. S. S., conhecidos pelas fotografias.

O especialista alemão demorou-se uns 15 minutos à cabeceira do enfermo e teve a seguir uma demorada conferência com dois colegas russos com quem chegou a acordo sobre o diagnóstico. O dr. Schulten negou-se a indicar a natureza da doença, mas explicou que se trata de mal grave, susceptível de pôr em risco os dias do doente. No dizer do mesmo especialista, o enfermo padeceria do referido mal há longo tempo, mas o estado ter-se-ia agravado há uns dez dias. Indicou por último que um dos médicos assistentes soviéticos regressou há pouco de Paris. — (F. P.).

O doente é Kaganovitch?

(Continuação da 1.ª pág.)

«Daily News» em Washington, Jerry Greene, afirma saber-se que Lazar M. Kaganovich, vice-presidente do Conselho da União Soviética, foi alvejado misteriosamente, com um tiro, «numa luta pelo poder, no Kremlin», e que está às portas da morte.

Mais adiante, Greene diz: «Kruschev e Bulganine, depois de terem obtido a prova de que Kaganovich era o chefe de uma conspiração para o alijar do poder e levar a efeito uma completa remodelação nos altos cargos do Kremlin, resolveram, segundo se afirma, ordenar que o vice-presidente do Conselho fosse abatido a tiro.

«No entanto, ao ser alvejado, na quinta-feira à noite, por uma bala, Kaganovich apenas ficou gravemente ferido. Ao verificarem que o seu plano falhara, os responsáveis pelo atentado resolveram, segundo parece, dispensar ao moribundo todos os cuidados».

Em seguida, o «Daily News» salienta que o dr. Hans Joachim Schulten, especialista alemão de doenças do sangue, de Colónia, foi chamado, urgentemente pelo Kremlin, e, tendo seguido para Moscovo, de avião, começou ontem a tratar de Kaganovich.

Acresce desta notícia do «Daily News», os círculos políticos desta cidade chamam a atenção para a informação enviada ontem, de Moscovo, pelo correspondente da United Press, segundo a qual o dr. Schulten fora chamado, urgentemente, para cuidar de um «doente misterioso», que se encontrava gravemente enfermo em Moscovo.

O dr. Schulten declarou ao correspondente da United Press, que havia examinado o doente, mas não conseguira identificá-lo, pois não o reconheceu como qualquer dos principais chefes políticos soviéticos, cujas fotografias tem visto publicadas nos jornais.

Depois de declarar que o doente se encontrava em estado crítico, o dr. Schulten disse poder afirmar que não se tratava de Chepilov nem de Malenkov, os quais, segundo foi anunciado recentemente, se encontravam doentes.

Ao ser interrogado, em Washington, acerca da notícia enviada ao «Daily News» pelo jornalista Jerry Greene, um representante da Secretaria de Estado, Lincoln White, declarou nada saber sobre o assunto. — (A. N. I.).

PELES — DAVIO KIT

Estolas de Vison Branco,
Safira, Royal Pastel, Sel-
vagem e Diamante Negro

AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24
Telefone 48089

GALEOTA

RESTAURANTE FRANCÊS
AV. SIDÓNIO PAIS, 28
Tel. 51281

Últimas notícias

Um motociclista morreu ao tentar uma ultrapassagem

A's 12 e 25, na Alameda das Linhas de Torres, quase em frente do portão do campo de jogos do Sporting Clube de Portugal, deu-se um grave desastre de viação que custou a vida ao condutor duma «scooter». Quando uma camioneta seguia em direcção ao Lumiar, o motociclista tentou ultrapassá-la pelo lado direito, mas como uma das rodas do veículo se metesse na calha do «eléctrico», resvalou e o homem foi embater com a cabeça no taipal da camioneta, tendo morte imediata. A's 15 e 30, ainda se encontrava no local o corpo do desventurado, aguardando a chegada do subdelegado de Saúde, para ser removido para a Morgue.

O ACTO DE POSSE do governador de Macau

Foi marcada para hoje, ao fim da tarde, a cerimónia da posse do novo governador de Macau, sr. comandante Pedro Correia de Barros.

O acto, a que assistem o ministro e o subsecretário de Estado do Ultramar e altos funcionários daquele departamento, despertou igualmente o maior interesse nos círculos ligados à nossa vida ultramarina, nomeadamente de Macaú, onde o empossado exercia as funções de secretário provincial.

Além do titular da pasta, sr. prof. dr. Raul Ventura, falará também o sr. comandante Correia de Barros.

A amnistia em Goa para os «Sathia Grays»

NOVA DELHI, 4 — Um representante oficial do Governo de Nova Delhi declarou hoje que a União Indiana havia acolhido com satisfação a libertação, pelas autoridades portuguesas, em Goa, dos «Sathia Grays» indianos, e acrescentou que as relações entre a União Indiana e Portugal melhorariam se Lisboa continuasse a ter gestos de boa vontade como este.

Entre os 33 «Sathia Grays» libertados há dois que se propõem como candidatos às próximas eleições gerais, esperando-se que sejam eleitos sem oposição. — (A. N. I.).

600 EMIGRANTES para o Brasil

No paquete italiano «Corrientes», que chegou hoje de Vigo, com 643 passageiros, embarcaram cerca de 600 emigrantes portugueses para o Rio de Janeiro e Santos, grande parte dos quais de terras do Norte do País, da Beira Alta e Beira Baixa, que vão com o propósito de fixarem ali residência e de se ocuparem em vários trabalhos, tais como de marcenaria, agricultura e carpintaria.

Inquérito em Angola ao Grémio da Pesca de Benguela

LUANDA, 4. — Uma portaria do Governo-Geral ordenou um inquérito aos actos praticados no âmbito do Grémio da Pesca de Benguela, nomeando, ao mesmo tempo uma comissão administrativa para gerir aquele organismo. Essa comissão será presidida por Eduardo Marques Centeno, e tem como vogais os srs. António Barny Ribeiro, José Domingos Antunes, José Firmiano Avidago e José Monteiro Gomes. Considera-se na portaria que a situação da indústria de pesca é delicada, exigindo orientação firme e disciplinada, com vista ao interesse da Província. — (L.).

SINISTRO NO MEDITERRANEO

Paquete turco abalroado por um cargueiro americano

ANKARA, 4 — O paquete turco «Izmir» que foi abalroado pelo navio de carga americano «Howell» na baía de Esmirna, sumiu-se nas vagas cinco horas e meia depois do acidente. Pelas últimas notícias, morreram quatro pessoas, incluindo dois passageiros e há quatro feridos.

As inundações no Sul dos E. U. estão a decrescer mas causaram grandes danos

ATLANTA (Geórgia), 3 — Começou hoje a baixar lentamente o nível das águas que inundaram, aí levando a morte e a destruição, a grande área de nove Estados do Sul, embora as chuvas continuem a cair na maior parte das regiões afectadas. Logo que as águas começaram a baixar, entraram em acção diversas equipas de operários, que vão trabalhar para que milhares de refugiados possam voltar às suas casas, inundadas de lama.

As águas do rio Tennessee atingiram um metro e oitenta acima do normal em Florence, no Alabama. O rio Ohio saiu do leito em alguns pontos, entre Shawnee e Cairo, localidades do Illinois, e o rio Kentucky subiu a mais de um metro e vinte acima do nível normal em Francforte, no Kentucky, arrastando nas suas águas os fundamentos de muitas casas e inundando diversos estabelecimentos comerciais.

Logo que as águas começaram a baixar no Estado de Kentucky, West Virginia, Virgínia e Tennessee, a Cruz Vermelha, o Exército, as autoridades estaduais e membros da Polícia e voluntários tomaram imediatas providências para prestar auxílio às vítimas das inundações.

O balanço trágico do desastre é de 15 mortes, milhares de pessoas sem abrigo e prejuízos calculados em mais de 25 mil contos.

O general Alfred Gruenther, presidente da Cruz Vermelha norte-americana, visitou os locais mais seriamente afectados e declarou que os Estados de Kentucky, West Virginia e Virgínia necessitam de um programa de auxílio em larga escala. — (A. N. I.).

Continuam a ser presos estudantes na Hungria

PARIS, 4 — A emissora de Budapeste anuncia a prisão, por «actividade contra-revolucionária, de certo numero de estudantes húngaros».

Acrescenta que a Polícia apreendeu, nos seus domicílios, grande quantidade de armas.

«Todos os dias se encontram escondidas nos edifícios da Universidade de Budapeste», declarou o reitor da Faculdade de Medicina da capital a agência telegráfica húngara, citada pela emissora local. Acrescentou: «Assim se prova que certos elementos pretendem continuar a perturbar a ordem. Não toleraremos actividades contra-revolucionárias e vamos proceder enérgicamente contra os professores e os estudantes que não compreendem que o tempo das actividades reaccionárias passou de uma vez para sempre no nosso país». — (F. P.).

Uma explosão em Budapeste

VIENA, 4 — Morreram três operários, dois dos quais ficaram gravemente feridos, ao explodir hoje, próximo de Budapeste, um tanque de gás. A emissora Rádio Budapeste, que transmitiu a notícia, não referiu as causas da explosão. — (A. N. I.).

do dois passageiros e há quatro feridos.

O «Izmir», que partira de Istambul, transportava 240 passageiros. Se não tivesse sido empurrado para a costa pelo «Howell», é muito provável que se afundasse imediatamente, tão grandes foram os rombos. Com excepção das quatro vítimas, os passageiros e tripulantes foram salvos pelos barcos de carreira entre as duas margens da baía.

O barco de carga americano apenas sofreu ligeiras avarias. Como o mar estava calmo e a visibilidade era normal na altura do abalroamento, todos se perdem em conjecturas quanto às causas do acidente. As autoridades do porto procedem a averiguações. — (F. P.).

Salvaram-se três naufragos do iate «Typhoon»

TRAPANI, 4 — Três dos quatro tripulantes do iate inglês «Typhoon» que naufragou no Mediterrâneo entre o Cabo Bom e a costa siciliana, em 29 de Janeiro, foram recolhidos por um barco de pesca de Marsala e internados num hospital de Trapani. Os sobreviventes são Ugo Edwards, capitão do iate, o maquinista Henri Bergez e o marinheiro Jens Nielsen, que se encontram no barco pneumático, a 20 milhas a Noroeste da ilha de Pantelleria.

O estado de saúde dos naufragos, que não comiam há cinco dias, não é grave. No hospital, indicaram que o «Typhoon», surpreendido por violento temporal, adornou e afundou-se pouco depois. Deitaram então o barco ao mar, mas o quarto tripulante, Ibrahim Bukerran não conseguiu alcançá-lo a nado e foi arrastado para o largo. — (F. P.).

Apareceram documentos secretos roubados a um cientista

CHICAGO, 4. — O porteiro de um edifício do South Side de Chicago, encontrou, entre latas de conservas vazias e caixotes de lixo, na cave do prédio, os documentos secretos que tinham sido roubados na ultima quarta-feira ao cientista do Governo dr. Fletcher Paddison, do Laboratório de Física Aplicada da Universidade de John Hopkins, quando seguia para uma base de projecteis teleguiados.

Os documentos, de grande importância para o Governo, encontravam-se numa pasta, juntamente com objectos pessoais do cientista. A pasta e os objectos desapareceram.

O dr. Paddison estava de viagem e entrara numa cabina telefónica de uma gare de caminho de ferro para fazer uma chamada. Pôs a pasta no chão, a seu lado, mas quando acabou de falar viu que já lá se não encontrava. Comunicou a F. B. I. o acontecido, mas todas as diligências para se descobrir o seu destino foram infrutuosas.

Ontem à noite, porém, o porteiro Edward Merk comunicou às autoridades o seu achado. — (A. N. I.).

Era a única árvore...

TONDELA, 4. — Na estrada de Pamplona a Saragoça chocou contra a única árvore que existe no quilómetro 113, um automóvel de turismo cujo condutor teve morte instantânea, ficando gravemente feridos quatro dos ocupantes. — (Efe.).

NA TAPADINHA

Só a segunda parte valeu alguma coisa...

Estados de espírito diferentes — Atlético, equipa menos categorizada, pensando ganhar a todo o transe para se salvar da precária situação em que se encontra; o Benfica, com mais possibilidades, pensando que o resultado acabaria por lhe ser favorável — seria uma questão de tempo — tiraram lustre ao jogo da Tapadinha...

Foi assim que se exibiram as duas equipas, nos primeiros quarenta e cinco minutos: os Alcantarense a darem tudo por tudo, o Benfica, mais senhor de si, á espera que o adversário «acabasse».

Para a impetuosa aplicação do Atlético, a forçar um domínio territorial equilibrado, apenas rasgos individuais deste ou daquele jogador benfiquista. E, como o árbitro

por António Sequeira

consentiu uma toada rispida, por carência de autoridade, de mistura com muitos erros técnicos, o jogo da primeira parte, entre uma equipa que deseja fugir da péssima situação em que se encontra — de certo modo imerecida — e outra que não desejava perder pontos, a jogar o que o jogo dava, não merece que nos ocupemos dele, por nunca ter atingido nível aceitável, do ponto de vista futebolístico.

Foi um espectáculo incolor. Amas as equipas se exibiram mal, atabalhoadamente, e a arbitragem

(Continua na página central)



NO ESTÁDIO DO RESTELO

O feitiço do intervalo e o curso dos acontecimentos

Todas as equipas deveriam ter sempre bem presente, que um resultado de 2-0 não dá margens para tranquilidades, desde que ainda haja tempo para surpre-

Por Luís Alves

sas. Temos verificado várias vezes, tanto quanto a memória nos permite retroceder, que o 2-0 é até falso como judas. Um golo mais, quando se está na mó de cima e há tempo para jogar, abre quase sempre a porta á «goleada». Mas o 2-0 é traícoeiro porque ilude e amolece. Pode mesmo dizer-se que é o resultado mais propício ás reviravoltas desde que a equipa que lhe chega não saiba defender-se dos inconvenientes da quebra de ritmo e dos comentários optimistas em que o intervalo é fértil. E' este o feitiço do intervalo, o tal estranho factor que tem o condão de

mudar o curso dos acontecimentos com a lenta mas segura progressão dos alcatruzes.

Certamente que o Belenenses não é uma equipa de boa memória. Se o fosse, não deixaria de ter aflorado ao espírito o filme do encontro em que tomara parte oito dias antes, detendo-se uns instantes nos efeitos desse acontecimento e nas suas causas. E se o tem feito esse trabalho de retrospectção, não teria deixado de chegar á fácil conclusão de que lhe incumbia ser prudente. Na realidade, o Benfica-Belenenses do domingo anterior e o Belenenses-Sporting de que nos ocupamos têm uma história tão

(Continua na página seguinte)

Pontos perdidos

no máximo possível de 42

	Casa	Fora	Total
F. C. Porto ...	0	9	9
Benfica ...	3	7	10
Belenenses ...	2	11	13
Lusitano ...	4	13	17
Sporting ...	4	13	17
Torriense ...	6	15	21
Académica ...	6	16	22
Oriental ...	9	13	22
V. Setubal ...	10	14	24
Barreirense ...	8	16	24
C. U. F. ...	6	21	27
Caldas ...	10	18	28
Spt. Covilhã ...	9	20	29
Atlético ...	14	17	31



Moutinho, assediado por Águas, apresta-se para captar uma bola alta, o que consegue, perante a expectativa de Cavém. Tomé corre para a baliza como que a querer prevenir... e o árbitro faz pala com as mãos para ver melhor a jogada

NO VALE DO JAMÔR

Benfica imbatível

— 10.^a vitória em provas de corta-mato

Após todas estas provas dadas, Benfica está, na verdade, num lugar superior donde mui difficilmente os seus adversários o poderão desalojar. O lote dos corredores benfiquistas é tão homogéneo e poderoso que

(Continua na página seguinte)



Um «canto» contra a equipa portuense, Pinho salta para desviar o esférico que Piresa e Bispo pretendem rematar de cabeça. Arcanjo segue a trajectória da bola e Virgílio entre os postes aguarda os acontecimentos

NO BARREIRO

Uma hora fulgurante e a seguir sérias dificuldades

por José Malheiro

Quando os portuenses chegaram aos 3-0, todos quantos assistiram ao desafio calculavam que o encontro seria mais uma goleada dos campeões, sem vislumbrarem as dificuldades que, em seguida, os visitantes teriam para arrancar um resultado positivo.

Os jogadores da camisola azul e branca iniciaram a partida da melhor maneira, em jogadas bem delineadas e esquematizadas, com a bola rolando de uns para os outros, em toques de certa precisão, como se estivesse num pano verde de um bilhar. Os dianteiros portuenses, com excepção de Hernani, em tarde de fraca inspiração, actuando em velocidade, fintavam sem dificuldade os defesas adversos e entravam na zona de remate numa grande á-vontade e facilidade, apesar do modo decisivo como médios e defesas locais procura-

vam destruir as «jagadas, pletóricos de energia e entusiasmo».

O primeiro golo dos portuenses foi um autêntico tratado de bom recorte técnico, desde o passe inicial de Teixeira para José Maria, á finta deste jogador, em que colocou a bola nos pés de Jaburu, terminando, na entrega deste jogador a Gastão, que fez o golo como lhe apeteceu e quis. Já o segundo tento, só teve de especial o forte remate de Teixeira, porque Libanio concedeu um autêntico «frango», dada a maneira como lançou a procurar deter o esférico. O terceiro golo, sim: o mergulho de Teixeira e o remate de ca-

(Continua na página central)

O Belenenses afastado da luta para o título

(Continuação da página anterior)

papel químico, apenas com a diferença de que o Belenenses deu um passo em frente para ocupar o lugar de exagerado alarde de tranquilidade que pertenceu ao Benfica, e o Sporting se ergueu depois do intervalo para desempenhar o papel de inconformado que o Belenenses desempenhou com inegável brilhantismo no Estádio da Luz.

O resultado de tudo isto foi mais um 2-2.

Se alguém nos pedisse para lhe mostrarmos o que vale o futebol português e lhe padessemos ter mostrado a primeira parte deste encontro em que se decidia a sorte do candidato nº 3 ao título de campeão nacional, tê-lo-íamos feito com muita satisfação e na certeza de que havíamos mostrado qualquer coisa que, na matéria, já está muito acima da vulgaridade.

Realmente, os primeiros quarenta e cinco minutos deste encontro devem ter agradado aos mais exigentes faladores. Diremos mesmo que, se não fora um esboço de conflito que teve como personagens o guarda-redes do Sporting e o massagista do Belenenses, na altura em que Matateu teve de ser tratado fora do campo, e do qual não podemos fazer a distribuição das responsabilidades porque a distância a que nos encontrávamos nos poderia levar a cometer uma injustiça, tudo tinha sido bastante bom neste período do encontro. Houve nele afirmações de valia técnica que provocaram aplausos do público como os merecem da crítica, estando nestes casos simulações que abriam o caminho, abertura que geravam golos, amortecimentos de bola imparáveis, passes ao primeiro toque e remates que provocavam exclamações.

Até o próprio pensamento tático das duas equipas estava nitidamente recordado e preceptível. O Belenenses encarregava Di Pace de filtrar todo o seu jogo ofensivo, de que ele se saía com elevado mérito, enquanto Matateu viajava do lugar de avançado-centro para o de extremo-direito e Perez se movimentava na posição de interior-esquerdo. Afinal, toda uma movimentação já muito conhecida na equipa do Belenenses, que nem sempre tem dado resultados convincentes, mas que desta vez chegou a ser brilhante porque todos os executantes se mostravam excepcionalmente inspirados.

No entanto, o mais saliente pormenor tático foi anotado no Sporting, e que consistia no seguinte: Travaços, que ocupava o lugar de extremo-esquerdo um pouco recuado, derivava para extremo-direito levando com ele a bola ou a obrigação de lhe ser passada, enquanto que Vasques descaía para o centro levando atrás dele Moreira. O caso é que esta intencional movimentação deu sempre resultado enquanto foi executada com presteza. No flanco esquerdo da defesa Belenenses houve sempre uma larga soma de liberdade donde Travaços alimentou o suficiente o ataque da sua equipa, para dar ao encontro a agradável toada de oportunidades de golo alternadas. E até golos podia ter havido...

Tanto uma como outra defesa cedeu vantagem ao ataque que defrontava, factor este que dá aos desafios o aspecto que mais agrada ao público. Mas a música tocada é que foi diferente. O Sporting tocou sempre uma sinfonia incompleta, de apoteose hesitante, enquanto que o Belenenses tocava a sua partitura com mais segurança e ritmo.

E' curioso, no entanto, que foi

uma insistência de Figueiredo, aliás conduzida com autoridade e firmeza, que proporcionou o primeiro golo do Belenenses e não a canalização tática do seu jogo. Figueiredo apanhou a bola junto à linha lateral, dentro do seu meio campo e driblou sucessivamente Joaquim José e Martins, entregando depois a bola a Dimas que a levou até à linha de cabeceira e daí fez o centro, não muito atrasado, permitindo a entrada fulminante, de cabeça, de Matateu. Carlos Gomes deveria ter saído ao corte. Isto passou-se aos 16 minutos do encontro e marcou o início do melhor período do ataque Belenenses.

Na jogada imediata Di Pace e Dimas peneiraram a defesa leonina e o remate final deste saiu ao lado, é certo, mas deixando atrás de si um rasto de emoção. E Galaz também teve que prender as pernas de Matateu, com o que foi castigado com livre indirecto, em momento de apuro. Neste período que, praticamente, só terminou com o intervalo, apenas Martins se evidenciou com um grande remate, que José Pereira segurou espectacularmente.

Foi precisamente aos 35 minutos que se registou o lance que gerou efervescência no público e entre os jogadores. Matateu isolou-se e partiu como seta na direcção do golo. E Carlos Gomes, vendo que o perigoso avançado havia adiantado a bola, veio ao seu encontro até ao limite exterior da grande área, onde seria driblado por Matateu, se não tivesse cometido falta. O choque entre ambos talvez tenha sido mais espectacular que contundente, mas Matateu teve de ser retirado em braços, para voltar ao jogo instantes depois. Foi nesta altura que se deu o tal incidente entre Carlos Gomes e o massagista Pama. Inexplicavelmente o árbitro não castigou a falta e os momentos que se seguiram foram de nitida desorientação.

Nos ultimos momentos desta primeira parte o Belenenses conseguiu dar mais justa expressão à sua superioridade, com um golo de Perez que Carlos Gomes, visivelmente nervoso com o sucedido, deixou passar por debaixo de si.

A segunda parte foi totalmente diferente. Já não gostaríamos de a mostrar a ninguém, porque além de mal jogada foi quiescente. Salvou-a, do ponto de vista espectacular, a emoção provocada pela recuperação levada a efeito pelo Sporting.

Contrariamente ao que era de esperar, o Belenenses deixou de jogar ao ataque, como tinha feito no primeiro tempo, para dar opção ao contra-ataque. Quer di-

EM ESPANHA

O Real Madrid continua à frente...

MADRID, 4 — Resultados correspondentes à 21.ª jornada dos campeonatos nacionais da Federação Espanhola de Futebol da 1.ª Divisão:

Barcelona, 2-Atlético de Bilbao, 0; Real Sociedad, 2-Corunha, 0; Celta de Vigo, 1-Osasuna, 0; Real Madrid, 0-Atlético de Madrid, 2; Valencia, 3-Jaen, 1; Saragoça, 3-Valadolid, 1; Condal, 5-Sevilha, 1 (jogado anteriormente); Las Palmas, 2-Espanhol, 2.

Classificação geral — Real Madrid, 30 pontos; Barcelona, 27; Sevilha e Atlético de Madrid, 26; Atlético de Bilbao, 24; Las Palmas, 23; Valadolid, 22; Espanhol, 22; Saragoça, 21; Valencia, 20; Osasuna, 19; Celta de Vigo e Real Sociedad, 17; Condal, 16; Jaen, 14; Corunha, 11 — (Ani e Efe).

«Diário de Lisboa»

A Comissão Executiva da Secção Lebreira do Lusitano Gíndio Clube, de Évora, agradeceu-nos o noticiário relativo à prova «Diana 1956-1957» (Corrida de galgos), que promoveu, recentemente, com muito brilho.

zer que Di Pace continuou a ser a pedra basilar da equipa, mas com uma função diferente. Em verdade, se a nossa observação não está errada, Di Pace terá sido encarregado de repetir o que fizera na Luz oito dias antes, que era servir-se do seu extraordinário domínio de bola para vencer a resistência da defesa do Sporting em movimentos isolados. Verdade seja que chegou a provocar algumas situações de perigo. O terceiro golo andou a rondar, mas não chegou e o 2-1 já foi um pânico.

Também o Sporting deve ter rectificado qualquer coisa na sua máquina, porque entrou notoriamente a forçar o ataque. Nos primeiros cinco minutos do recomeço forçou a defesa do Belenenses a ceder quatro «cantos» e Gabriel ainda falhou imperdoavelmente uma oportunidade de golo que lhe foi oferecida por Martins.

Mas o primeiro golo da recuperação do Sporting teve a sua razão de ser numa falta provocada pelo médio Pellejero sobre Gabriel. Travaços marcou o castigo atirando a bola a cair entre a barreira e a baliza e Gabriel apareceu lesto a rematá-la. José Pereira parece ter ficado bastante magoado neste lance, pois chegou a tirar a camisola, mas ficou em jogo. O desafio esteve interrompido mais de três minutos, que foram descontados no final.

Este golo deixou o Belenenses visivelmente preocupado e gerou uma torrente de faltas que o árbitro não conseguiu suprimir. Alguns jogadores andavam positivamente de cabeça perdida.

Mas o tempo passava e a vitória tangencial do Belenenses parecia ser o resultado final e que estaria certo. Mas a cinco minutos do fim, Travaços, que foi o fulcro discreto dos melhores lances de ataque da sua equipa, serviu Vasques que se encontrava no lugar de avançado-centro. Figueiredo atrasou-se um pouco e Vasques teve tempo para tocar a bola de cabeça para o lado esquerdo, onde Gabriel a colheu para o remate mortal.

Este golo pôs ponto final às



Martins, Figueiredo e José Pereira elevam-se ao mesmo tempo para alcançar a bola

ambições do Sporting, mas o Belenenses já não teve tempo para desfazer o empate, apesar da insistência com que o procurou. Agora, a quatro pontos de diferença, terá deixado definitivamente de importunar o Porto e o Benfica.

Destaque-se mais uma grande exibição do argentino Di Pace, que foi o melhor em campo; Vicente não deu tanto nas vistas como no domingo anterior, mas Gabriel sentiu-lhe bem a presença; Dimas merece ser colocado a seguir a Di Pace. Figueiredo, Carlos Silva e Pellejero exageraram nas entradas; Matateu muito ameaçador.

Travaços e Perides destacaram-se no Sporting; Passos também foi dos que exageraram; Martins sofreu as consequências dos «exageros» de Figueiredo, assim como Matateu os sofreu de Passos; Joaquim José cumpriu em plano aceitável; e Pacheco pareceu-nos ser o elemento menos inspirado da equipa.

A arbitragem não merece boa nota, mas também foi dificultada.

LUIS ALVES

pelo seu
**AROMA e
PALADAR**
inconfundível

Aguardente
VELHA
1920



PROVE TAMBÉM QUE SABE BEBER, bebendo.

é há muito
a preferida pelos
verdadeiros
conhecedores!

uma aguardente
de qualidade
envelhecida pelo
tempo em cascos
de carvalho

LISBOA J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, 69

Agentes:

PORTO E COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PROVINCIA Rua do Bonjardim, 420

Hernani

consolidou

a sua posição

A jornada de ontem não trouxe, a bem dizer, alterações na posição dos marcadores.

Hernani, Aguas e Matateu continuam nos lugares primeiros da lista, tendo o primeiro consolidado o seu primeiro lugar, com a diferença de mais um golo.

Os jogadores com um mínimo de dez golos marcados são os seguintes:

Hernani (F. C. do Porto)	26
Aguas (Benfica)	24
Matateu (Belenenses)	20
Suarez (Spt. Covilhã)	16
Pompeu (Sporting)	14
Faia (Barreirense)	14
J. Mendonça (Torriense)	13
Batalha (Lusitano)	13
C. Duarte (F. C. do Porto)	11
André (Académica)	11
Martins (Sporting)	11
Jacinto 2.º (Vit. Setubal)	11
Dimas (Belenenses)	10
Fernandes (Vit. Setubal)	10
José Augusto (Barreirense)	10
Jaburu (F. C. do Porto)	10
Salvador (Benfica)	10
Flora (Lusitano)	10

Os melhores marcadores de cada uma das equipas são:

ACADEMICA—André (11)
ATLETICO—Martinez e Casti- glia (4)
BARREIRENSE—Faia (14)
BELNENSES—Matateu (16)
BENFICA—Aguas (24)
CALDAS—Rogério e A. Pe- dro (4)
C. U. F.—Arsénio (9)
F. C. PORTO—Hernani (26)
LUSITANO—Batalha (13)
ORIENTAL—Hidalgo (8)
SPORTING—Pompeu (14)
SPT. COVILHA—Suarez (16)
TORRIENSE—Mendonça (13)
VITÓRIA—Jacinto II (11)

Atletismo

(Continuação da página anterior)

se numa pedra do seu conjunto, mesmo que esta seja de valor positivo para a contagem de pontos, for absorvida por qualquer imponderável, outra imediatamente tomará o seu lugar sem que haja quebra de rendimento. A isto chama-se em linguagem desportiva — eficiência atlética!

Com a tendência que os «encarnados» têm demonstrado nesta época de Inverno que só teve, até à data e quanto a nós um apontamento desagradável—a não participação dos Portugueses à primeira prova internacional—é natural que o conjunto do Benfica venha a vencer quase todas as restantes competições do calendário de corta-mato e estrada. A confirmar-se este prognóstico o Benfica passará às provas de pista com uma aurea de prestígio nunca alcançada nestes tempos mais chegados.

Em relação à época finda podemos desde já afirmar que os «encarnados» se adiantaram. Joaquim Ferreira, do Sporting, que passou a senior cedeu o seu título de 1956, na categoria de juniores a Tavares Jesus, do Benfica, a nova «estrela» do firmamento «encarnado» e quicá da modalidade.

Na corrida de ontem, um homem pairou acima dos restantes. Trata-se do vencedor, o jovem José Tavares Jesus, do Benfica, que já deu provas do seu óptimo valor na corrida de selecção para o «Cross» de S. Sebastião, e, sobretudo indicava aos técnicos e dirigentes que há que contar com os seus feitos. Assim, a sua inclusão em grupos nacionais de corta-mato é um facto que nos parece não poder sofrer controvérsia.

Por último, um bravo para os principiantes Alberto Xavier, do Benfica (já conhecido e admirado) e Armando Aldegdega, do Sporting, pelo que fizeram. Um sexto e um oitavo lugares, na classificação geral à frente de muitos juniores são provas mais que seguras do seu valor.

Dos casavianos, diga-se apenas isto, que é já muito esclarecedor: subiram, e bem, no conceito geral, a testemunhar interesse e trabalho. JOSÉ BATALHA

Salgueiros, Vitória e Braga à vista da segunda fase

As classificações

	J.	V.	E.	D.	Golos	Pontos
Salgueiros.....	23	10	3	4	72	35
V. Guimarães.....	23	10	7	6	53	33
Braga.....	23	9	2	6	51	32
Leixões.....	23	1	3	7	31	29
Gil Vicente.....	23	12	4	7	45	28
Boavista.....	23	12	3	8	49	27
Sanjoanense.....	23	10	2	11	43	22
Vianense.....	23	10	1	11	41	22
Marinhense.....	23	1	3	11	13	18
Tirsense.....	23	7	3	13	42	17
Espinho.....	23	5	0	12	3	16
Peniche.....	23	7	1	15	41	15
Chaves.....	23	7	1	15	31	14
U. Coimbra.....	23	5	4	14	33	14

Oferecendo o Braga, como vencedor, e o Leixões, como vencido, a 23.ª jornada pode ter sido decisiva para o apuramento da Zona Norte, já que Salgueiros e Vitória, mesmo cedendo empates, também não perderam terreno, mantendo-se na vanguarda.

Assim, Salgueiros, Vitória e Braga podem ter-se como mais que prováveis representantes nortenheiros para a segunda fase, restando saber, porém, se a equipa da capital do Minho ficará, já agora, com o terceiro lugar.

Na retaguarda, o União de Coimbra, com boa vitória sobre o Tirsense, igualou o Chaves, batido em Espinho. A questão entre ambos continuará, afectando, ainda, o Peniche, distante, apenas, um ponto. Mas, aos Combricenses, com a inferioridade do «goal-average», caberá o esforço maior — e o mais problemático.

O Salgueiros, em dificuldade

O encontro de «Vidal Pinheiro» teve fisionomia surpreendente. Contra toda a expectativa, foram os visitantes que souberam impor-se aos «encarnados», que estiveram na iminência de sofrer um imprevisto revés no seu próprio campo. Com toda a sua própria manobra de segurança e afoiteza, o Gil Vicente disputou, afoitamente, a partida, e o entusiasmo que os seus jogadores puseram na luta, aliado à rapidez e sentido prático do seu ataque, criou dificuldades ao Salgueiros, particularmente à sua defesa, batida, por três vezes, no primeiro tempo.

Os Portuenses chegaram a desorientar-se, permitindo que o ascendente do adversário se accentuasse à medida que o fim se aproximava, mas nunca deixaram de contra-atacar e foi numa dessas iniciativas que lograram operar o empate, quando mais natural seria a concretização do triunfo, por banda dos gilistas.

O Marinhense impôs a igualdade ao Vitória

Na Marinha Grande, o Vitória não esteve à vontade. Os locais, aplicando-se com grande energia, atacaram, de início, com decisão, chegando a contar a vantagem de dois golos.

O jogo tomou aspecto vigoroso, com a reacção do grupo minhoto, o qual, no entanto, não conseguiu,

nunca, dispor, abertamente, do adversário, embora o aproveitamento de duas oportunidades, lhe tivesse permitido estabelecer a igualdade.

No ultimo período da partida, os Marinhenses empregaram-se a fundo para alcançar o triunfo, dominando com insistência, mas a defesa de Guimarães fez-se valer, nessa altura, salvando o resultado, com esforço aturado e também certa dose de felicidade, em muitos lances.

O Vianense resistiu ao Braga — enquanto pôde

O equilíbrio e fundo de jogo que caracteriza o excelente conjunto de Viana do Castelo, serviram para proporcionar quarenta e cinco minutos de boa luta, no estádio da capital do Minho.

Nesse trecho, enquanto os recursos a não traíram, a equipa da cidade do Lima, deu magnífica réplica ao Sporting de Braga, emprestando enorme interesse à partida, que se tornou em demonstração técnica, francamente agradável.

Os Bracarense, ainda que mais completos e perigosos na ofensiva, tiveram de contentar-se com um golo apenas, na primeira parte.

Depois do intervalo, as coisas modificaram-se por completo. O Vianense passou a actuar com menos um jogador, que ficou no vestiário, vítima de indisposição. E o Braga beneficiando, ainda, de melhor condição atlética, não encontrou dificuldade em impor-se.

O Leixões deu tudo mas nada conseguiu

A equipa de Matosinhos jogava em S. João da Madeira cartada de suma importância e assim mostrou compreendê-lo ao procurar, logo de início, assegurar-se de resultado favorável.

A verdade é que, mercê da maneira como mostraram esse objectivo, os Leixões podiam tê-lo conseguido, se os seus dianteiros houvessem sabido transformar as ocasiões que, para tanto, souberam criar. Os ensaios foram, porém, desaproveitados e os Sanjoanenses, sempre possuidores de forte espírito de luta, passaram, por sua vez, a ameaçar os visitantes, exercendo domínio e concretizando, com dois golos, Oliveira II revelou-se forte rematador, perdendo o encontro, disputadíssimo de princípio a fim e cujo desfecho deve ter comprometido, definitivamente, as suas aspirações.

O Peniche deu que fazer ao Boavista

O encontro no Bessa era de reduzido interesse considerando que os «xadrezados» não tinham já possibilidades de se qualificar.

Não obstante, a luta foi viva e o Boavista, superior no primeiro tempo, concluiu com 3-1, a seu favor, teve depois bastante trabalho para conter a aguerrida disposição dos Penichenses, que reduziram a desvantagem ao mínimo e se tornaram bastante perigosos, nos ultimos momentos, chegando a fazer surgir a ideia do empate.

A actuação do grupo portuense não agradou pela irregularidade do seu jogo, confirmando uma cri-

se que a própria classificação nitidamente reflecte.

O Espinho tardou a construir um resultado merecido

No campo da Avenida, o Espinho esteve quase permanentemente ao ataque, mas demorou em consolidar o triunfo, que foi inteiramente merecido.

O Chaves revelou tendência hábil mas, compelido a defender-se, só pôde desenvolver tentativas de descer ao terreno contrário, em esforços isolados ou com lançamentos em profundidade, sustidos sem dificuldade de maior, pela defesa espinhense.

O grupo da Costa Verde mostrou-se mais sólido e mais ligado pertencendo-lhe o comando da partida, mas os golos tardaram por teimosa infelicidade no remate, só na segunda parte consolidando o resultado.

O União de Coimbra afirmou capacidade

A nítida vitória obtida pelos Combricenses sobre o Tirsense teve a sua justificação e pode ser bom estímulo para a difícil tarefa que espera o grupo da Lusa-Atenas.

Ontem, os unionistas arrancaram, com enorme desenvoltura, surpreendendo o grupo visitante e estabelecendo, antes do intervalo, a diferença confortável de 4-1, que lhes assegurava um triunfo indisputável.

Confiando, porém, em demasia na sua vantagem os Combricenses permitiram que o adversário reagisse e se aproximasse no marcador, obrigando a um novo esforço, aliás, coroado de êxito. O União, nesta partida, mostrou-se empreendedor e resoluto, ganhando, com merecimento, e recobrando esperanças para a luta pela fuga à última posição.

Na Zona Sul a luta mantém-se cerrada EM OLHÃO

O Coruchense não experimentou dificuldades...

O clube de Coruche recebeu o Juventude de Évora, que ultimamente tem acusado sensíveis progressos. Os coruchenses não estavam tranquilos e tinham razão para isso, porque lhe faltavam vários titulares. Todavia, acabaram por vencer com todo o merecimento, fazendo gala de sentido prático no ataque. Os juventistas gizeram alguns lances apreciáveis, mas faltou-lhes objectividade nos esquemas ofensivos. De aí, a principal razão da sua derrota.

O Farense empatou em Portalegre

O guia da prova deslocou-se para Portalegre, onde passou um mau bocado. Os portalegrenses sujeitaram, com efeito, os algarvios a pronunciado domínio. Sucedeu, no entanto, que falharam no remate e que a defesa farense soube organizar-se com voluntariedade e perfeição. Os sportinguistas de Faro têm, no entanto, a atenuante de não alinhar com vários titulares, entre eles o centro-danteiro Campos, o melhor rematador da prova. Para quem é virtualmente vencedor do torneio — o empate já não foi mau... Os portalegrenses necessitam de criar mais objectividade na linha avançada!

O Desportivo de Beja «tropeçou» em Montemor...

O Desportivo de Beja, que tem por si uma falange de apoio numerosa, «escorregou» em Montemor-o-Novo, precisamente na altura em que poderia acalentar aspirações no que respecta à qualificação para a fase final. Os bejenses lutaram com afinco, mas os seus dianteiros não souberam organizar-se devidamente, falhando na conclusão dos lances. Já a defesa, capitaneada pelo ex-internacional Feliciano, agiu em grande plano. Os montemorenses, que a sorte não tem favorecido, lutaram com entusiasmo e energia e creditaram-se de largos trechos de domínio, mostrando-se os seus dianteiros mais empreendedores, rápidos e decididos no remate.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Rio Maior na Fábrica Sant'Ana.

As classificações

	J.	V.	E.	D.	Golos	Pontos
Farense.....	23	11	3	9	25	35
Montijo.....	23	12	6	5	47	30
Coruchense.....	23	11	5	11	21	29
Olhanense.....	23	11	1	8	31	29
Desp. Beja.....	23	12	9	2	3	26
Arroios.....	23	8	8	9	0	22
Olivaes.....	23	8	8	12	18	20
Juventude.....	23	3	4	11	23	20
Portalegrense.....	23	6	9	11	2	20
União M.....	23	9	2	11	35	20
«Os Leões».....	23	8	3	12	5	19
Portimonense.....	23	8	12	19	9	19
Estoril Praia.....	23	8	2	13	0	18
Almada.....	23	5	5	11	38	15

NO MONTIJO

Os locais venceram com merecimento

Desde o início da partida Montijo-«Leões», os locais mostraram grande superioridade sobre o adversário, com jogo raso e passes largos para os extremos, que centravam perigosamente.

Os «Leões», no entanto, nunca perderam o sentido do ataque, criando ocasiões de perigo, sempre que desciam à grande área dos locais.

No começo do segundo tempo, os Santarenos, embora perdendo por 4-1, lançaram-se abertamente ao ataque, conseguindo dois golos por Balugas, sem dúvida, o seu melhor jogador.

O Montijo replicou, mas não conseguiu romper a barreira defensiva adversária senão por uma vez.

Os dois tentos iniciais levantaram o moral ao quadro leonino, que procurou, durante todo o tempo, o empate.

No Montijo, distinguiram-se Redol, Barriga, Mora e José Paulo. No «Leões» gostámos de Balugas, em grande plano, e de Oliveira Martins.

JOSÉ RAMOS DIAS

ESTORIL PRAIA-S. L. OLIVAIS — Um ataque cerrado da equipa da Costa do Sol

A 23.ª jornada do torneio da Zona Sul do campeonato nacional da 2.ª Divisão, não forneceu — pode dizer-se — quaisquer surpresas. Nem mesmo a derrota do Estoril, no seu campo, dada a irregularidade da equipa da Costa do Sol chegou a causar admiração; simplesmente a diferença de golos poderá merecer reparo.

A derrota do Desportivo de Beja facilitou um tanto a confusão gerada à volta da luta para a qualificação. Os Alentejanos ficaram praticamente arredados da competição para a conquista de um lugar entre os três primeiros.

Tido como certo que o Farense será o vencedor da série, todo o interesse reside a volta do despique entre o Montijo, o Coruchense e o Olhanense. E — praticamente — é tudo.

Os Olhanenses venceram bem

Com uma defesa onde só Carvalho e Almeida marcavam presença, o Arroios podia ter saído de Olhão com a sua maior derrota deste campeonato.

No entanto, esse facto não chegou a verificar-se porque Simões denotou falta de atenção na sequência dos lances e Rangel esteve em tarde de má pontaria.

Os Olhanenses, forçando permanentemente o ataque e conduzindo este com bom sentido de perfuração, podiam ter ido muito mais além, a despeito da boa exibição de Carvalho.

O Olhanense, pois, acabou por triunfar por marca inferior ao bom jogo desenvolvido, para o que contribuiu grandemente a substituição de Parra e Venício, a qual se fazia sentir há muito já, com efeito, o ataque olhanense demonstrou ontem uma toada prática, com base em Simões I.

Verdade seja que os locais só lograram aumentar a sua vantagem a partir da saída de Ferreira. Contudo, os Lisboaetas, apesar de actual, a partir de então, com dez unidades, deram, sempre, excelente réplica, aliás, insuficiente para contrariar a velocidade, o poder de antecipação e o interesse denotado pelo adversário, do princípio ao fim.

A linha dianteira dos visitados, que, como dissemos, exteriorizou maior poder na zona de remate, constituiu, com os seus esquemas traçados com a bola rasa e perfu-

rantes, o maior perigo para os contrários.

Os forasteiros denotaram falta de remate e, no segundo tempo, acusaram a saída de Ferreira, por expulsão pouco explicável.

O Arroios teve em Isaac, Severino, Adelino e Almeida, os seus melhores elementos. Dos Algarvios, todos jogaram bem.

PEDRO MARTINS

NA AMOREIRA

A defesa do Estoril

— causa do resultado

A vitória expressiva conseguida pelo Olivaes em campo adversário, deve-se mais à inferior exibição da defesa do Estoril do que, realmente, à eficiência do sector atacante visitante, que, aliás, jogou bem.

Um lance infeliz de Eloi — metendo, de cabeça, um golo nas suas próprias redes — foi a primeira conta de um rosário de erros que custou ao Estoril a pesada derrota de 5-0. E foi pena. Porque o jogo, logo de entrada, mostrou-se veloz, vistoso e agradável, com as duas equipas jogando em bom plano, a dar-nos a esperança de assistir a uma partida equilibrada e de bom futebol.

Com o Estoril dominando ligeiramente, o jogo desenrolava-se nos dois campos, numa toada pendular, entremeadas de lances em que se destacava o acerto das duas linhas médias.

A princípio, o Estoril foi a equipa mais perigosa ao ataque, e por diversas vezes, Silva foi obrigado a responder com defesas de categoria a alguns remates mal intencionados.

Mas, depois, os Olivalenses reagiram e, tirando partido da desorientação da defesa local — abalada pela desfortuna do lance que provocou o primeiro golo — des-

(Continua na 6.ª pág.)



SALGUEIROS-GIL VICENTE — O defesa-direito da equipa barcelense repele um ataque dos Portuenses

“Figuras dos Estádios”

Uma colecção de Arte e Desporto para todas as idades e cores clubistas

A SAIR BREVEMENTE

A marcha do campeonato

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão prosseguiu ontem com os encontros correspondentes à 21.ª jornada. Os resultados—que relembramos—foram os seguintes:

Atlético-Benfica ...	0-5 (0-4)
Belenenses-Sporting ...	2-2 (2-2)
Oriental-Académica ...	0-2 (1-2)
C. U. F. F. C. Porto ...	2-5 (0-4)
Vit. Setubal-Torriense ...	2-3 (4-1)
Caldas-Covilhã ...	3-2 (0-0)
Lusitano-Barreirense ...	3-2 (0-1)

Entre parentesis indicam-se os resultados da 1.ª volta.

Cinco das seis equipas da A. F. L. jogaram em Lisboa, portanto, perante o seu publico, o que reduziu o interesse pelo desiquie inter-regional que o campeonato oferece. Só em Marvila e nos Arcos, em Setúbal, se pode estabelecer esse confronto, que terminou com honra para ambas as partes, como se dizesse: O Torriense ganhou e o Oriental perdeu...

Como nota saliente da jornada, a circunstancia de não se ter verificado ontem a tendência para a vantagem de jogar em casa. Em sete desafios só dois visitados conseguiram ganhar. Por outro lado, em quatro partidas houve confirmação de resultados. Referimo-nos, é evidente, às vitórias do Benfica, da Académica e do Porto—por coincidência todas no campo dos adversários—e ao empate imposto pelo Sporting. O Caldas desfez, a seu favor, o empate da Covilhã, o Lusitano e o Torriense obtiveram desforras que, para um caso de igualdade de pontuação, nada adiantam.

Metade das equipas alteraram as suas posições. Não é, porém, o caso do F. C. do Porto e do Benfica, que guardaram os seus lugares e a diferença de um ponto entre si, beneficiando, ainda, do empate do Restelo. Repare-se que só os três primeiros da tabela não perderam em casa. O Lusitano voltou a adiantar-se ao Sporting, ainda que, novamente, com igual pontuação; o Torriense passou de 7.º para 6.º, trazendo atrás de si a Académica, de 8.º para 7.º, com prejuizo do Oriental, que baixou de 6.º para 8.º.

Vem a seguir o trio dos clubes do distrito de Setúbal—todos na mesma ordem da jornada anterior. Por fim, nova permuta entre o Caldas e o Covilhã, vantajosa para o primeiro. A fechar, o Atlético, agora, de novo, com o atraso de dois pontos do penultimo.

Ontem marcaram-se 33 golos, o que eleva o total de tentos a 544—média de 25,9 golos por jornada.

O F. C. Porto vencedor no Barreiro

(Continuação da 1.ª pág.)

beça deste jogador, era merecedor de uma trovoadas de olés e palmas...

Mas os portuenses, dada a facilidade como chegaram aos 3-0, calcularam mal as possibilidades dos cufistas e passaram a actuar em toada moderada, sem pressas, confiados de que quando quisessem e lhes apetecesse o marcador funcionaria novamente...

Mas pensaram mal porque, ganhando confiança nas suas possibilidades, os locais apareceram mais vezes ao ataque e o perigo começou a rondar as balizas portuenses, primeiro, num remate de cabeça de Bispo, a finalizar uma entrega de Arsénio, que Pinho defendeu com certa dose de felicidade, e logo a seguir, num forte disparo de Bispo, a que o guarda-redes visitante correspondeu com uma defesa de classe.

E ao jogo irregular, confuso, monótono, dos portuenses, correspondeu um ataque vigoroso, entusiástico e vibrante dos da C. U. F., do que resultou o tento de Arsénio, a finalizar de um pontapé de canto. Em seguida novo golo de Pires, a lançar o pânico na defesa azul e branca. A equipa visitante passou a actuar partida em duas. A irregular exibição de Pedroto sobressalou e a de Hernani, tornou-se mais patente.

Toda a harmonia do conjunto portuense desapareceu e os visitantes passaram períodos de certa intranquilidade, especialmente na primeira meia hora do segundo tempo, em que os locais estiveram mais perto dos 3-3 do que os portuenses em aumentar a vantagem.

Mas o jogo da bola é, e será sempre, verdadeira caixa de surpresas... Duas grandes penalidades, daquelas em que o árbitro não vacilou na sua confirmação, mas que levantaram protestos de enorme violência e coroaram o trabalho de arbitragem com gritos e insultos, deram ao desafio uma expressão inesperada, dada a maneira como o encontro decorria, e dasanviu o ambiente de expectativa que se desenhava sobre o resultado final da partida.

Os portuenses iniciaram o desafio em grande estilo, até que o resultado lhes pareceu assegurado. Depois, afrouxaram e daí em diante os locais acreditaram neles próprios e os portuenses viram-se e desejaram-se, certos da grande verdade de que, presentemente todos os jogos são bem difíceis, seja qual for o adversário...

JOSE MALHEIRO

NO CAMPO DOS ARCOS

O Torriense

alcançou um excelente êxito

No jogo da primeira volta, efectuado em Torres Vedras, os Setubalenses haviam conquistado um excelente triunfo, que se cifrava em 4-1. Talvez essa grata recordação e o facto de terem começado o desafio de ontem, no seu ambiente, da melhor maneira, arrastassem os Sádinos a um excesso de confiança quase sempre assaz contraproducente nas andanças dos torneios desportivos. O certo é que nos vinte minutos iniciais do encontro os Setubalenses dispuseram, a seu belo prazer, da equipa de Torres Vedras, cujas defesas se viram em apuros para destroçar os lances de ataque, consecutivos, insistentes e bem ordenados, dos adversários. Com efeito, a turma local realizou, nesse período, exibição a todos os títulos notável, com os elementos dos vários sectores a constituírem um conjunto sólido e afinado. Para mais, aos 10 minutos, os Sádinos coroaram a sua ascendência com um golo apontado por Jacinto e de tal forma que enganou o aplicado e ágil guarda-redes Gama.

Naturalmente, os Torrienses passaram a cuidar a sério da defesa, procurando, a todo o transe, que os contendores chegassem aos 2-0 — e conseguiram ver corados de êxito tais propósitos. Os Setubalenses mantinham a sua supremacia, revelada em todos os aspectos do jogo, mas não obtiveram mais golos.

Sucedeu até que foram os Torrienses quem conquistaram um tento marcado por Carlos Alberto e em circunstâncias curiosas, pois Morais, quando executou o centro para o colega desferir o remate certo, foi pelos defesas adversários considerado fora do jogo. Pararam, olhando interrogativamente o árbitro e o «bandeirinha», mas estes não ligaram importância de maior ao caso. De maneira que os defesas locais mais uma vez se convenceram de que o jogo, em tais circunstâncias, só é interrompido quando o árbitro apita.

O facto dos visitantes, e ainda o facto de Vaz começar a queixar-se de certa lesão perturbaram um pouco, os Setubalenses.

Foi então que o grupo de Torres Vedras começou a experimentar, mais a sério, as suas forças ao ataque — e calhou então a vez de os defesas contrários travarem conhecimento com dificuldades de várias espécies. Aconteceu que os forasteiros obtiveram, até, 2.º golo — cópia fiel do 1.º.

Assistiu-se, depois, a uma exibição admirável do Torriense, absolutamente à altura do que haviam realizado os Sádinos no período inicial do prélio. Favoreceu essa exibição uma melhor condição física dos visitantes, pormenor de suma importância em rudes desportos de longos campeonatos.

Os Setubalenses ainda se creditaram de episódicas reacções, mas não puderam evitar que o Torriense ganhasse por 3-2 — um triunfo, reptimos, merecido. Os Setubalenses começaram bem, é certo, mas os Torrienses acabaram melhor — e isso lhes permitiu a obtenção de um bom êxito, pois o ambiente de Setúbal é sempre encarado com



A saída de Ramin do quadro de jogadores da Académica, não chegou a criar um problema. O jovem Cristóvão, chamado ao difícil lugar de guarda-redes da «Briosa» tem-se revelado á altura. No jogo de ontem, em Marvila, Cristóvão enquadrou-se bem na toada da equipa, defendendo com segurança e dando confiança aos seus companheiros. Na imagem, o guarda-redes da Académica capta uma bola alta que Leitão perseguia, enquanto Malícia, Grilo, Wilton e Hidalgo observam...



UMA CURIOSA ATITUDE DE UM AVANÇADO CUFISTA—Em estilo malabarista, Pires, pretende endossar o esférico a um companheiro. Monteiro da Costa, que neste jogo teve uma exibição mediocre, parece contar pelos dedos a «habilidade» do adversário... e Arcanjo simula um passo de dança...



Rui André repele a bola com a cabeça, neutralizando a acção de Fernandes

respeito, até pelas equipas de momento mais bem apetrechadas. Aconteceu, mesmo, que foi a primeira vez que o Torriense alcançou uma vitória no campo dos Arcos, no transcurso dos vários campeonatos nacionais!

A. R.

Cinco g

(Continuação da 1.ª pág.)

afinou pelo mesmo diapasão se não foi que desafiou...

Releve-se ao Atlético a menos esclarecida exibição e louve-se o seu ardor, o seu empenho e o seu entusiasmo, já que a equipa não teve, técnica e tácticamente, contêxtura para verdadeiramente se poderá impôr. Mas não poderá desculpá-lo ao Benfica, actuação de menos mérito do que o esperado, que nem a lesão de Salvador, á roda do quarto de hora, justificou.

Podem os benfiquistas argumentar que foi exagerado o ardor dos Alcantarenses, mal contido pelo árbitro quando as coisas passaram das normas. Mesmo assim, e porque os jogadores de camisola encarnada ripostaram no mesmo tom, só há que considerar menos lucida e menos clara a exibição da equipa reconhecida como mais compenetrada.

Terminou o primeiro tempo com o marcador em branco; como bran-

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	H.	P.	J.	V.	E.	D.	H.	P.	J.	V.	E.	D.	H.	P.
F. C. Porto ...	10	10	—	—	45-3	20	11	5	3	3	27-15	13	21	15	3	3	72-18	33
Benfica ...	10	7	3	—	32-7	17	11	6	3	2	24-14	15	21	13	6	2	56-21	32
Belenenses ...	11	9	2	—	43-13	20	10	2	5	3	16-23	9	21	11	7	3	59-36	29
Lusitano ...	11	9	—	2	29-14	18	10	2	3	5	18-26	7	21	11	3	7	45-40	25
Sporting C. P.	10	7	2	1	34-9	16	11	2	5	4	17-15	9	21	9	7	5	51-24	25
Torriense ...	11	7	2	2	27-13	16	10	2	1	7	12-25	5	21	9	3	9	39-38	21
Académica ...	10	5	4	1	21-8	14	11	3	—	8	13-21	6	21	8	4	9	34-29	20
Oriental ...	11	4	5	2	14-11	13	10	3	1	6	11-24	7	21	7	6	8	25-35	20
Vitória F. C.	11	4	4	3	20-17	12	10	3	—	7	15-28	6	21	7	4	10	35-45	18
Barreirense ...	11	6	2	3	23-18	14	10	1	2	7	9-24	4	21	7	4	10	32-42	18
C. U. F. ...	10	6	2	2	15-12	14	11	—	1	10	8-46	1	21	6	3	12	23-58	15
Caldas ...	10	4	2	4	18-24	10	11	—	4	7	7-26	4	21	4	6	11	25-50	14
S. Covilhã ...	10	5	1	4	15-14	11	11	—	2	9	9-40	2	21	5	3	13	24-54	13
Atlético ...	11	3	2	6	17-28	8	10	1	1	8	7-26	3	21	4	3	14	24-54	11

M. MARVILA

Consciente e tranquila Acadêmica chegou a ser brilhante!

A partida disputada ontem no campo «Eng. Carlos Salema» consi-
deravelmente de muito agra-
dação, com as duas turmas empenha-
das, mormente na se-
gunda parte, quando o adversário
sou nitidamente os efeitos do
molitor processo dos estudantes
se revelava incapaz de operar
volte-face.

De nos primeiros 45 minutos o
pique teve fases de elevado ni-
vel, com as duas turmas empenha-
das, mormente na se-
gunda parte, quando o adversário
sou nitidamente os efeitos do
molitor processo dos estudantes
se revelava incapaz de operar
volte-face.

Alcançando um golo logo a dois
minutos do começo, os estudan-
tes passaram a desenvolver no ter-
reno os mais variados esquemas,
amando a si o comando das ope-
rações, impondo-se de tal modo,
e a certa altura a equipa do
Oriental dava claros indícios de
degradação, chegando até á de-
rrotação.

A manobra dos estudantes, que
adivinhou já na primeira par-
te, a despeito da oposição dos lo-
caes, assentou claramente no valor
global da equipa e numa perfeita
integração de todos os elementos
num sistema de jogo que, por si
só, exige recursos técnicos muito
preciosos.

A primeira vista, fica-se com a
impressão de que a turma de Coim-
bra não se subordina a qualquer
sistema táctico, tal a força com
que os jogadores aparecem colo-
cados no terreno, movimentando-
se com desembaraço. Afigura-se,
então, que não existe a preocupação
de marcação do adversário.

Tal ideia é illusória e resulta ape-
sado de um sistema perfeitamente
controlado, tendente a servir as ca-
racterísticas fundamentais da equi-
pa e no qual o jovem Rocha exer-
ce a acção preponderante.

Com efeito, o jogador «macaísta»
constitui a mola impulsora da
manobra. Sem lugar definido, ac-
tuando em todas as posições, ao
ataque e á defesa, Rocha é, na má-
xima «escolar» uma peça solta que
coordina todas as outras, coorde-
nando a sua acção.

Claro que, para que o sistema
sustente, torna-se necessário que os
seus elementos de função de jogo-
res, isto é, tirem partido da sua
constante posição no terreno.

Isto sucedeu realmente. Na pri-
meira parte, Rocha minou toda a
estrutura do Oriental, a qual, aliás,
acusava parca consistência, geran-
do valores ficou o trabalho do
Oriental da partida.

Nenhum dos comparsas merecia
a melhor. Esqueça-se!
A segunda metade foi diferen-
te, menos no que respeita ao ár-
bitro.

Marcados os dois primeiros golos
do desafio, por Chipenda, o segun-
do dos quais com a colaboração —
por tabela — de Orlando, o jogo
passou a ter outras característi-
cas. Mais assento, maior ligação,
em duvida maior clareza por par-
te das duas equipas, com leve su-
perioridade dos «encarnados» a que
o alvoador, mais apto fisicamente,
emprestou toda a gama do seu ta-
lento de jogador. Não se esqueça,
então, que o Atlético esteve á be-
ira do empate logo depois do pri-
meiro tento do Benfica — e a jo-
rar bem. E se isso tem aconteci-

do certa confusão de ordem táctica,
nos jogadores locais. Na segunda
parte, a turma visitante pôde co-
lher os frutos dessa manobra, man-
tendo o esférico em seu poder, sem-
pre em movimento, aceitando a
luta no seu meio-campo para, em
mudanças bruscas, obrigar o adver-
sário a acantonar-se na defesa.

Ao contrário do que sucedia com
o Oriental, os visitantes impunham-
se pela força do conjunto, pois,
como já referimos, até á incons-
tante posição de Rocha tendia a
uma mais acentuada coligação.

Talvez, no balanço da partida,
tenha cabido á equipa da casa
maior quantidade de jogo ofensi-
vo.

Normalmente, a impressão do
domínio territorial conduz a uma
ideia errada na apreciação do mé-
rito dos contendores.

No caso de ontem, o domínio do
Oriental, que o houve, improficio,
desordenado, era consequência ape-
nas da própria manobra da equipa
da Acadêmica que, aliás, o demons-
trou sobejamente, ao mesmo tem-
po que punha á prova a solidez da
sua organização.

Os jogadores de Coimbra chega-

por Isaac Pais

curar abrir caminho pelo centro
do terreno, á custa de «dribles»
excessivos.

Nem Leitão, nem Rogério, esti-
veram ontem á altura das exigên-
cias do jogo, já que os médios fi-
zeram quanto puderam — e bem.
Na defesa faltou espírito de entre-
ajuda e sentido de colocação e
Soares defendeu tudo quanto tinha
defesa.

A Acadêmica revelou-nos uma
equipa muito homogénia, bem liga-
da e desenvolvendo um padrão de
jogo de qualidade elevada. Todos
os seus elementos se situaram, in-
dividualmente, em bom plano, a
começar por Rocha, sendo André
e Duarte os menos felizes. Bentes
e Samuel fizeram os golos, sendo
o do segundo um autentico «mo-
numento».

Dirigiu a partida o sr. Inocêncio
Calabote, de Evora. O seu traba-
lho só mereceu reparos na medida
em que foi prejudicado pela má
colaboração dos seus auxiliares.



Na parte final do desafio de Marvila, o Oriental tentou desesperada, mas descontroladamente, atingir a baliza da Acadêmica, mas a equipa visitante opôs-se sempre com uma organização eficiente. Hidalgo, em falta, tenta bater Marta de cabeça, ambos rodeados de companheiros, prontos a intervir, se tal for necessário

ram a recrear-se com a bola, mes-
mo dentro do seu meio-campo, to-
cando-a de uns para outros, avan-
çando ou recuando sem qualquer
interferência do adversário.

O Oriental lutou com as suas pró-
prias armas, mas a disposição do
adversário exigia mais: impunha
que o quadrado médios-interiores
adoptasse processo mais incisivo,
abrisse o jogo no sentido de lhe
dar profundidade, em vez de pro-

ISENÇÃO DE JOIA no Clube Naval de Lisboa

Comemoração do 65.º aniversário do
Clube Naval de Lisboa, resolveu o con-
selho director da colectividade conceder
um período de isenção de pagamento de
joia na admissão de futuros sócios, de 1
a 28 do corrente mês.

Golos no segundo tempo

ca, com o seu jogo sistematizado,
mais claro, mais senhor de si. A
oposição era mais fraca pelo que
não foi de admirar o aparecimento
de uma superioridade que havia
sido bem «discutida» pelo antago-
nista. Mais três golos compensa-
ram esse ascendente. E foi tudo!
Melhor resultado na Tapadinha, do
que na Luz.

O Atlético, releve-se a aparente
anomalia, jogou melhor quando so-
freu golos. A troca, no segundo
tempo, de Orlando com Legas, não
resultou.

O Benfica encontrou muitas di-
ficuldades no primeiro tempo, en-
tre as quais a maior terá sido, por
incapacidade física, a da perda de
Salvador, actualmente o mais ce-
rebral dos dianteiros benfiquistas.

Assembleias gerais

Reune-se, no dia 11 do corrente, a
assembleia geral extraordinária da Asso-
ciação Desportiva de Oeiras, para elei-
ção do vice-presidente da direcção.

Várias modificações na linha de
ataque (troca dos extremos Colu-
na e Cavem, utilização de Salva-
dor a extremo, algumas vezes) não
deram resultado.

Quando o Benfica, já com Sal-
vador mais apto, alinhou: Chipen-
da, Coluna, Aguas, Salvador e Ca-
vem, as coisas passaram-se de for-
ma diferente, para melhor. Nas li-
nhas atrasadas a equipa jogou co-
mo sabe.

Moutinho e Martinho foram as
melhores pedras do xadrez alcan-
tense. Os estrangeiros Mesiano e
Castiglia só duraram a primeira
parte e Oliveira, Gonçalves e Or-
lando não souberam dosear a sua
energia.

O sr. Joaquim Campes fez uma
arbitragem fraquíssima. Não sou-
beu impor-se e errou demasiado pa-
ra um árbitro da sua categoria.

Um golo invalidado a Aguas, in-
justamente, e um «penalty» marca-
do a seguir com todo o ar de com-
pensation, elucidam suficientemen-
te...



OTTO GLÓRIA
Dizem

* Ainda a criação do Tribunal de
Justiça Desportiva.

* A acção dos «torcedores».

* O Benfica e o jogo com o Atlético.

Iniciamos a nossa crônica semanal com um pequeno tó-
pico ainda referente á ideia que vimos defendendo sobre a im-
periosa necessidade — em nossa maneira de ver, é claro — da
criação de um Tribunal de Justiça Desportiva ao futebol por-
tuguês.

E' que julgamos indispensável frisar que a instituição desse
órgão, ao contrário do que muitas pessoas julgam, virá justa-
mente facilitar o trabalho dos dirigentes, que ficarão a salvo de
críticas e comentários menos justos, além de proporcionar a
aplicação correcta e consciente dos castigos. Dado o extraordi-
nário progresso que o futebol português regista de ano para ano,
no chamado «sector das quatro linhas», ou seja, no seu aspecto
técnico, táctico e estratégico, não se concebe que alguns pontos
permaneçam estacionários, pois isso não só constitui um mau
indício, como pode trazer, futuramente, uma descompensação per-
niciosa entre a parte administrativa e o sector técnico-desportivo,
das actividades do futebol. E isso, sem falarmos na imensurável
vantagem, que não nos cansamos de realçar, da arregimentação de
grandes valores intelectuais e sociais que, passando a colaborar
efectiva e directamente, através de sua acção no Tribunal, trarão
para o futebol português o valor inestimável da sua contribuição.

* * *

No momento em que o campeonato atinge o seu ponto cul-
minante, quando todos os desportistas vivem ansiosa e nervosa-
mente os momentos que precedem os jogos e que novamente
parte, principalmente, os quadros que ainda mantêm pretensões
ao título máximo, não podemos deixar de abordar um tema de
alta importância e que se refere ao papel desempenhado pelo
aficionado nessas ocasiões. O «torcedor» de futebol é — via de
regra — um indivíduo parcial, que vê as coisas sempre sob um
mesmo prisma e se julga invariavelmente coberto de razões. Por
isto mesmo, apaixonado e não perdoa nada quando perde, nem
dá o devido valor ao seu adversário, vivendo em estado de
completa euforia quando o clube de sua predilecção ganha e so-
frendo uma inconcebível depressão, por ocasião das derrotas.

Embora isso seja um fenómeno universal, e sem querermos
ter a veleidade de querer mudar a face das coisas, pois reconhe-
cemos que esse estado passional que transforma os apreciadores
do futebol, a ponto de fazer com que indivíduos de categoria,
educados, corteses e equilibrados, sejam incorrectos, cometam
tropelias, digam asneiras e impropérios, falseiem a verdade e des-
çam muitas vezes ao descalabro moral das cartas anónimas, cons-
titui a força principal que faz do «soccer» o desporto mais popu-
lar do Mundo, pensamos que seria de grande alcance uma cam-
panha intensa no sentido de se tratar com mais respeito as pessoas
que vivem no futebol e, especialmente, as que dele dependem.
Não é justo que a paixão clubista chegue ao ponto de se dirigirem
insultos soezes aos jogadores e dirigentes, quando as coisas não
correm como se esperava. E' necessário não esquecer que nin-
guém mais do que essas mesmas pessoas tem interesse em conse-
guir pleno êxito em sua missão. E convém não esquecer ainda
que, para merecer o respeito e a admiração do próximo, é preciso,
antes de mais nada, fazer por não desmerecer!

* * *

Mais uma jornada se realizou e, apesar de não havermos
cumprido «performance» muito elevada, conseguimos um triunfo
cômico e por uma marca volumosa. Ainda uma vez mais a «lei das
lesões», que nos tem perseguido tenazmente esta temporada,
obrigou-nos a introduzir modificações no quadro. Além disto, logo
nos primeiros minutos de jogo nos vimos privados do concurso
de Salvador, que até ao final da primeira fase foi figura decora-
tiva, e tudo isso aliado á má actuação de alguns jogadores e ao
trabalho acertado do nosso brioso contendor, deu-nos um pri-
meiro tempo pouco convincente, embora nunca chegasse a haver
duvidas sobre a nossa incontestável superioridade. Na etapa com-
plementares, feitas as corrigendas que se tornavam necessárias e
melhorado o estado físico do nosso atacante lesionado, subimos
nitidamente de produção e chegámos mesmo, em várias oportu-
nidades, a brindar o publico com um futebol de nível bastante
apreciável. O quadro, como acentuámos, sente, como é natural,
as constantes modificações que temos sido obrigados a fazer e
só até em certos casos o espírito de sacrificio de alguns jogado-
res permitiu que não jogássemos ainda mais desfalecidos. Apesar
de tudo, continuamos a trabalhar sem desfalecimentos e certos
de que melhores dias hão-de vir, mantendo firmes os mesmos
anseios e as mesmas esperanças. E até segunda-feira, se Deus
quiser!

OTTO GLÓRIA

«O DESPORTO VISTO PELOS GRANDES»

O sr. dr. António de Azevedo Pires
compilou num grosso volume bem apre-
sentado, com interessantes gravuras,
centenas de depoimentos sobre a ideia
desportiva, pertencente a figuras de alta
projectão nacional e internacional, com
compreensível supremacia de famosos
atletas de duas dezenas de nações.

Entre os depoentes, encontram-se, tam-
bém vultos célebres da literatura, da

por António de Azevedo Pires

arte, da filosofia, estadistas consagra-
dos, pedagogos iminentes e, ainda, vá-
rios papas. Figuras da antiguidade gre-
ga e romana e atletas de recente pro-
jectão.

Trata-se, sem duvida, de um volume
que contribui sobremaneira para a digni-
ficação da ideia desportiva.

EM PORTIMÃO

O querer dos algarvios superou o do Almada

Com bastante publico, e debaixo de grande expectativa, disputou-se, ontem, o Portimonense-Almada, em que, apesar do favoritismo dos donos da casa, havia que contar com os nervos deste encontro decisivo para os dois ultimos da classificaçao.

Assim, neste ambiente, apresentaram-se os dois «teams», que, apesar de, aos três minutos numa bloagem infeliz, Daniel ter dado aos adversários o primeiro ponto da partida, e pelo jogo desenvolvido, se adivinhava já o querer dos alvi-negros, imposto pela ligeireza dos seus lances, em profundidade, sempre perigosos.

Os Almadenses, após o primeiro tento, procuravam, com energia, empurrar a bola para o campo contrário, passando os primeiros vinte e cinco minutos, em defesas atabalhoadas e de sorte, em uma dezena de oportunidades que os locais não concretizavam.

Marcado o golo do empate, por hábil antecipação de Romão, esta-

va encontrado o vencedor, apesar da defesa alvi-negra claudicar, de quando em quando, por pouca segura e inexperiente, comprometendo o conjunto, e continuando a deixar bater a bola no chão, para ser desfeiteada a seguir... pelo seu pouco dominio de bola.

O Almada com jogadores de fibra e mais pesados que os adversários, abriu grandes clareiras a meio-campo, deixando a passagem livre aos Algarvios, que aproveitavam bem a má arrumação das pedras, para fazer perigosas infiltrações. Todavia, apesar da desvantagem, os Almadenses nunca se entregaram, tendo-se, porém, notado a falta de Martins, expulso dos catotze minutos do segundo tempo.

Assim, o marcador foi subindo, normalmente, tendo os donos da casa marcado seis golos, oferecendo um aos visitantes para recordação desta visita ás amendoeiras em flor.

M. M.

A MAIS ALTA PRECISÃO



O relógio de primeira categoria por um preço acessível.

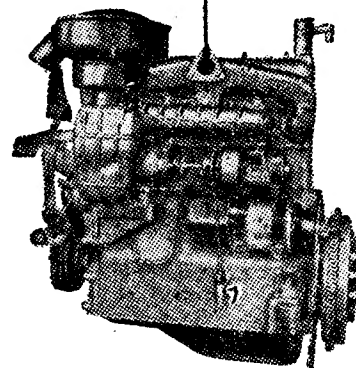
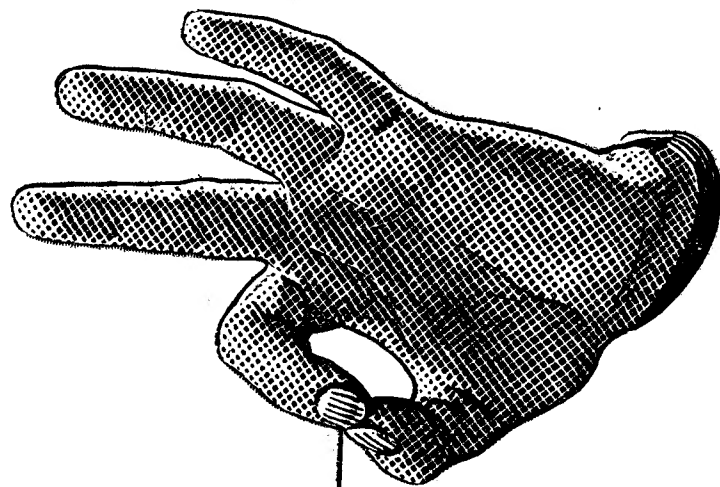
famoso em todo o mundo

Swiss made

LANCO

GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

O PERFEITO EQUILÍBRIO ESTÁ EM HANOMAG



NÃO BASTA TER UM TRANSPORTE QUALQUER; É NECESSÁRIO TER UM BOM CHASSIS E UM BOM MOTOR; SÃO ESTES OS FACTORES QUE DEFINEM UMA MARCA

HANOMAG — SÍMBOLO DE QUALIDADE

Chassis para 640 e 1.600 K — Carta de ligeiros; 1.900 e 3.100 K — Carta de pesados

Representantes: IMPÉRIO DA BEIRA, LDA.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C — TEL. 726529

Agente no Norte: A. M. ROCHA BRITO — Rua Passos Manuel, 178 — PORTO

Na Amoreira

(Continuação da 3.ª página)

ceram com frequência á grande área adversária e aí espalhavam o pânico com as suas triangulações hábeis e incisivas, quase sempre finalizadas com um á-vontade consentido pela apatia dos defensores Estorilistas. Em contrapartida, a defesa do Olivais nunca permitiu liberdade de movimentos aos atacantes contrários. Bafejada pela sorte, é certo, em alguns lances, actuou, porém, em nível elevado, deu confiança á sua equipa e tirou quaisquer possibilidades de recuperação á turma do Estoril, que, baixando gradualmente de rendimento chegou a dar, a ideia, já no período final, de aceitar com resignação o peso da derrota. Derrota perigosa, diga-se de passagem, dada a ingrata posição que ocupa na cauda da classificação.

A arbitragem, ajudada pelo correcto comportamento dos jogadores, foi regular e sem erros de monta.

rebuçados

ABC



Brasil, Lda
RUA SARAIVA DE CARVALHO, 207-D
LISBOA



Nenhuma mulher pode pensar num homem sem olhar imediatamente para o seu próprio rosto



Ela pensa
na sua beleza
— e nele!

Sou eu assás bonita — para lhe agradar... e para o reter? Se tem alguma dúvida, não esqueça então que não há nada mais eficaz, para conservar uma pele jovem, firme e doce, do que o Creme Tokalon rosa para de noite. Ele actua durante o sono. Graças ao Biocel que contém, enrija e rejuvenesce a pele, activando a renovação natural das células. E na manhã seguinte, que alegria vos mostrará o espelho ao descobrir esta transformação. O Creme branco Tokalon para de dia, não gorduroso ou meio gorduroso, completa este tratamento de beleza. Alinda de tal maneira, que é preciso fazer um ensaio para acreditar. A vossa pele tornar-se-á tão fina, tão bela e tão doce, que o homem que vos interessa o notará imediatamente.



Tokalon



COMPANHIA
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«GANDA»

Em 7 de Fevereiro

«UIGE»

Em 13 de Fevereiro

«PATRIA»

Em 16 de Fevereiro

Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.

Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 6 a 8 do corrente.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 12 do corrente.

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

12 de Fevereiro

e 11 de Março

As 12 horas

Com escala por Funchal para: S. Vicenç, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

1 de Março

As 16 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana, e Port Everglades (Miami).

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

NAS CALDAS DA RAINHA

Custou a romper o sistema defensivo dos Serranos

O campo da Mata, bem arranjado, serviu de cenário a um dos desafios de maior repercussão e influência na chamada «batalha dos últimos». Defrontaram-se ali, o Caldas e o Sporting da Covilhã, dois dos três últimos da tabela, a debaterem-se numa luta de vida ou de morte. E cabe referir, desde já, que o duelo foi emocionante, conduzido com vigor, mas sem fugir da linha consagrada por uma partida de reflexos imediatos na classificação. Quer dizer, admitia-se que os dois «teams» se empregassem com entusiasmo e energia, e isso se verificou. Mas a mais agradável nota a extrair do encontro é que o «duelo» se desenrolou num ambiente de correção e disciplina, no qual cada jogador soube integrar-se na sua tarefa específica, sem deixar de pôr o coração na luta. Quando o desafio terminou, o público estava satisfeito e satisfeito ficou. Vira um encontro disputado com galhardia e pôde observar que os «leões da serra», tendo cumprido o seu dever, souberam compreender o momento e apressaram-se a felicitar os Caldenses.

Neste clima, até se chega a ter pena de que houvesse um vencedor. Mas tinha de ser... E a vitória coube perfeitamente ao «team» que mais a mereceu, igual em aplicação e vontade, mas superior em sentido atacante, em objectividade justificando bem uma vitória difícil de alcançar, mas por isso mesmo mais apreciada...

Os «leões da serra», naturalmente, adoptaram um sistema defensivo, segundo de contra-ataques. O «ferrolho» foi o plano empregado, aparecendo Cabrita como o elemento-base dessa manobra. Tudo à defesa o «defesa reforçada» constituiu o «leito-motiv» dos Serranos, que nessa tática deixaram apenas três homens na frente. De modo que o «ndrão» do jogo, rapidamente generalizado, era este: os Caldenses caminhavam facilmente para a zona de remate, sem especial oposição, a meio campo, mas chegados ali tudo se transformava radicalmente. O «ferrolho» exercia a sua função, que Rita, o «keeper» beirão, «filho pródigo» do Sporting da Covilhã, acentuava. Efectivamente, o guarda-redes «leonino» foi figura grada, proeminente, na sua turma. Talvez se possa dizer, afortunadamente, que o verdadeiro «ferrolho» foi ele...

Dentro deste estilo, o Caldas dominou constantemente em toda a primeira parte. Sem subjugação adversária, convirá acrescentar, mas com a suficiente clareza para justificar marca tranquilizadora. Não o atingiram, porque... Bem, não o «ferrolho» mudara de sinal. Esta tática tem os seus riscos, oferece os seus perigos. Há sempre risco e existe sempre perigo quando a bola roncha as balizas e a preocupação paten-tada pelos locais conduzia exactamente a tal...

No declinar do jogo, alcançada uma bola de vantagem, o Caldas teve «garras» de segurar o resultado. Foi-o reforçando a defesa, recuando António Pedro e Orlando, e quase oferecendo a ideia de que o «ferrolho» mudara de sinal. Esta tática tem os seus riscos, oferece os seus perigos. Há sempre risco e existe sempre perigo quando a bola roncha as balizas e a preocupação paten-tada pelos locais conduzia exactamente a tal...

O triunfo caldense não oferece a menor dúvida. Ganhou o «team» que mais atacou e isso está perfeitamente certo, na medida em que o futebol é essencialmente um jogo defensivo. A sua finalidade capital é o golo!

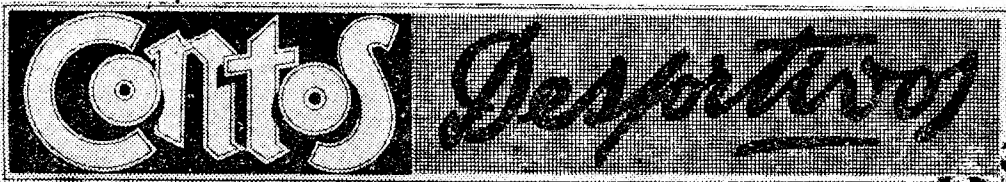
Todos os jogadores mereceram aplausos pelo brio demonstrado. Neste particular, a igualdade foi absoluta. Contudo, uns tantos tiveram papel mais relevante. Foram, no Caldas: Víctor, Sarrazola (ex-Sporting da Covilhã, por coincidência), Saralva, sempre prodigioso de vontade, e Garófalo. No Sporting da Covilhã: Rita ergueu-se ao mais alto plano, optimamente secundado por Cavem, Lourenço, Martin e Cabrita, utilizado num papel objectivo de quem tem longa prática.

O Caldas afastou-se mais do último lugar. Mas a sua tarefa é ainda muito delicada, bastante contingente. Mas, enfim, deu um passo para se safar. Pior é a posição dos «leões da serra», como reflexo do revés de ontem. Ainda resta a ambos o Atlético...—M. J.

mo lugar. Mas a sua tarefa é ainda muito delicada, bastante contingente. Mas, enfim, deu um passo para se safar. Pior é a posição dos «leões da serra», como reflexo do revés de ontem. Ainda resta a ambos o Atlético...—M. J.



O guarda-redes da equipa serrana bloca o esférico com segurança, detendo um pontapé de «cantos»



Memórias de um guarda-redes

Nunca sentistes pena de vós próprios? Eu sinto-a hoje, como nunca! O jardim onde me encontro está inanimado, frio. A mim, ao menos, parece-me que está inanimado e frio. A água sobe e desce no chafariz. Sempre gostei deste continuo subir e descer da água.

Num banco próximo, um par ainda jovem parece tentado a colar os lábios fortemente. Do sítio onde estou não consigo vê-los bem.

Uma vez mais, tiro o jornal do bolso. Benfica, 2-Porto, 0. As páginas centrais, encabeçadas com grandes caracteres vermelhos, estão totalmente ocupadas com notícias desportivas. Lelo com avidez e noto que os meus olhos estão húmidos. Na última página vejo uma fotografia de Martinho. Muitas vezes contemplei também a minha fotografia nos jornais e revistas. Puzia-o com uma espécie de embriaguez, com tonturas na cabeça. Já passaram muitos anos desde o tempo em que fui guarda-redes do Benfica. A princípio, custava-me orer que fossem desenhadas aquelas fotografias. Ficava um pouco desfigurado pela má qualidade do papel. Parecia mais forte, mais atlético, aureolado de triunfo. Recordo-me de uma delas, em que aparecia estirado para um dos cantos da baliza, a defender nas pontas dos dedos um «tiro» estupendo do avançado-centro do Sporting. Foi uma das maiores ovações que em toda a minha vida de guarda-redes recebi. E foi também quando ao olhar para Lina, de pé, afogueada, a aplaudir freneticamente, li nos seus olhos o que há muito esperava que ela me dissesse. Mas, por muito desfigurado que aparecesse nessas fotografias, sabia que era eu. Sabia-o positivamente.

Agora descobri que nestas minhas memórias há um fundo de infantilidade, que me acompanha através dos anos, através da vida.

Lembro-me com nitidez da última tarde em que jogueli. Lina estava doente. Pediu-me que ficasse junto dela aquela tarde. Mas o Benfica disputava a final do campeonato e eu não podia faltar. Discutimos. Chamou-me egoísta, fanático, obcecado. Nos seus lábios pálidos havia um sorriso frio, estereotipado, que eu desconhecia. Decididamente, naquele dia, não era a Lina de todos os dias. Ficou-me gravada a sua imagem, precisamente assim, com aquele sorriso duro e aqueles olhos escuros, um pouco dilatados pela febre. Tudo desapareceu com o tempo: as palavras, os sentimentos. Só não passou essa imagem, que continua a atormentar-me.

No centro do campo a luta era dura. O adversário esforçava-se por encontrar o caminho das minhas balizas, que a nossa defesa, sempre atenta, cobria com facilidade. Eu tinha já feito alguns encaixes, quase automaticamente, desses que os músculos realizam sem intervenção do espírito. Sem querer, pensava em Lina e desesperava-me por não poder sumi-la do meu pensamento.

Contaram-me mais tarde como aquilo sucedeu. Estávamos a ganhar por uma bola. Numa fuga imprevista, o interior-esquerdo do Sporting, muito atreito a lances pessoais, galga a distância que separa o seu meio-campo da nossa grande área, finta os defesas num milagre de técnica e dispara a 5 metros e a 45 graus sobre as minhas redes. Quando fiz um movimento de afogado que

se agarra á boia, a bola estava já aninhada a um canto. Ninguém compreendeu como não evitei aquele tento, tão fácil, tão igual a tantos outros por mim tantas vezes defendidos. A segunda bola proveio de um «cantos», magnificamente marcado por Ribeiro e que Vicente, num dos seus elegantes movimentos de cabeça, depositou nas minhas mãos, como quem manda de longe um beijo a uma criança. Como dei meia volta e eu próprio a meti nas minhas redes nunca soube explicá-lo. Os assobios que recebi da primeira vez redobram de intensidade. Fui vaiado. Algumas vozes gritaram: «Mata esse ladrão!». Acusaram-me de estar vendendo, de estar ébrio, de estar maluco... Sei lá de que me acusaram!

A mim mesmo me chamei eu egoísta, fanático, obcecado. Mas fanático, obcecado, por quê e por quem? Enquanto estava com Lina era o jogo que me preocupava e, agora, quando estava no jogo, era Lina que me prendia.

A saída do campo foi tumultuosa. A gente gritava, vociferava. Nunca me pareceu tão selvagem a multidão, como naquela tarde, no estádio. O espectáculo tinha alguma coisa de parecido com o dos anfiteatros romanos. Doía-me horrivelmente um joelho e tinha febre.

Não tornei a jogar desde então. Tão-pouco tornei a ver Lina. Hoje estou só e velho. Desesperadamente só e isolado na vida.

Os meus olhos, sem querer, vão uma e outra vez para aquele par que além, num dos bancos do jardim, parece efectivamente que se beija. Sinto pena de mim mesmo. E uma pena... Não sei como explicá-lo, uma pena que não é só pena. Um complexo de inquietação, de tristeza, de remorso e também de vergonha. Sim, também de vergonha deste resto de meninice de espírito, se posso assim dizer, que nunca me deixa.

Recordando-me de Lina e olhando os dois jovens que se beijam, penso que talvez exista igualmente nos outros muito desta infantilidade. Este beijo, no jardim, diante de todos, não é infantil, chocante, absurdo? Quem sabe se muitos de nós não chegamos a ser completamente adultos!

Algumas crianças brincam perto do chafariz. Quem é de todos mais criança? Eu, com a minha velhice piegas, as minhas recordações, as minhas inquietações? O casal de namorados? As crianças, que constroem as suas fantasias com a terra húmida dos canteiros?

Não conheço os namorados. Não conheço as crianças. Nunca os vi nem tornarei a ver. E, no entanto, dão-me neste momento uma sensação consoladora de companhia que, não sei porquê, acentua a minha pena. Uma pena que não é só pena, mas muitas coisas mais, nascidas da minha mentalidade desconexa, desta tendência para o trágico e o absurdo.

Tenho o frio. As crianças continuam a brincar com a terra húmida e não sentem frio. O par continua a beijar-se e não tem frio também. Um guarda dá voltas ao jardim, numa bicicleta. Não deve tão-pouco sentir frio o guarda. Só eu o sinto. Um frio feito da minha pena, de Lina e do meu remorso, do Benfica e da minha velhice.

PILAR R. DE ALBUQUERQUE

GRANDE TORNEIO de basquetebol

O sorteio para o grande torneio de basquetebol, organizado pela Associação lisboeta da modalidade, efectua-se hoje, às 21,30 horas.

Maria Marques Jorge

Na Ordem Terceira de S. Francisco, foi submetida a uma operação cirúrgica que decorreu da melhor forma, a gentil atleta do Sporting, Maria Isabel Marques Jorge que se encontra em franco restabelecimento.

Nas várias séries já há guias destacados

Na segunda jornada das oito séries que constituem o «Nacional» da 3.ª Divisão, disputaram-se alguns jogos que estavam a ser aguardados com justificada curiosidade. Poucos clubes conseguiram azeitar pontos fora de casa. O êxito mais volumoso foi o que o S. L. Castelo Branco, campeão do distrito, alcançou em Gouveia, contra o Sporting, campeão do distrito da Guarda. Nada menos do que 8-0! E' até, agora, o «record» da prova. Já foi possível haver guias destacados. E já também começaram a desenhar-se as possibilidades das equipas mais bem apetrechadas. As várias provas, nunca será demais repetir, são de curta duração e por isso não permitem, por aí além, brilhantes recuperações. Ai, portanto, das equipas que cedo se atiram de maneira pronunciada! Poderão acalantar legítimas aspirações, mas ser-lhes-á muito difícil recuperar o terreno perdido.

Eis o balanço habitual dos acontecimentos da jornada:

Zona A—Primeira Série—No seu campo, o Desportivo de Bragança alcançou um bom triunfo sobre o F. C. Fafe (1-0). «Os Limianos» foram ganhar à Régua por 3-1. E, na sua terra, no jogo mais interessante da prova, o Sporting de Fafe infligiu 3-0 ao S. C. Vila Real. Os clubes do Minho, na luta

contra os de Vila Real e de Bragança, estiveram, pois, em evidência.

Classificação: «Os Limianos», 4 pontos e 5 golos marcados e 2 sofridos; Sporting de Fafe, 2 p. (3-1); Vila Real, 2 p. (3-3); Bragança, 2 p. (2-2); F. C. Fafe, 2 p. (1-1); Regua, 0 p. (1-6).

Zona A—Segunda Série—Os clubes do Porto contra os de Aveiro. Vantagem para os da capital do Norte. Porque, nos seus campos, o Académico venceu o Pejão, de Castelo de Paiva, por 8-1, e o Leça, no encontro mais interessante da ronda, desfez-se da Oliveirense, por 1-0. Avenas, em Aveiro, o Beira Mar ganhou ao Rio Ave por 2-1, desfrutando de expressiva superioridade, que o resultado está longe de reflectir.

Classificação: Leça, 4 p. (3-1); Beira Mar, 3 p. (3-2); Académico, 2 p. (9-3); Oliveirense, 2 p. (2-2); Pejão, 1 p. (2-9); Rio Ave, 0 p. (2-4).

Zona B—Terceira Série—O Mortágua obteve em Unhais da Serra o empate de 1-1 e, como já referimos, o Castelo Branco alcançou em Gouveia a vitória de 8-0. Em Viseu, entre clubes vizinhos, e um encontro desagradável, o Académico ganhou ao Lusitano de Vilademoinhos por 2-1.

Classificação: Castelo Branco, 4 p. (14-1); Académico, 4 p. (7-1); Mortágua, 3 p. (7-1); Unhais da Serra, 1 p. (1-6); Lusitano, 0 p. (2-8); Gouveia, 0 p. (0-14).

Zona C—Quarta Série—Dois desafios entre clubes da mesma região (Naval 1.ª de Maio, 2-«Os Marialvas», 1 e Marrazes, 0-Atencu de Leiria, 0) e outro entre representantes de Leiria (S. L. Marinha) e de Coimbra (Norte e Soure). Este, efectuado em Soure, terminou com a vitória dos locais por 2-0. Não se esperava que os campeões leirien-ses socorrassem desta forma.

Classificação: Ateneu 3 p. (3-0); «Os Marialvas», 2 p. (4-2); S. L. Marinha, 2 p. (2-3); Norte e Soure, 2 p. (2-3); Naval, 2 p. (2-4); Marrazes, 1 p. (1-2).

Zona C—Quinta Série—Os clubes de Lisboa tiveram sorte diferente. No seu campo, o Alhandra venceu os Ferroviários do Entroncamento por 4-0 e em Torres Novas o Aguiar Vilafrancense perdeu por 4-1. Entre clubes da região de Santarém, o Alcanenense venceu em Benavente por 3-2.

Classificação: Alhandra, 4 p. (6-1); Torres Novas, 2 p. (5-3); Alcanenense, 2 p. (4-4); Aguiar, 2 p. (4-5); Ferroviários, 2 p. (2-5); Benavente, 0 p. (3-6).

Zona C—Sexta Série—O Seixal conquistou merecido empate no campo da Costa de Caparica. No seu ambiente, o Sacavenense não foi além de 2-1 sobre o Sintrense e, no Barreiro, o Luso bateu o Cova da Piedade, campeão do distrito setubalense, por 3-0, resultado que surpreende um pouco, atendendo ao valor dos piedenses.

Classificação: Cova da Piedade, 3 p. (5-3); Seixal, 3 p. (3-2); Costa de Caparica, 2 p. (4-4); Sacavenense, 2 p. (2-3); Luso, 2 p. (3-4); Sintrense, 1 p. (3-4).

Zona D—Sétima Série—No seu campo, «O Elvas» venceu o Campomaiorense por 2-0 e o Estrela de Portalegre foi a cidade-museu im-por o empate de 1-1 ao S. L. Évora.

Desta vez folgou o Estrela de Vendas Novas.

Classificação: «O Elvas», 4 p. (6-2); Campomaiorense, 2 p. (4-3); Estrela de Vendas Novas, 1 p. (3-5); Estrela de Portalegre, 1 p. (1-1); S. L. Évora, 1 p. (2-5).

Zona D—Oitava Série—Em S. Brás de Alportel, o clube local alcançou magnífico triunfo sobre o S. Domingos (8-0). Em Vila Real de Santo António, o F. C. Serpa obteve excelente empate (0-0) e o Esperança de Lagos, no ambiente dos adversários, também obteve bom resultado, o empate de 3-3. A luta entre os clubes de Beja e de Faro entrou, assim, numa fase de grande expectativa. Os Algarvios creditaram-se de vantagem, desta vez: dois empates e uma vitória.

Classificação: F. C. Serpa, 3 p. (6-0); Lusitano, 3 p. (7-1); Sambrasense, 2 p. (8-9); S. Domingos, 2 p. (5-8); Aljustrelense, 1 p. (3-5); Esperança de Lagos, 1 p. (4-10).

CIGARRILHAS E CHARUTOS

KARELI

MAIS SUAVES E AROMÁTICOS

NO-NIK

A BOQUILHA ANTI-NICOTINA QUE OS MEDICOS RECOMENDAM

FINAL DE JUNIORES

Ausência de manobra colectiva

Alguns milhares de adeptos do Benfica e do Sporting não temendo a chuva, que se julgava certa, treparam a inóspita mas saudável rampa da Tapada da Aujda para verem o encontro entre os dois velhos rivais, em que se dirimiu o título de campeão de juniores da Associação de Futebol de Lisboa.

Mas, a despeito da farta concorrência de público, é nossa persuasão de que muito deixou de se deslocar às instalações desportivas do menos afortunado Atlético, por considerar isso uma aventura, uma nada desejável oportunidade de apañar uma molha desconsoladora.

Talvez, porém, essa molha não fosse tão desconsoladora como foi a partida proporcionada por verdes e encarnados, os quais, durante os oitenta minutos, ou seja, o tempo total da sua duração, não adregeram construir uma dezena de lances com princípio, meio e fim.

Terá havido — e houve — muitas vezes, quer de um lado, quer do outro, a visível preocupação de traçar esquemas que dessem ao público e, de certo, à crítica, a certeza de que a carreira fulgurante de um e do outro, na competição agora finda, não foi alicerçada em adversários de reduzido conteúdo futebolístico. Mas, essa preocupação, por factores de ordem diversa, como sempre, não passou em boa verdade, de... preocupação.

Todos os ensinamentos, ou quase todos, ministrados pelos orientadores técnicos dos dois quadros, não foram transplantados para o terreno e tudo decorreu sem vislumbre de manobra colectiva.

Disse-se, e com fundamento, que os «leões» e «águias» não produziram «associações» de bom quilate. No entanto, o Sporting, particularmente no segundo trecho da parti-



O presidente da A. F. L. entrega a taça do campeonato ao capitão da equipa do Sporting

da, exibiu-se de molde a merecer, inteiramente, continuar com o título na sua posse. A sua defesa, quando chamada a intervir em lances de bola pelo ar — e foram tantos os delineados pelo Benfica nesse processo — tinha nítida vantagem, podendo até dizer-se que o seu médio-centro não perdeu uma intercepção nessas condições.

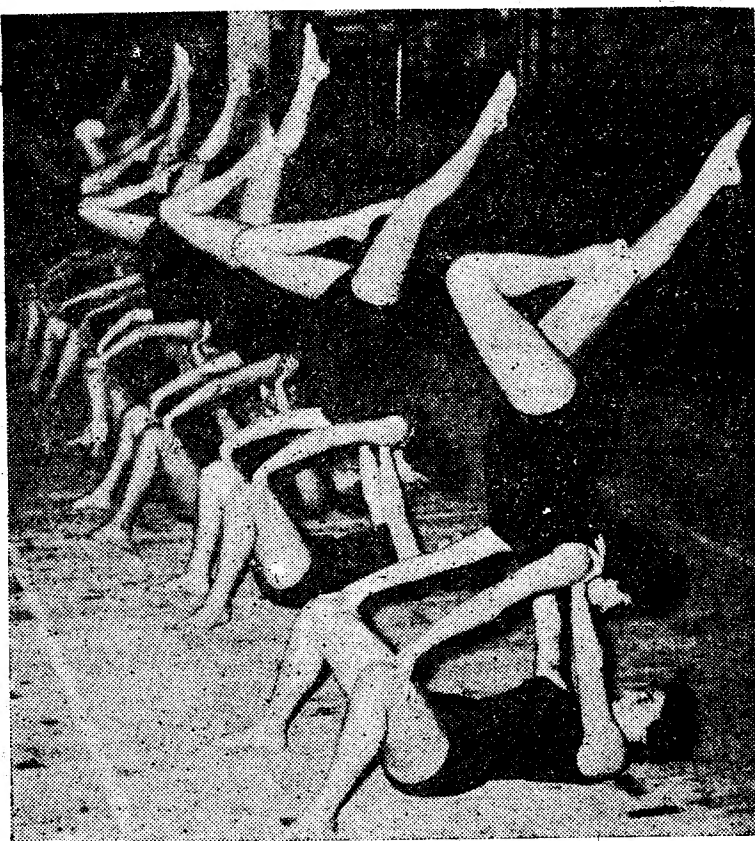
Os dois médios de ataque «leões» foram excelentes colaboradores dos seus companheiros da retaguarda. O numero 6 demonstrou, até, ser detentor de estupefata intuição para a missão de que o incumbiram.

No sector dianteiro, Sampaio e Oscar foram de mais utilidade, mas, como os seus três companheiros ressentiram-se do retraimento de Nélito e França. Resta mencionar o guarda-redes. Passo, que mal batido no tento, foi depois obrigado a algumas paradas que o creditaram como figura de interesse.

O Benfica teve em Silva, um dos principais motivos da derrota. Contudo, a uma defesa que sofre dois golos não se pode imputar grandes responsabilidades de um desaire. O mesmo não acontece a um ataque que não logra converter mais de uma das várias oportunidades que se lhe deparam ao longo do desafio.

Parece-nos ser este o caso do Benfica — consentiu a sua defesa dois tentos, dois tentos pouco «recomendáveis» para uma defesa; mas, os seus atacantes limitaram-se a assinar, de parceria com o guarda-redes adversário, um único golo.

JOSE GRAIS



A classe de senhoras do Lisboa Ginásio em pleno treino

Foi difícil mas justa a vitória do Lusitano

por José Diana

Os Eborenses começaram a jogar em bom estilo, como a dizer que cedo estaria encontrado o vencedor da partida e aos quinze minutos, já Flora, José Pedro e Batalha, com o guarda-redes batido, tinham visto o esférico chocar com o poste, ou sair junto a ele, perdendo golos, dos chamados inevitáveis.

Com o decorrer do encontro, aumentou a superioridade do Lusitano, na realidade, a equipa mais compenetrada que andou no relvado, embora sem atingir plano elevado.

Devemos até dizer que a equipa eborense oscilou, muito no sector defensivo, onde Falé e Paixão tiveram actuação mediocre e o guarda-redes Vital, cuja boa forma tem sido salientada, também não esteve feliz nas suas intervenções. Esta incerteza do bloco defensivo lusitano originou os dois golos sofridos pela equipa e até, certo ponto, podia ter comprometido a vitória, conseguida só a dez minutos do fim, com um remate colocado e inesperado de Caraga.

Foram os sectores médio e atacante aqueles que actuaram no plano habitual e, embora afectados pela pouca confiança nos seus companheiros da rectaguarda, conseguiram no entanto, exibição suficiente para justificar clara superioridade e maior domínio de jogo em relação ao adversário, acabando por obter difícil, mas justíssima vitória.

Ao referirmos difícil triunfo, queremos dizer que a infelicidade perseguiu, frequentemente, os jogadores eborenses, que, ainda por cima, tiveram de suportar uma arbitragem que lhes foi prejudicial em muitas ocasiões e que teve — e podia ter tido ainda mais influência no resultado da partida. Mas adiante falaremos da arbitragem.

O Barreirense foi uma equipa aguerrida mas revelando pouca harmonia de jogo, actuando mais em rasgos individuais do que em manobra colectiva. O sector defensivo é servido por homens que, denotando pouca capacidade técnica, pretendem suprir essa inferioridade, através de muita dureza, na maior parte das vezes, á margem das leis. Neste aspecto, os avançados do Lusitano foram impiedosamente perseguidos, pois, só assim, os conseguiram travar. Com o empate a duas bolas, o Barreirense entrou, no segundo tempo, a jogar, exclusivamente, com a intenção de defesa e deixando só José Augusto e Oñoro á espreita de um possível contra-ataque.

Procurou, então, a equipa queimar tempo, demorando a reposição do esférico em jogo, quer em lançamentos de linha lateral, quer nos pontapés de saída.

Quer-nos parecer que isto é que se trata de um futebol negativo ou

O sarau do Lisboa Ginásio — primeiro grande acontecimento da ginástica em 1957

O sarau que o Lisboa Ginásio leva na próxima quarta-feira a efeito, no Coliseu dos Recreios, reveste-se de aspectos interessantes, alguns dos quais poderemos antecipadamente assinalar.

Nem pelo facto de tratar-se de uma manifestação tradicional, e tão enraizada nos hábitos do público desportivo lisboeta, em especial da-quele que compreende e ampara com o seu estímulo, na altura própria, as iniciativas envoltas em pureza e humanitarismo, como as da ginástica, a festa do simpático e prestimoso clube desmerece de curiosidade.

Os festivais de ginástica são sempre espectáculos a que vale a pena assistir: espectáculos protagonizados por um lote esclarecido de praticantes que colocam todo o seu entusiasmo e todo o seu préstimo incondicionalmente ao serviço de uma causa que tem tanto de bela como de produtiva. Um ideal que transcende os interesses de cada e de todos os ginastas, para se situar num plano colectivo, nacional.

Servem os saraus, das colectividades de educação física para conseguir fundos que permitam o prolongamento duma obra admirável e profícua, quicá, o melhoramento dessa actividade que visa milhares de indivíduos dos dois sexos, desde a idade mais tenra. Por outro lado, faz-se a propaganda do clube, através do exemplo mais são recrutando-se mais elementos para a causa, parcelas imprescindíveis para o «vigoramento físico que gera os alicerces do progresso geral».

O Lisboa Ginásio é das agremiações mais intimamente relacionadas com esse espírito maravilhoso e esse objectivo sublime, que requer compreensão, estímulo e correspondência. Eis porque o sarau de quarta-feira, além de constituir o primeiro grande acontecimento ginástico do ano, justifica a presença e o calor dos aplausos daquelas milhares de pessoas que se reúnem em limitado numero de vezes em cada época para gozar em toda a plenitude um espectáculo belo e emocionante montado por gente que tem o moral como unico lucro.

Para fechar, bem a propósito, não resistimos á tentação de descrever um pequeno facto, bom demonstrador do alto espirito com que estes saraus são compreendidos por aqueles que, desinteressadamente, por vezes, até arrojadamente, dão o seu esforço:

Ermelinda Pinto, valorosa ginasta, fracturou recentemente um pé, em treino de voos, o que desfalcou sobremaneira a equipa do mestre Rogério Torres. Entretanto, outro «voador», Amílcar Guerra, lesionou-se fortemente, e o espectacular numero correu sério risco de ausência no festival. Ao conhecer o segundo acidente, Ermelinda, apenas extraído o gesso, e apesar de debilitada física e psicologicamente, compareceu no treino seguinte, disposta a ocupar a vaga do seu companheiro!... «Os voos tinham que ir!» — e vão realmente, por felicidade sem o sacrifício, embora voluntário, da generosa ginasta...

CESAR FAUSTINO

RAGUEBI

O Belenenses

em destaque

Com a participação de sete equipas — Belenenses, Benfica, Sporting, Direito, C. D. U. L., Agronomia e Internacional — começou ontem a disputar-se o campeonato de Lisboa de Raguebi.

O facto mais saliente desta primeira jornada foi a excelente exibição da equipa do Belenenses, com destaque para a sua linha de «três-quartos». Este sector dos campeões conseguiu fazer todo o encontro sem deixar cair uma só vez a bola, o que é verdadeiramente notável e revela bem o treino a que se tem submetido, pois não é fácil a técnica do raguebi.

O Internacional sofreu do Belenenses uma pesada derrota, não pela superioridade revelada pelos «três-quartos» de Belém, mas ainda pela exibição pouco acertada dos avançados do C. I. F.

Na equipa de Agronomia, que tem andado a dar pouco rendimento, reapareceram alguns veteranos que levaram á equipa um pouco daquela chama que a colocou em primeiro plano há épocas atrás. Embora revelando-se tecnicamente inferior, conseguiu empatar com Direito e ganhar assim entusiasmo para fazer boa carreira na prova e, possivelmente, reconquistar o seu antigo prestígio.

Outro facto notável foi a renovação operada na equipa do Sporting que, ao contrário de Agronomia, afastou quase todos os seus veteranos. Não conseguiu vencer a forte equipa do Centro Universitário, mas fez exibição auspiciosa.

O Benfica descansou.

